

TATIANA MAZZA DA SILVA

**GRAMATICALIZAÇÃO DE JUNTIVOS ADVERSATIVOS NA
HISTÓRIA DO PORTUGUÊS**

São José do Rio Preto
2010

TATIANA MAZZA DA SILVA

**GRAMATICALIZAÇÃO DE JUNTIVOS ADVERSATIVOS NA
HISTÓRIA DO PORTUGUÊS**

Dissertação apresentada para obtenção do título de Mestre em Estudos Linguísticos, área de Análise Linguística junto ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Câmpus de São José do Rio Preto.

Bolsa: FAPESP (processo nº 08/52009-3)

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Sebastião Carlos Leite Gonçalves
Professor Assistente Doutor
UNESP – São José do Rio Preto
Orientador

Prof^a. Dr^a. Mariângela Rios de Oliveira
Professor Doutor
Universidade Federal Fluminense

Prof^a. Dr^a. Gisele Cássia de Sousa
Professor Assistente Doutor
UNESP – São José do Rio Preto

São José do Rio Preto, 18 de maio de 2010

Silva, Tatiana Mazza da.

Gramaticalização de conjuntivos adversativos na história do português /
Tatiana Mazza da Silva. - São José do Rio Preto : [s.n.], 2010.

174 f. ; 30 cm.

Orientador: Sebastião Carlos Leite Gonçalves

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista, Instituto de
Biotecnologia, Letras e Ciências Exatas

1. Linguística histórica. 2. Gramaticalização. 3. Conjunção
adversativa. I. Gonçalves, Sebastião Carlos Leite. II. Universidade
Estadual Paulista, Instituto de Biotecnologia, Letras e Ciências Exatas. III.
Título.

CDU - 81-112

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca do IBILCE
Campus de São José do Rio Preto - UNESP

DEDICATÓRIA

*Ao meu vovô Mazza (in memoriam) e a minha filha, Maria Eduarda,
Luzes da minha vida*

AGRADECIMENTOS

A Deus e a Nossa Senhora por sempre terem me dado a força necessária para seguir.

Ao Prof. Dr. Sebastião Carlos Leite Gonçalves, pela orientação exemplar e pela amizade que construímos ao longo desses dois anos de trabalho. A minha eterna gratidão, pela confiança depositada em meu trabalho.

Ao meu vovô Mazza, mesmo não estando mais entre nós, ensinou-me a acreditar que o querer é um passo para o poder, basta persistir.

Aos meus pais, que, na simplicidade, tentaram entender a minha escolha profissional. Obrigada por sempre darem as condições necessárias para eu seguir essa escolha.

À Maria Eduarda, minha amada filha, pelas vezes que me faz esquecer “um pouco” do trabalho e voltar para o mundo do *Era uma vez, num reino muito distante...*

A todos os professores da graduação que sempre me incentivaram a seguir pelos caminhos da Linguística.

À professora Gisele, pelo exemplo de professora, pela amizade e pelas sugestões que sempre fez ao meu trabalho, especialmente, no exame de qualificação e na defesa.

À professora Anna Flora, pela amizade, pelas palavras sábias nos momentos difíceis e pela contribuição no exame de qualificação.

À Profa. Dra. Mariângela Rios, pelas contribuições muito sábias feitas na defesa do trabalho.

Ao Prof. Dr. Américo Venâncio Lopes Filho, da UFBA, por ter me enviado o *corpus* do BIT-PROHPOR e pelas discussões sobre o rumo da pesquisa diacrônica.

À Profa. Dra. Angélica Rodrigues, à Profa. Dra. Maria Luiza Braga, à Profa. Dra. Mariângela Rios e à Profa. Dra. Maria Helena de Moura Neves que, durante as discussões de congressos, fizeram grandes contribuições para o desenvolvimento dessa pesquisa.

Aos meus amigos de graduação, Aline, Fernando Henrique, Guilherme, Jaqueline, Natália Feres e Sheila, que sempre estiveram ao meu lado, aguentando as minhas neuroses acadêmicas.

Aos amigos de pós-graduação, Ana Helena, Ana Maria, Carla Fusca, Cássio, Danti, Flávia, Maura, Michel, Marcos, Mircia, Viviane, pela amizade, pelas sugestões ao meu trabalho e por sempre ter tornado as viagens aos congressos mais agradáveis.

Ao amigo-irmão Vinicius, pelos cafés-terapias, pelas horas de conversas, pelas viagens, pela vibração em cada conquista minha. Enfim, obrigado por ser o irmão mais velho que eu sempre desejei ter.

Aos amigos Ana Maria, André, Angélica, Beatriz, Naty, Renata e Wilson, amigos, que sempre estiveram ao meu lado me apoiando nos momentos que foram precisos, mesmo não entendendo do meu trabalho.

Ao *lieber* Paul, que, no momento mais crítico dessa dissertação, segurou comigo *as pontas* e me mostrou que era apenas uma etapa a ser cumprida. *Danke, mein Schatz!*

Aos funcionários da Seção de Pós-Graduação do IBILCE.

À Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo, FAPESP, pela bolsa concedida.

SAÚDE

Apesar, contudo, todavia, mas, porém

As águas vão rolar

Rita Lee

SILVA, Tatiana Mazza da. **Gramaticalização de juntivos adversativos na história do português**. 2010. 174f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas. Universidade Estadual Paulista.

RESUMO

O objetivo geral desse trabalho é investigar a mudança sintático-semântico-pragmática dos juntivos *porém*, *contudo*, *todavia*, *entretanto* e *no entanto*, conjuntamente, sob a perspectiva da gramaticalização, a fim de buscar a comprovação da hipótese de uma trajetória do tipo *advérbio* > *conjunção*, por meio de análises contextuais que expliquem o surgimento do uso conjuncional adversativo na história do português. Adotamos, nesse trabalho, a concepção mais clássica de gramaticalização, a qual, segundo Hopper e Traugott (2003), prevê que itens lexicais podem, em determinados contextos, passar a assumir funções gramaticais ou, se já gramaticalizados, continuar a desenvolver novas funções gramaticais. Esse processo envolve pragmatização crescente de significados (mudança semântica) e recategorização do item (mudança sintática). A investigação das mudanças pelas quais passaram os itens por nós analisados baseia-se em um *corpus* composto de textos históricos e textos do português contemporâneo, compreendendo os períodos arcaico (século XIII a XV), moderno (XVI e XVII) e contemporâneo (XVIII a XXI).

Considerando fatores de ordem semântica, sintática e pragmática na recomposição da trajetória de gramaticalização de cada um dos itens, podemos atestar que seus funcionamentos adversativo e conjuncional emergiram em diferentes momentos da história do português, fato que, no português contemporâneo, os colocam em diferentes pontos em uma escala de gramaticalização, a saber: *porém* > *todavia*, *contudo* > *entretanto* > *no entanto*.

Palavras-chave: linguística histórica; gramaticalização; conjunção adversativa.

SILVA, Tatiana Mazza da. **Grammaticalization of adversative junctives in the Portuguese history**. 2010. 174f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas. Universidade Estadual Paulista.

ABSTRACT

The aim of this dissertation is to investigate the syntactic, semantic, pragmatic change of the junctives *porém*, *contudo*, *todavia*, *entretanto* and *no entanto* under the perspective of grammaticalization in order to search for the evidence of the hypothesis of a trajectory of the kind *adverb* > *conjunction* through contextual analysis which can explain the origin of the adversative use as a conjunction in the history of Portuguese. We adopted, in this paper, the most classical concept of grammaticalization, which, according to Hopper and Traugott (2003), foresees that lexical items can, in some contexts, assume grammatical functions or continue to develop new ones. This process involves growing pragmatization of meanings (semantic change) and recategorization of the item (syntactic change). The investigation of the junctives changes analyzed in this paper is based on a corpus composed of historical texts and texts of contemporary Portuguese, which comprehends the archaic (century XIII to XV), modern (XVI and XVII) and contemporary (XVIII to XXI) periods.

Considering the semantic, syntactic and pragmatic factors in the reconstruction of the trajectory of grammaticalization of each one of the junctives, we can attest that the adversative and conjunctive functioning emerged in different moments in the history of Portuguese, a fact that, in contemporary Portuguese, put them in different points on the grammaticalization scale, which is: *porém* > *todavia*, *contudo* > *entretanto* > *no entanto*.

Keywords: historical linguistics; grammaticalization; adversative conjunction.

LISTA DE QUADROS, TABELAS E GRÁFICOS

LISTA DE QUADROS

	p.
Quadro 1: Estágios de evolução da língua (Humboldt (1822, <i>apud</i> HOPPER & TRAUGOTT, 1993, p. 18-19)	20
Quadro 2: Conceitos lexicais e conceitos gramaticais	25
Quadro 3: Classificação das formas de discurso. (GONÇALVES <i>et al.</i> , 2007)	27
Quadro 4: Correlação entre categorias metafóricas, classes de palavras e tipos de constituintes (HEINE <i>et al.</i> , 1991, p.53-54)	35
Quadro 5: Diferença entre metonímia e metáfora. (GONÇALVES <i>et al.</i> , 2007, p.40)	38
Quadro 6: Matriz de traços semânticos que se aplicam aos diferentes advérbios juntivos	67
Quadro 7: Fatores identificadores de usos adverbiais e conjuncionais dos itens a serem pesquisados	94

LISTA DE TABELAS

	p.
Tabela 1: Frequência geral dos itens de XIII a XXI	99
Tabela 2: Frequência <i>token</i> e <i>type</i> totais de <i>contudo</i> na história do português (séc. XIV a XXI)	102
Tabela 3: Frequência das posições sintáticas de <i>contudo</i> na história do português (séc. XIV a XXI)	106
Tabela 4: O uso de <i>contudo</i> em presença de elemento de negação ao longo da história do português (séc. XIV a XXI)	110
Tabela 5: Estratégias argumentativas de <i>contudo</i> (adversativo) do século XIV ao XXI	111
Tabela 6: Frequência <i>token</i> e <i>type</i> totais de <i>todavia</i> na história do português (séc. XIII a XXI)	114
Tabela 7: Frequência das posições sintáticas de <i>todavia</i> na história do português (séc. XIII a XXI)	118
Tabela 8: O uso de <i>todavia</i> em presença de elemento de negação ao longo da história do português (séc. XIII a XXI)	121
Tabela 9: Estratégias argumentativas de <i>todavia</i> (adversativo) do século XIII ao XXI	123
Tabela 10: Frequência <i>token</i> e <i>type</i> totais de <i>entretanto</i> na história do português (séc. XVI a XXI)	125
Tabela 11: Frequência das posições sintáticas de <i>entretanto</i> na história do português (séc. XVI a XXI)	128
Tabela 12: O uso de <i>entretanto</i> em presença de elemento de negação ao longo da história do português (séc. XVI a XXI)	131
Tabela 13: Estratégias argumentativas de <i>entretanto</i> (adversativo) do século XVI ao XXI	133
Tabela 14: Frequência <i>token</i> e <i>type</i> totais de <i>no entanto</i> na história do português (séc. XIII a XXI)	136
Tabela 15: Frequência das posições sintáticas de <i>no entanto</i> na história do português (séc. XIII a XXI)	139

Tabela 16:	O uso de <i>no entanto</i> em presença de elemento de negação ao longo da história do português (séc. XIII a XXI)	141
Tabela 17:	Estratégias argumentativas de <i>no entanto</i> (adversativo) dos séculos XX e XXI	142
Tabela 18:	Frequência <i>token</i> e <i>type</i> totais de <i>porém</i> na história do português (séc. XIII a XXI)	145
Tabela 19:	Frequência das posições sintáticas de <i>porém</i> na história do português (séc. XIII a XXI)	149
Tabela 20:	O uso de <i>porém</i> em presença de elemento de negação ao longo da história do português (séc. XVI a XXI)	152
Tabela 21:	Estratégias argumentativas de <i>porém</i> (adversativo) dos séculos XX e XXI	154
Tabela 22:	As funções semânticas dos juntivos distribuídas nos níveis de articulação	156
Tabela 23:	As categorias sintáticas dos juntivos distribuídas nos níveis de articulação	157
Tabela 24:	A relação adversativa para os diferentes itens na história da língua portuguesa	160

LISTA DE GRÁFICOS

		p.
Gráfico 1:	A frequência <i>token</i> dos itens por século	100
Gráfico 2:	Frequência <i>token</i> de <i>contudo</i> do século XIV ao XXI	101
Gráfico 3:	O desenvolvimento categorial de <i>contudo</i> do século XIV ao XXI	107
Gráfico 4:	Os valores semânticos de <i>contudo</i> do século XIV ao XXI	108
Gráfico 5:	Frequência <i>token</i> de <i>todavia</i> do século XIII ao XXI	113
Gráfico 6:	O desenvolvimento categorial de <i>todavia</i> do século XIII ao XXI	119
Gráfico 7:	Os valores semânticos de <i>todavia</i> do século XIII ao XXI	120
Gráfico 8:	Frequência <i>token</i> de <i>entretanto</i> do século XVI ao XXI	125
Gráfico 9:	O desenvolvimento categorial de <i>entretanto</i> do século XVI ao XXI	128
Gráfico 10:	Os valores semânticos de <i>entretanto</i> dos séculos XVI ao XXI	130
Gráfico 11:	Frequência <i>token</i> de <i>no entanto</i> do século XIII ao XXI	135
Gráfico 12:	O desenvolvimento categorial de <i>no entanto</i> do século XIII ao XXI	139
Gráfico 13:	Os valores semânticos de <i>no entanto</i> dos séculos XIII ao XXI	140
Gráfico 14:	Frequência <i>token</i> de <i>porém</i> do século XIII ao XXI	144
Gráfico 15:	O desenvolvimento categorial de <i>porém</i> do século XVI ao XXI	150
Gráfico 16:	Os valores semânticos de <i>porém</i> do século XIII ao XXI	151
Gráfico 17:	A trajetória dos itens investigados na história da língua portuguesa	159

SUMÁRIO

	P.
INTRODUÇÃO	12
1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	19
1.1. Os precursores da gramaticalização	19
1.2. A Gramaticalização	23
1.2.1. A distinção entre unidade lexical e unidade gramatical	23
1.2.2. Gramaticalização: definição	26
1.2.3. Perspectiva da gramaticalização: sincronia, diacronia ou pancronia	29
1.2.4. O caminho da gramaticalização	30
1.2.5. Mecanismos de mudança da gramaticalização	33
1.2.5.1. Metáfora	33
1.2.5.2. Metonímia	36
1.2.5.3. Reanálise	38
1.2.5.4. Analogia	39
1.3. Trabalhos anteriores	41
2. ASPECTOS SINTÁTICO-SEMÂNTICOS DAS CONJUNÇÕES ADVERSATIVAS	46
2.1. O estatuto das conjunções adversativas em português	46
2.2. Articulação de orações: coordenação	49
2.3. A mudança semântica das conjunções	54
2.3.1. Eve Sweetser	54
2.3.2. Elizabeth Traugott (1982, 1999) e E. Traugott & E. König (1991) – a mudança semântica em gramaticalização	56
3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	61
3.1. Composição dos <i>corpora</i>	61
3.2. Apuração de frequência e análise dos dados	63
3.3. Por uma definição dos juntivos mais gramaticalizados	66
4. A GRAMATICALIZAÇÃO DOS ADVÉRBIOS JUNTIVOS ADVERSATIVOS <i>PORÉM, CONTUDO, TODAVIA, ENTRETANTO E NO ENTANTO</i>	98
4.1. Apresentação geral	98
4.2. A gramaticalização dos advérbios juntivos adversativos	101
4.2.1. <i>Contudo</i>	101
4.2.2. <i>Todavia</i>	112
4.2.3. <i>Entretanto</i>	124
4.2.4. <i>No entanto</i>	134
4.2.5. <i>Porém</i>	143
4.3. Grupo de fatores pouco relevantes na análise dos juntivos	155
4.4. Análise comparativa de <i>porém, contudo, todavia, entretanto e no entanto</i>	159
CONSIDERAÇÕES FINAIS	163
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	167
ANEXOS	171

INTRODUÇÃO

Nesta pesquisa, investigamos, com base em diferentes sincronias da língua portuguesa, as mudanças sintáticas, semânticas e pragmáticas por que passaram os advérbios *porém*, *contudo*, *todavia*, *entretanto* e *no entanto*, conjuntamente, sob a perspectiva da gramaticalização, levando em consideração os elementos contextuais que contribuíram para que esses itens assumissem, em determinada sincronia, além do caráter juntivo, também um valor adversativo. Para apreendermos esses contextos, conjugamos as perspectivas sincrônica e diacrônica: por meio da investigação sincrônica, verificamos como os itens se comportam sintática e semanticamente e, pela diacronia, levantamos os contextos que explicam o desenvolvimento conjuncional e adversativo desses elementos. Recorre-se assim ao passado para explicar o presente.

A hipótese investigada é a de que os atuais usos juntivos desses itens são resultantes de um processo de gramaticalização na história do português, que envolve a passagem de *advérbio* > *advérbio juntivo* (> *conjunção*), trajetória que se assemelha à gramaticalização da conjunção adversativa *mas*, aqui usada como controle para checar o grau de gramaticalidade dos itens em análise.

Para o alcance do objetivo maior, percorremos os caminhos percorridos:

- a) descrevemos em cada sincronia as mudanças sintáticas, semânticas e pragmáticas por que passam os itens;
- b) analisamos a contribuição dos mecanismos atuantes na mudança via gramaticalização, a metáfora e a metonímia, tendo em vista a polêmica que se estabelece em torno de sancionar quais desses mecanismos prevalecem na mudança das conjunções adversativas;¹

¹ Confronte Said Ali (1964), Câmara (1975), Castilho (2004), para a defesa da atuação da metonímia, e Rocha (2006), para a da metáfora.

c) analisamos os valores lógico-argumentativas dos usos adversativos dos itens (DUCROT, 1977 e 1981), relacionadas à distribuição de informação, a fim de depreendermos se, com o aumento da gramaticalização do item, há um aumento dos diferentes tipos de estratégias por ele atualizadas;

d) comparamos os diferentes funcionamentos de cada um dos itens ao o funcionamento da conjunção *mas*, por meio da possibilidade de paráfrase, com vistas a sancionar os usos que podem ser considerados mais gramaticalizados;

e) a partir dos resultados alcançados para cada item em cada uma das sincronias, propomos escalas que mostram: (i) a gramaticalidade dos diferentes usos de cada item; (ii) para cada um deles, a emergência do uso conjuncional e adversativo na história do português; (iii) entre eles, quais estão mais gramaticalizados e quais estão menos gramaticalizados.

Em seus estudos descritivos a respeito dos itens adversativos em questão, Neves (1998, 2000) observa que esses não se comportam como a conjunção adversativa prototípica *mas*, pois, diferentemente de *mas*, eles não têm uma posição fixa no início da segunda oração a que se ligam e podem co-ocorrer com outras conjunções, inclusive com o próprio *mas*. Segundo gramáticos históricos (SAID ALI, 1964; NUNES, 1975), esse comportamento diferenciado é resquício de origens adverbiais, o que, a nosso ver, parece ser uma justificativa forte o suficiente para não lhes atribuir o estatuto de conjunção prototípica. Neves (2000) prefere classificá-los como *advérbios juntivos* – advérbio, de valor anafórico, que equivaleria ao papel assumido por uma conjunção, como ilustram as ocorrências de 01 a 05, extraídas de Neves (2000, p.272-281).

- (01) Punam-se os maridos que agridem as mulheres, fazendo-o, *porém*, com imediatismo.
- (02) Sim, ele lhe falara no quanto era bela a morte *e contudo* continuava vivo, ele e Luciana vivos, sozinhos dentro de casa!
- (03) Aqui o ódio continuava mais intenso ainda *e, todavia*, foram obrigados a conviver na mesma senzala e como mercadoria de um mesmo proprietário.
- (04) Aí está Minas: a mineiridade. *Mas, entretanto*, cuidado.

- (05) Dante é um homem da Idade Média e Petrarca é um homem do Renascimento *e, no entanto*, são homens da mesma época.

Como se nota nas ocorrências de 1 a 5, os itens adversativos apresentam uma certa mobilidade na sentença, podendo ocorrer no início, no meio ou no fim da segunda oração e, além disso, co-ocorrer com outras conjunções, inclusive, com a adversativa *mas*.

Said Ali, ao explicar o caráter fluido dos itens adversativos, afirma que:

como correlativos enfáticos é uma aplicação puramente ocasional dos ditos vocábulos. Resta a saber se fora deste caso servem de conjunção ou de advérbio. À tendência de incluí-los na categoria das partículas adversativas em atenção a terem sentido semelhante ao da palavra *mas*, objeta-se que a sinonímia é imperfeita e tanto que se usam, ou se podem usar, concomitantemente com esta partícula. Parece antes acharem-se na fronteira indecisa que medeia entre advérbio e conjunção (SAID ALI 1964, p.223).

O autor considera que os itens se encontram na fronteira entre advérbio e conjunção. Diante dessa constatação, consideramos que os itens *porém, contudo, todavia, entretanto* e *no entanto* estão em processo de gramaticalização, e, a partir de dados efetivos da língua em uso, podemos estabelecer diferentes estágios desse processo entre usos adverbiais e usos conjuncionais. Comparativamente, é preciso analisar quais itens estão mais avançados no processo de gramaticalização e tentar buscar as motivações dessa mudança.

Os estudos desenvolvidos sobre essa temática (MATTOS E SILVA, 1984; BARRETO, 1999; ROCHA, 2006; CASTILHO, 2004; LONGHIN-THOMAZI, 2006), concluem que *porém, contudo, todavia, entretanto, no entanto* se encontram ainda em processo de gramaticalização, pois, ao compará-los com a conjunção coordenativa adversativa prototípica *mas*, observa-se que eles apresentam características não tão bem delimitadas, ou seja, ao mesmo tempo, guardam resquícios das suas fontes adverbiais, como, mobilidade posicional e co-ocorrência com outros juntivos, e estabelecem a coordenação entre orações, propriedade essa dos itens conjuncionais. O caráter fluido desses itens advém do processo de mudança categorial *advérbio > conjunção* por que eles vêm passando.

Levando em consideração as observações acima, pode-se considerar que os itens adversativos em questão colaboraram para a “reposição” do quadro conjuncional do português, pois, segundo gramáticos históricos (ALI, 1964; NUNES, 1975; CAMARA, 1975), na passagem do latim para o português, muitas conjunções foram abandonadas e, para compensar essa perda no sistema conjuncional, ocorreram vários processos de gramaticalização, em que palavras de diferentes categorias, em grande parte advérbios, passaram a funcionar como conjunções.

Quanto às conjunções adversativas, Nunes (1975) afirma que a língua portuguesa dispensou várias formas latinas, dando preferência ao item *magis*, que, desde o latim vulgar, já vinha sendo usado preferencialmente em detrimento de outras. *Magis*, no latim vulgar, era usado juntamente com a conjunção adversativa *sed*, dando ideia de “antes, preferência”. Com o passar do tempo, *magis* assimilou, por meio de processo metonímico, o sentido adversativo de *sed* e passou a ser empregada sozinha, constituindo a conjunção adversativa prototípica *mais* da fase arcaica e *mas* da fase atual.

Além da partícula adversativa *mais* (*mas*), a língua recrutou, dentre itens pertencentes a outras categorias, principalmente a dos advérbios, itens que viriam a desempenhar uma função adversativa no enunciado, como é o caso de *porém*, *todavia*, *entretanto*, *no entanto* e *contudo*. O primeiro advém de um sintagma circunstancial latino constituído de preposição + elemento pronominal – *per* + *inde* – e tinha o sentido original de *por isso*; o segundo, por sua vez, origina-se do sintagma latino *tota via*, que significa *em todo o caminho*; os três últimos advêm de sintagmas preposicionados, sendo eles respectivamente: preposição *entre* + o pronome indefinido *tanto*; preposição *in* + pronome indefinido *tantum*; preposição *cum* + pronome indefinido *totu*, com os sentidos respectivos de “entre tantas coisas”, “neste meio tempo” e “com todas as/essas coisas” (CUNHA, 1986).

De acordo com Barreto (1999), os itens analisados adquiriram o sentido adversativo por um processo metonímico, “devido ao emprego do item em sentenças negativas ou em sentenças afirmativas precedidas por sentenças negativas” (p.259).

Para análise da argumentatividade dos itens selecionados, os trabalhos de Ducrot (1977, 1981) sobre argumentação na linguagem constituem fundamental contribuição. De acordo com o autor, a argumentatividade é algo que está inscrito na própria língua, isto é, a linguagem em qualquer instância é usada para fins argumentativos. Ao elaborar um enunciado, o locutor direciona o discurso para determinadas conclusões, excluindo outras. De modo geral, todo enunciado tem uma orientação argumentativa, que indica para quais conclusões esse enunciado pode servir de argumento.

Segundo Ducrot (1977, 1981), a língua dispõe de certos elementos que têm como função encadear os enunciados, determinando a sua orientação discursiva. Esses elementos recebem o nome de operadores argumentativos ou discursivos. Entre esses operadores argumentativos, encontram-se elementos que têm a função de marcar uma relação de contração entre os enunciados, tais como, *mas*, *porém*, *contudo*, *todavia*, *no entanto*, *entretanto*, *embora* etc.

Dentre os itens que marcam essa relação de contração, Ducrot (1977) faz uma análise do item *mas* (operador argumentativo por excelência), mostrando como esse item estabelece uma relação lógico-argumentativa entre dois enunciados *p* e *q*. Nos moldes de Ducrot, os enunciados *p* e *q* são considerados argumentos para conclusões opostas: conclusão *r* e *não-r*, respectivamente. Ducrot, para explicar essa relação entre o enunciado *p* e *q*, utiliza a metáfora da balança, em que, de um lado, se tem o argumento *p*, considerado mais fraco, e, de outro, o argumento *q*, o mais forte. Como o falante dá maior importância para o enunciado *q*, a "balança" pende para a conclusão sugerida por esse enunciado (conclusão *não-r*), e por isso o sentido global do enunciado segue em acordo com a conclusão *não-r*.

O diferencial desta pesquisa em relação aos demais trabalhos desenvolvidos sob a temática apresentada fica por conta de estar sendo proposta uma investigação da mudança sintática, semântica e pragmática de cada um dos itens, conjuntamente, isto é, analisar a trajetória de *advérbio* > *conjunção*, depreender os elementos que colaboraram para o surgimento da leitura de oposição dos itens e, além disso, discutir as questões pragmático-discursivas envolvidas nesse processo, observando, principalmente, as diferentes maneiras com que os itens são empregados para estabelecer relações lógico-argumentativas entre enunciados.

Para a demonstração dos resultados a que chegamos, o trabalho está dividido em quatro capítulos.

No **primeiro capítulo**, apresentamos o arcabouço teórico que sustenta nossa investigação. Para isso, num primeiro momento, enfocamos os precursores dos estudos em gramaticalização, para, num segundo momento, expormos algumas questões teóricas como a distinção entre unidade lexical e gramatical, o caráter não-dicotômico entre *sincronia* e *diacronia*, o princípio da unidirecionalidade e os mecanismos *metáfora* e *metonímia*, *reanálise* e *analogia*. No final desse capítulo, há uma sessão dedicada a trabalhos anteriores sobre a mesma temática que investigamos, com intuito de apontarmos os avanços do nosso trabalho, em relação a esses.

Dedicamos o **segundo capítulo** à apresentação dos aspectos sintáticos e semânticos dos itens adversativos. Abordamos, num primeiro momento, a discussão que há na literatura a respeito da inclusão dos itens adversativos investigados no rol das chamadas conjunções coordenativas, principalmente das conjunções adversativas. Discutimos também o modo de articulação das orações coordenadas. Na terceira seção desse capítulo, apresentamos os aspectos mais importantes dos trabalhos de Traugott (1982), Sweetser (1990), Traugott e

König (1991) e Traugott (1999) sobre mudança semântica de conjunções, relevantes para a nossa investigação.

O **terceiro capítulo** trata dos aspectos metodológicos desta pesquisa, como a escolha dos *corpora* sincrônico e diacrônico e os critérios empregados na análise do processo de gramaticalização de cada um dos itens e no estabelecimento do *cline* de gramaticalidade entre eles.

No **quarto capítulo**, apresentamos os resultados da análise dos dados dos itens investigados, a partir dos fatores de análises discutidos no capítulo anterior. Numa primeira parte, expomos os resultados da análise de cada juntivo, depreendendo, assim, o processo de mudanças sintáticas, semânticas e pragmáticas de cada um deles. A segunda parte desse capítulo é dedicada à comparação dos itens, que resulta na escala de gramaticalidade entre eles.

Por fim, nas **considerações finais**, apresentamos os principais resultados da pesquisa. Fecham o trabalho as referências bibliográficas e os anexos, onde constam informações sobre os textos que compõem o *corpus* diacrônico.

CAPÍTULO I

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Neste capítulo, são expostos os pressupostos teóricos que guiam o trabalho. Num primeiro momento, nos reportamos aos precursores dos estudos em gramaticalização, para, depois, apresentarmos a distinção entre unidade lexical e unidade gramatical, a qual norteia as principais definições de gramaticalização; além disso, discorreremos sobre a necessidade de um tratamento não dicotômico de *sincronia* e *diacronia*, sobre o princípio da unidirecionalidade e sobre os mecanismos que regem a gramaticalização – metáfora, metonímia, reanálise e analogia. No final desse capítulo, apresentamos outros trabalhos feitos sobre a mesma temática, a fim de apontarmos os avanços do nosso trabalho.

1.1. Os precursores da gramaticalização

Não são recentes os interesses na investigação das origens e do desenvolvimento de categorias gramaticais. Segundo Heine *et al.* (1991), os estudos que poderiam ser considerados precursores da gramaticalização datam do século X, com os chineses, que reconheciam a diferença entre signos plenos e vazios, afirmando que esses se originam daqueles. Afirmação semelhante é feita no século XVIII pelos filósofos franceses, que apontavam que a complexidade gramatical e o lexema abstrato são derivados, historicamente, de lexemas concretos. No século XIX, Tooke apresenta a noção de “abreviação” ou “mutilação”, que consiste no desenvolvimento de advérbios, preposições e conjunções (palavras secundárias) a partir da abreviação de nomes e verbos (palavras necessárias).

O gramático comparatista, Franz Bopp, também no século XIX, estuda, nas línguas européias, o desenvolvimento de auxiliares e flexões a partir de material lexical. Humboldt (1822 *apud* HOPPER & TRAUGOTT, 1993, p. 18-19), na palestra intitulada *On the genesis*

of grammatical forms and their influence on the development of ideas, afirmava que as estruturas gramaticais das línguas são precedidas de um estágio evolucionário em que só ideias concretas poderiam ser expressas. O autor propõe a existência de quatro estágios para entender como os significados atingem o estágio morfológico, mais gramatical, como mostrado no quadro 1, abaixo.

Estágio I (estágio pragmático)	Somente coisas são denotadas, objetos concretos cujas relações não são feitas de modo explícito no discurso, mas são inferidas pelo ouvinte.
Estágio II (estágio sintático)	A ordem em que os objetos são apresentados torna-se habitual e a ordem fixa das palavras introduz o presente estágio; algumas palavras começam a se especializar para funcionar de modo mais relacional no discurso.
Estágio III (cliticização)	Nesse estágio, as palavras funcionais ligam-se às palavras materiais.
Estágio IV (estágio morfológico)	Os pares aglutinativos se fundem, tornando-se uma única palavra complexa. Além disso, nesse estágio, algumas palavras funcionais podem continuar suas trajetórias como indicadores puramente formais de relações gramaticais.

Quadro 01: Estágios de evolução da língua

Humboldt (1822, *apud* HOPPER & TRAUGOTT, 1993, p. 18-19)

O neogramático alemão Georg von der Gabelentz (1891, *apud* HOPPER e TRAUGOTT, 1993, p. 20) estudou as origens e a evolução das formas gramaticais, que ao caírem gradativamente em desuso, são substituídas por novas formas. Ele sugere que esse processo de evolução seja o resultado de duas tendências em competição, uma em direção a *facilidade da articulação* e a outra em direção à *distintividade*. Segundo o autor, pronúncias relaxadas provocam mudanças que desgastam as palavras, tornando as distinções menos acentuadas. Então novas formas intervêm e assumem funções aproximadas das antigas palavras. Gabelentz aborda também a noção de espiral evolucionária para a explicação do desenvolvimento de categorias gramaticais. Segundo o autor, o processo de recrutamento de formas gramaticais é recorrente, e as condições para esse desenvolvimento espiralado estão sempre presentes nas línguas.

A ideia de evolução, vista tanto em Humboldt (1822) como em Gabelentz (1891), é muito criticada pelos estudiosos da gramaticalização, pois ficaria subentendido que os estágios iniciais são menos complexos que os mais avançados. Não é demais recordar que essas eram as primeiras ideias sobre mudança e, portanto, não parece adequado afirmar que, de fato, imperasse a crença da existência de estágios mais e menos evoluídos da língua.

Embora as noções fundantes da gramaticalização já se encontrassem nos trabalhos dos autores supracitados, foi Antoine Meillet, em seu artigo *L'évolution des formes grammaticales* (1948 [1912]), que reconheceu a importância desse processo de mudança linguística e que cunhou o termo gramaticalização tal como é basicamente ainda hoje empregado. Diferentemente da primeira geração dos indo-europeístas, Meillet mostra que a discussão tem de sair do campo da origem das formas gramaticais e ir para o campo de suas transformações. Em seu artigo, Meillet descreve dois processos pelo qual emergem novas formas gramaticais. Um deles é a **analogia**, que consiste na emergência de novas formas a partir de um paradigma já existente. O outro é a **gramaticalização**, que se refere à “atribuição de um caráter gramatical a uma palavra anteriormente autônoma”.¹ Essa atribuição se desenvolve por meio de uma espécie de *continuum*, e, nos casos em que se pode conhecer a origem da palavra gramatical, a fonte era uma palavra lexical. Enquanto a analogia afeta o eixo paradigmático, a gramaticalização opera no eixo sintagmático, ou criando formas novas ou introduzindo categorias gramaticais sem expressão linguística. Sendo assim, a gramaticalização muda o sistema linguístico como um todo. Nas palavras de Meillet:

Enquanto a analogia pode renovar os detalhes das formas, deixando intacto o plano geral do sistema existente, a gramaticalização de certas palavras cria novas formas, introduz categorias que não tinham expressão, e transforma o sistema como um todo.²

(MEILLET, 1948 [1912], p. 133)

¹ “l’attribution du caractère grammatical à un mot jadis autonome” (Meillet, 1948 [1912], p. 131). Essa e as demais versões para o português de textos em língua estrangeira são de nossa responsabilidade.

² “Tandis que l’analogie peut renouveler le détail des formes, mais laisse le plus souvent intact le plan d’ensemble du système existant, la <<grammaticalisation>> de certains mots créés des formes neuves, introduit des catégories qui n’avaient pas d’expression linguistique, transforme l’ensemble du système.

Segundo o autor, a gramaticalização ocorre devido à necessidade dos falantes de serem expressivos, buscando um modo inovador na linguagem de dizer ideias já conhecidas. Em relação às conjunções, Meillet afirma que essas tendem a enfraquecer pelo uso frequente e velocidade com que são pronunciadas, o que acaba favorecendo o desgaste de material semântico e a perda de expressividade, necessitando, então, a renovação das formas. Os falantes, por sua vez, inconscientemente, reagem à automatização, criando formas alternativas a partir do repertório existente na língua. Lehmann (2002 [1982], p.4) considera que o *desgaste* e a *expressividade*, tratados por Meillet, correspondem aos fatores *facilidade* e *distintividade*, de Gabelentz (1891).

Para Meillet, a gramaticalização não tem um fim, ou seja, constantemente a necessidade de expressividade faz com que se criem palavras surpreendentes que, em um determinado estágio, vão se desgastar, passando a ser utilizadas apenas como acessórios gramaticais. Como diz Meillet,

as línguas seguem ainda um período de desenvolvimento em espiral: elas empregam palavras acessórias para obter uma expressão intensa, estas palavras se enfraquecem, se degradam e caem ao nível de ferramentas gramaticais simples, o usuário da língua emprega novas palavras ou palavras diferentes no ponto de vista da expressão, o enfraquecimento recomeça, e assim sucessivamente³.

(MEILLET, 1948 [1912], p. 140-141)

No final do seu artigo, Meillet, ao se referir à fixação da ordem de palavras na passagem do latim às línguas românicas, dá alguns indícios de que a gramaticalização poderia ser tratada para além do nível do léxico, atingindo também o nível da oração. No latim, os constituintes das frases não seguiam uma ordem canônica, em razão de serem marcados pela morfologia de casos. Na passagem para as línguas românicas, a marcação de casos deixa de

³ les langues suivent ainsi une soire de développement em spirale: eles ajoutent des mots accessoires pour obtenir une expression intense; ces mots s'affaiblissent, se dégradent et tombent au niveau de simples outils grammaticaux; on ajoute de nouveaux mots ou des mots différents em vue de l'expression, l'affaiblissement recommence, et ainsi sans fin.

ser empregada, e a ordem de palavras na frase passa a assumir valor gramatical, ou seja, a ser uma instanciação de caso. Por essa mudança, podem-se notar dois fatos a respeito do processo de gramaticalização: (i) envolve mudança de significado gramatical; (ii) cria novos meios gramaticais para designar ideias já existentes. Por meio desse exemplo, observa-se que não há fronteiras no percurso da gramaticalização, podendo ser aplicado tanto ao nível da palavra quanto ao nível da oração.

Segundo Hopper e Traugott (2003), após os trabalhos de Meillet, a linguística foi dominada pelos estudos estruturalistas de base saussureana, fazendo com que a gramaticalização fosse vista com estudos de linguística histórica. Com base no estruturalismo, a descrição linguística é feita sincronicamente, com isso, são descartados aspectos da mudança linguística, principalmente de base diacrônica. Durante esse período, os estudos mais significativos que abordam aspectos da mudança linguística foram de Kurylowicz (1965), de Watkins (1965) e de Benveniste (1965). A gramaticalização voltou a ser discutida na década de 1970, em que havia questionamentos sobre o caráter estático da descrição linguística e começou também um interesse pela pragmática.

1.2. A Gramaticalização

1.2.1. A distinção entre unidade lexical e unidade gramatical

Segundo Hopper e Traugott (1993, p.4), os linguistas que estudam a gramaticalização trabalham com a distinção entre palavras de conteúdo, também chamadas *lexicais*, e palavras funcionais, também *gramaticais*. Categorias como *nomes*, *verbos* e *adjetivos* pertencem à classe dos itens lexicais e servem para descrever coisas, ações e qualidades. Por outro lado, *preposições*, *conjunções*, *pronomes* e *demonstrativos* pertencem à classe das palavras gramaticais e servem para indicar relações entre nomes, para ligar partes de um discurso, para indicar se as entidades e participantes de um discurso já são ou não identificadas e para

mostrar se eles estão próximos do falante ou do ouvinte. Em suma, os autores propõem agrupar as palavras em três categorias, a saber: **categoria maior**, à qual pertencem nomes e verbos plenos, **categoria medial**, que agrupa adjetivos e advérbios, e **categoria menor**, à qual se integram preposições, conjunções, auxiliares, demonstrativos etc. Esse modo de divisão do léxico pressupõe uma disposição das categorias numa escala de gramaticalidade que refletiria uma trajetória de gramaticalização entre elas, que teria o seguinte formato: *categoria maior* > *categoria medial* > *categoria menor*. Embora os autores não mencionem claramente, é possível que dentro de uma dada categoria as classes de palavras possam também comportar um arranjo interno de gramaticalidade que, por exemplo, permita reconhecer que uma preposição é mais gramatical (ou gramaticalizada) do que um verbo auxiliar.

Meillet (1948 [1912]) já fazia a distinção de três classes de palavras, as *principais* (nomes, adjetivos, verbos e complementos circunstanciais), as *acessórias* e as *gramaticais* (preposições, conjunções e auxiliares), concebendo que as *acessórias* e as *gramaticais* se desenvolvem, diacronicamente, das *principais*, o que permite associar as *principais* com os *itens lexicais* e as *acessórias* e *gramaticais* com as *palavras gramaticais*.

Na distinção entre as propriedades de “ser lexical” e de “ser gramatical”, Heine *et al.* (1991) propõem a noção de *conceito fonte*, relativamente à categoria alvo de um processo de gramaticalização. Eles apresentam um conjunto de critérios para distinguir conceitos lexicais de gramaticais, os quais seguem ilustrados no quadro 2, à página seguinte.

CONCEITOS LEXICAIS	CONCEITOS GRAMATICAIS
<ul style="list-style-type: none"> • são menos “abstratos”; incluem os conceitos concretos, tais como objetos, ações e qualidades. 	<ul style="list-style-type: none"> • são mais “abstratos”.
<ul style="list-style-type: none"> • são autosssemânticos. 	<ul style="list-style-type: none"> • são sinsemânticos.
<ul style="list-style-type: none"> • contribuem para o conteúdo da representação cognitiva (função referencial). 	<ul style="list-style-type: none"> • tendem a determinar a estrutura da representação cognitiva (cf. Talmy, 1988).
<ul style="list-style-type: none"> • possuem mais material fonológico. 	<ul style="list-style-type: none"> • possuem menos material fonológico.
<ul style="list-style-type: none"> • são de uso geral e menos frequentes e, por isso menos previsíveis no discurso. 	<ul style="list-style-type: none"> • são de uso mais frequente e, por isso, mais previsíveis no discurso.
<ul style="list-style-type: none"> • integram classe aberta. 	<ul style="list-style-type: none"> • integram classes fechadas.
<ul style="list-style-type: none"> • são codificados por lexemas. 	<ul style="list-style-type: none"> • tendem a ser codificados por auxiliares, partículas, clíticos, afixos, unidades supra-segmentais, distinções na ordem de palavras etc.

Quadro 02: Conceitos lexicais e conceitos gramaticais (Heine *et al.*, 1991)

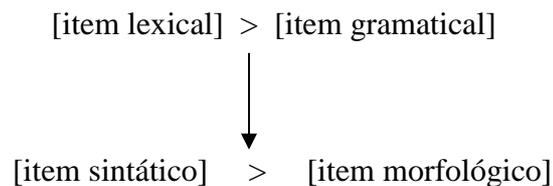
Os estudiosos da gramaticalização constataam algumas observações interessantes a respeito dos itens lexicais que são candidatos a gramaticalização. Heine *et al.* (1991) observam que esses termos são culturalmente mais independentes, isto é, são universais da experiência humana. Além disso, eles representam aspectos básicos e concretos da relação humana com o ambiente, com ênfase ao meio espacial, incluindo partes do corpo humano. Como exemplo, têm-se os verbos *come* e *go*, em construções de futuro; *back* (costas), objeto do corpo humano, concreto, que serve de conceito-fonte para um conceito espacial, como em *three miles back*. No português, temos casos semelhantes, como o verbo *ir*, usado em construções de futuro, e também as expressões *à face de*, *em face de*, *de face*, que denotam conceitos espaciais, uma posição relativa a outra.

Essas distinções entre conceitos lexicais e conceitos gramaticais, de caráter mais didático do que funcional, tomam por base a prototipia dos itens que integram cada uma dessas classes, uma vez que não há como traçar com nitidez os limites entre as palavras lexicais e as palavras gramaticais, fato reconhecido pelos próprios autores referenciados

(HOPPER & TRAUGOTT, 1993; HEINE *et al.*, 1991). O próprio processo de gramaticalização mostra que não há pontos discretos entre o léxico e gramática, mas, sim, uma espécie de *continuum*, em que a transição do lexical para o gramatical ou do menos gramatical para o mais gramatical é gradual.

1.2.2. Gramaticalização: definição

Na literatura sobre gramaticalização, não há um consenso sobre a definição do processo de gramaticalização. A definição dada por Meillet contempla a passagem do lexical para o gramatical e dentro do gramatical há a passagem do sintático para o morfológico, conforme esquema abaixo, extraído de Gonçalves (2003).



Kurylowicz (1965, p.52, *apud* LEHMANN, 2002[1982], p.6) define o processo como “o aumento do uso de um morfema, que avança de um status lexical para um status gramatical ou de um menos gramatical para um mais gramatical, por exemplo, de um formante derivacional para um formante flexional⁴”.

Givón (1979), baseado na proposta de Hodge (1970, *apud* LEHMANN, 2002 [1982], p.7), distingue dois estágios intervenientes na gramaticalização: o primeiro refere-se a uma sintaxe forte e uma morfologia fraca, enquanto o segundo, a uma sintaxe fraca e uma morfologia forte. Segundo ele, a gramaticalização aconteceria do discurso em direção à morfossintaxe. Num primeiro momento, o autor apresenta o *slogan* “a morfologia de hoje é a sintaxe de ontem”, ampliando-o, posteriormente, para considerar que “a sintaxe de hoje é a

⁴ the increase of the range of a morpheme advancing from a lexical to a grammatical or from a less grammatical to a more grammatical status, e.g. from a derivative formant to an inflectional one.

pragmática discursiva de ontem”. Esse último slogan foi apropriado pela linguística funcionalista como uma forma de se contrapor ao formalismo vigente. O autor propõe a seguinte escala de mudança: **Discurso > Sintaxe > Morfologia > Morfofonêmica > Zero**

Givón também apresenta a tese de que as estruturas discursivo-pragmáticas, tipicamente mais “frouxas”, se desenvolvem, ao longo do tempo, em estruturas sintáticas gramaticalizadas, tipicamente mais “ajustadas”. Esse desenvolvimento se dá via sintaticização,⁵ em que as formas do discurso são vistas em *clines* e variantes entre os pólos pragmático e sintático.

Pólo pragmático, “frouxo” ➡	Pólo sintático, “ajustado”
Pidgin	Crioulo
Linguagem Infantil	Linguagem adulta
Linguagem informal	Linguagem formal
Discurso oral, não-planejado	Discurso escrito, planejado

Quadro 03: Classificação das formas de discurso (GONÇALVES *et al.*, 2007)

Os estudos givonianos tiveram um importante papel nos estudos da gramaticalização pela ênfase dada ao componente discursivo. Com isso, os estudos deixaram de ter o foco na passagem do lexical para o gramatical e começaram a se ater na passagem do discursivo para o gramatical.

Hopper e Traugott (2003 [1993]), por sua vez, afirmam que a gramaticalização é um processo pelo qual itens e construções lexicais passam, em determinados contextos, a assumir funções gramaticais, e, uma vez gramaticalizados, continuam a desenvolver novas funções gramaticais. Os autores sugerem o seguinte cline de mudança, que enfatiza o caráter categorial do léxico: **[item de conteúdo] > [palavra gramatical] > [clítico] > [afixo flexional]**. Valendo-se dessa definição, podemos pensar sobre o caso dos itens investigados,

⁵ Givón prefere o termo *sintaticização* a *gramaticalização*.

uma vez que eram itens lexicais que funcionavam como advérbio e passam em determinados contextos, que serão investigados no capítulo IV, a desempenhar papel de conjunção que seriam mais gramaticais que os advérbios.

Traugott e König (1991) referem-se à gramaticalização como um processo dinâmico, unidirecional e histórico, por meio do qual itens lexicais, no curso do tempo, adquirem um estatuto novo como o de formas gramaticais, morfossintáticas.

Bybee (2002) define gramaticalização como o processo pelo qual “um item lexical torna-se um morfema gramatical dentro de construções particulares⁶”. Bybee, assim como Traugott, em seus trabalhos mais recentes, acredita que a gramaticalização está atrelada à criação de novas construções. Para a autora, a gramática não é estática, fechada, nem tem um conteúdo próprio, mas, sim, está suscetível à mudança e é altamente afetada pelo uso linguístico. A autora apresenta algumas características do processo de gramaticalização, quais sejam:

- i. palavras e sintagmas que sofrem gramaticalização são reduzidos foneticamente, por meio de assimilações e eliminações de consoantes e vogais, produzindo sequências que exigem menos esforço muscular.
- ii. significados concretos que entram no processo tornam-se generalizados e mais abstratos e, como resultado, tornam-se apropriados a uma crescente gama de contextos.
- iii. a frequência de uso das construções gramaticalizadas aumenta radicalmente conforme a gramaticalização se desenvolve, fazendo crescer também os tipos de contexto em que as novas construções são possíveis.
- iv. as mudanças na gramaticalização ocorrem muito gradualmente e são acompanhadas por muitas variações na forma e na função.

⁶ a lexical item becomes a grammatical morpheme within a particular construction.

Segundo Bybee (2002), o desenvolvimento de construções gramaticais está relacionado à linguagem em uso, uma vez que os significados e as funções das construções não são fixos e categóricos, permitindo a variação, que acaba levando a uma mudança gradual no tempo. As construções gramaticais são consideradas unidades automatizadas e convencionalizadas e, devido à alta frequência de repetições dos itens lexicais, seus significados sofrem mudança, via os processos de generalização e inferência pragmática. Quanto às implicações da gramaticalização, Bybee classifica os universais de mudança como universais cognitivos e comunicativos, sendo eles:

- i. habilidade para automatizar sequência neuromotoras por meio da repetição;
- ii. habilidade para categorizar elementos linguísticos recorrentes;
- iii. tendência em inferir mais do que é dito;
- iv. tendência a habitualizar estímulos repetidos.

Como se nota, essas definições se completam e podem ser consideradas variantes aprimoradas da definição clássica dada por Meillet (1948 [1912]). Gonçalves *et al.* (2007, p. 27) resumem as definições apresentadas acima na seguinte escala evolutiva dos estudos da gramaticalização:

- (i) Meillet: lexical > gramatical
- (ii) Kurylowicz: [-gramatical] > [+gramatical]
- (iii) Versões atuais: [qualquer material linguístico] > [+gramatical]

1.2.3. Perspectiva da gramaticalização: sincronia, diacronia ou pancronia

Segundo Heine (1991, p.10-11), até 1970, a gramaticalização foi vista como parte da linguística histórica, disciplina dentro da qual se estudava a evolução linguística, reconstruindo a história de uma determinada língua ou grupos de línguas. Após 1970, os

estudos sobre gramaticalização passaram a ser considerados também como meios para explicar a gramática sincrônica.

Hopper & Traugott (1993, p.2) apresentam duas perspectivas de estudo de gramaticalização: a **dimensão sincrônica**, sob a qual se estuda o fenômeno do ponto de vista dos padrões fluidos de uso linguístico; e a **histórica ou diacrônica**, que permite abordar as origens das formas gramaticais e as mudanças típicas que as afetam. Os autores, no entanto, admitem também a conjugação dessas duas perspectivas, numa chamada perspectiva **pancrônica**.

Heine *et al.* (1991) defendem a ideia de que não há uma separação nítida entre sincronia e diacronia, uma vez que uma não pode ser entendida independentemente da outra. Esses autores, juntamente com Hopper & Traugott (2003 [1993]), defendem uma posição pancrônica nos estudos da gramaticalização. Essa visão, segundo Burridge (1993 *apud* NEVES, 1997), se dá a partir de relação de interdependência entre o sistema linguístico e o uso, e entre os padrões fluidos da gramática e a importância do estudo diacrônico para a compreensão da gramática sincrônica.

Sendo assim, a teoria da gramaticalização juntamente com os estudos recentes da linguística não admite a rigidez da dicotomia saussureana, podendo a gramaticalização ser abordada a partir da conjugação das duas perspectivas, como será feito neste trabalho.

1.2.4. O caminho da gramaticalização: a unidirecionalidade

Na maioria das definições clássicas de gramaticalização, os autores partem do pressuposto de que o processo se dá num caminho unidirecional, ou seja, sempre do lexical para o gramatical ou do menos gramatical para o mais gramatical, e não ao contrário. Antes de apresentar a importância da unidirecionalidade nos estudos da gramaticalização, é necessário expor a noção de *cline* oferecida por alguns autores.

Hopper & Traugott (1993, p.6) afirmam que, do ponto de vista da mudança, as formas não mudam abruptamente de uma categoria para outra, mas, sim, passam por uma série de transições graduais, acompanhadas de variação na forma e na função. Para tanto, lançam mão da noção de *cline*, que tem implicações históricas e sincrônicas. Sincronicamente, o *cline* seria uma linha imaginária em que, de um lado, estariam os itens lexicais e, de outro lado, os itens gramaticais. De uma perspectiva histórica, o *cline* representa a trajetória de desenvolvimento de um item.

Os autores afirmam que não se deve concluir a partir da disposição do *cline* que tudo está em sequência, pois, como se sabe, há estágios de sobreposição entre seus pontos focais, ou seja, entre forma antiga e nova ou entre as funções desempenhadas pela forma. Para mostrar a não-linearidade do *cline*, Heine *et al.* (1991b) preferem usar o termo *chaining* (cadeia).

A unidirecionalidade é vista como uma característica básica do processo de gramaticalização, em que os itens migram de uma categoria para outra seguindo uma trajetória específica, que não pode ser revertida.

Hopper & Traugott (1993), ao definir unidirecionalidade, mostram a importância do contexto na trajetória de mudança e afirmam que a passagem do *lexical* para o *gramatical* não é direta. Essa passagem segue a trajetória: **item lexical usado em contextos específicos** > **sintaxe** > **morfologia**. Os itens lexicais que se tornam gramaticalizados devem, primeiramente, servir a funções discursivas, tornando-se sintaticamente fixos para, depois, virem a se constituir um morfema.

A postulação básica é a de “que há uma relação entre dois estágios *A* e *B*, tal que *A* ocorre antes de *B*, mas não vice e versa. Isso é o que se entende por unidirecionalidade”⁷ (HOPPER & TRAUGOTT, 1993, p.95). A esse respeito, Meillet (1948 [1912]) já falava de

⁷ that there is a relationship between two stages *A* e *B*, such that *A* occurs before *B*, but not vice versa. This is what is meant by unidirectionality.

um curso previsível que norteia a gramaticalização. Segundo o autor, as *palavras principais* (nomes, adjetivos, verbos e advérbios) da língua servem como fonte das *palavras acessórias e gramaticais* (auxiliares, preposições, conjunções, etc), e não o inverso.

Segundo Gonçalves *et al.* (2007), os teóricos que defendem a hipótese da unidirecionalidade já a assumem previamente, uma vez que ela é definitiva do próprio processo de gramaticalização, o qual invariavelmente pressupõe aumento de gramaticalidade, e ao mesmo tempo é propriedade dos mecanismos que regem o processo: sintaticização (menos fixo > mais fixo), morfologização (item lexical > morfema), generalização de significados (concreto > abstrato), erosão fonética (mais material fonológico > menos material fonológico).

Hopper & Traugott (1993) afirmam que

a hipótese da unidirecionalidade é forte. Há evidências de um grande número de exemplos de surgimento de estruturas gramaticais que envolveram o desenvolvimento de itens ou sintagmas lexicais ou, por meio do uso discursivo, de sintagmas lexicais em itens gramaticais, e desse para um item mais gramatical. Outro fator notado é que essas mudanças são acompanhadas pela descategorização de uma categoria maior para uma menor.⁸

(HOPPER & TRAUGOTT, 1993, p. 128)

Os autores afirmam que não há nada de determinístico sobre a gramaticalização e a unidirecionalidade, uma vez que as mudanças podem não ocorrer. A mudança de um item pode não se completar, ou seja, ela não precisa atingir o final do *cline* ou passar por todos os estágios de um *cline*.

Na consideração da unidirecionalidade em gramaticalização, contra-exemplos com base em uma trajetória do tipo *mais gramatical > menos gramatical* são tão raros e obscuros que não chegam a constituir contra-evidência forte o suficiente para desbancar esse princípio

⁸ the unidirectionality is a strong hypothesis. The evidence is overwhelming that a vast number of known instances of the development of grammatical structures involved the development of a lexical item or phrase through discourse use into a grammatical item, and then into an even more grammatical item, and that these changes were accompanied by decategorialization from a major to a minor category.

fundamental. Casos identificados como de *poligramaticalização* são por vezes inapropriadamente apontados como contra-exemplo da trajetória da unidirecionalidade. Por *poligramaticalização*, entende-se os múltiplos caminhos que uma mesma forma pode seguir e não a reversibilidade do processo, como ilustra o estudo de Craig (1991) sobre os diferentes caminhos percorridos por **bang* “ir”, em Rama, do qual resultam : (i) um morfema de tempo; (ii) uma adposição de finalidade em nomes; (iii) uma conjunção. Todos esses são de caráter mais gramatical do que o verbo do qual originam.

1.2.5. Mecanismos de mudança da gramaticalização

Nesta subseção, serão expostos os principais mecanismos cognitivos envolvidos nos processos de gramaticalização, a *metáfora* e a *metonímia*, a fim de, no capítulo IV, mostrarmos a contribuição desses dois mecanismos para o processo de gramaticalização dos adversativos.

A metáfora, de modo geral, é o mecanismo por meio do qual itens abstratos são entendidos a partir de itens concretos, a metonímia, conhecida também como *reinterpretação induzida pelo contexto*, refere-se à mudança que uma determinada forma sofre devido ao contexto em que está sendo utilizada.

Hopper & Traugott (1993, p.32) reconhecem também a importância da *reanálise* e da *analogia* para mudança em geral, principalmente para mudança morfossintática.

1.2.5.1. Metáfora

Os processos metafóricos podem ser definidos como processos de transferência de sentidos por meio de fronteiras conceituais. Essa transferência envolve uma abstratização de significados, uma vez que itens de um domínio mais concreto são utilizados para se referir a

itens de um domínio mais abstrato. Nesse processo, é identificado o *bleaching semântico* da forma fonte de um processo de gramaticalização.

O processo metafórico tem sido visto por muitos autores (SWEETSER, 1990; HEINE *et al.*, 1991; LICHTENBERK, 1991 *apud* BYBEE, 1994) como o principal mecanismo de mudança em gramaticalização.

Heine *et al.* (1991) afirmam:

Nós tentaremos demonstrar que a transferência metafórica é uma das principais forças condutoras do desenvolvimento de categorias gramaticais, isto é, para expressar funções mais abstratas, entidades concretas são recrutadas.⁹

(HEINE *et al.*, 1991, p. 48)

Na literatura sobre gramaticalização, muitos trabalhos relacionam os processos metafóricos com a mudança semântica, no entanto alguns autores, entre eles Hopper & Traugott (1993), argumentam que os processos metafóricos, por serem baseados na comunicação, estão relacionados à pragmática.

Heine *et al.* (1991) propõem uma escala na qual se dispõem algumas categorias cognitivas básicas num crescente de abstratização. Essa disposição revela como a cognição humana opera metaforicamente com tais categorias: **pessoa > objeto > processo > espaço > tempo > qualidade.**

Segundo os autores, cada uma dessas categorias representa um domínio de conceituação relevante para a estruturação da experiência humana e, assim, uma categoria mais à direita pode ser conceitualizada a partir de uma mais à esquerda. Com base nessa escala, surge a noção de *metáfora categorial*, por meio da qual, por exemplo, a noção de *tempo* pode ser estruturada a partir da noção de *espaço*.

⁹ We try to demonstrate that metaphorical transfer forms one of the main driving forces in the development of grammatical categories; that is, in order to express more “abstract” functions, concrete entities are recruited.

Neves (1997), para explicar essa escala de abstratização, mostra alguns exemplos do português, como: o nome *pé* (*pé da Maria*), que se refere a uma parte do corpo, é utilizado para designar uma parte de um objeto (*pé da mesa*); ou *perto*, que indica uma posição no espaço (*perto da minha casa*), passa a designar uma posição no tempo (*perto do Natal*).

Heine *et al.* (1991) apresentam um tipo de correlação entre essas categorias metafóricas, a divisão de classes de palavras e os tipos de constituintes, como ilustrado no quadro 04.

Categoria	Tipo de Palavra	Tipo de Constituinte
PESSOA	Nome humano	Sintagma nominal
OBJETO	Nome concreto	Sintagma nominal
ATIVIDADE	Verbo dinâmico	Sintagma verbal
ESPAÇO	Advérbio, adposição	Sintagma adverbial
TEMPO	Advérbio, adposição	Sintagma adverbial
QUALIDADE	Adjetivo, verbo de estado, advérbio	Modificador

Quadro 04: Correlação entre categorias metafóricas, classes de palavras e tipos de constituintes

(HEINE *et al.*, 1991, p.53-54)

Heine *et al* (1991, p.48) reconhecem que a transferência metafórica acarreta uma mudança abrupta de um domínio para o outro, enquanto a gramaticalização sugere uma mudança gradual. A metáfora e a metonímia não só são compatíveis uma com a outra, mas também formam aspectos complementares que estão necessariamente presentes no processo de gramaticalização. Dessa forma, a metáfora é interpretada como uma estratégia cognitiva que nos auxilia no entendimento da gramaticalização, porém não explica a gramaticalização ou o comportamento gramatical.

1.2.5.2. Metonímia

A metonímia ocorre quando um item, em determinado contexto, adquire um sentido adicionado ao seu sentido original, e este segundo sentido torna-se gradualmente convencionalizado ao sentido do item.

Heine *et al.* (1991, p.61) definem a metonímia como “uma figura de linguagem por meio da qual o nome de uma entidade é usado para outra entidade de algum modo contígua à primeira”.¹⁰

Traugott e König (1991, p.70) argumentam que a metonímia serve ao mecanismo de *fortalecimento de informatividade*. De acordo com autores, a mudança semântica desse tipo contrasta com a metáfora, que está associada à solução de um problema de representação. A metonímia, por sua vez, está associada a resolução de um problema de informatividade e de relevância na comunicação.

Segundo Heine *et al.* (1991, p.71), o surgimento da metonímia deve-se à manipulação discursivo-pragmática dos conceitos que estão sujeitos a fatores contextuais na interpretação. A esse processo, os autores dão o nome de *reinterpretação induzida pelo contexto*. No processo de gramaticalização, os autores afirmam que há a coexistência do processo metonímico e metafórico, que tem a seguinte estrutura:

$$A \Leftrightarrow A,B \Leftrightarrow B$$

(HEINE *et al.*, 1991, p.74)

Essa coexistência do processo metafórico e metonímico pode ser vista no desenvolvimento de algumas conjunções, como o *since* do inglês, conforme Traugott e König (1991). Essa conjunção, que originalmente tem um sentido temporal, passa a assumir, em

¹⁰ a figure of speech whereby the name of an entity is used to refer to another entity that is contiguous in some way to the former entity.

determinados contextos, uma noção causal, até adquirir um sentido puramente causal, como mostrado nos exemplos de 06 a 08 fornecidos pelos autores.

- (06) I have done quite a bit of writing *since* we last met. (temporal)
- (07) *Since* Susan left him, John has been very miserable. (temporal/causal)
- (08) *Since* you are not coming with me, I will have to go alone. (causal)

Como se vê, em (6), *since* estabelece o marco temporal para a execução da atividade feita pelo locutor, na ocorrência (7), a conjunção *since* pode ser interpretada como temporal ou como causal. Como temporal, temos que John se torna miserável, no momento em que Susan o deixa, já, como causal, temos que Susan deixar John é a causa para ele se tornar miserável. Por fim, em (8), *since* apresenta a causa para o locutor ter de ir sozinho.

A passagem do domínio *tempo* para o domínio *causa* é representante de um processo metafórico, enquanto o estágio intermediário, em que, a partir de um determinado contexto, o sentido causal emerge, é representante de um processo metonímico. Essa mudança de *since* pode ser representada pelo seguinte *cline*: **tempo > tempo/causa > causa**.

Tanto a metáfora quanto a metonímia estão relacionadas à informatividade, mas em diferentes eixos. A mudança metafórica, como já foi dito, define certas noções em termos de outras não presentes no contexto; já a mudança metonímica envolve também a definição de certas noções em termos de outras, mas, ao contrário da metáfora, essa relação está presente no contexto.

No quadro, à página seguinte, extraído de Gonçalves *et al.* (2007), há um resumo dos principais pontos de atuação da metáfora e da metonímia.

Metonímia	Metáfora
Indicia, aponta significados que estão implícitos.	Representa membros de um domínio semântico em termos de outro
Especifica um significado em termos de outro que está presente, ainda que de forma não explícita no contexto.	Especifica uma coisa, usualmente mais complexa, em termos de outra não presente no contexto.
Opera através da reanálise	Opera através da analogia

Quadro 05: Diferença entre metonímia e metáfora

(GONÇALVES *et al.*, 2007, p.40)

A inferência metonímica e metafórica são complementares, são processos que ocorrem no nível cognitivo e estão relacionadas a dois mecanismos de mudança, a saber: reanálise e analogia, respectivamente.

1.2.5.3. Reanálise

Segundo Langacker (1977, *apud* HOPPER & TRAUGOTT, 1993, p.40), a reanálise é definida como a “mudança na estrutura de uma expressão ou classe de expressões que não envolve qualquer modificação imediata ou intrínseca na sua manifestação superficial”.¹¹ Segundo Hopper & Traugott (1993), um dos tipos mais simples de reanálise, e também o mais frequente em gramaticalização, é a fusão de duas ou mais formas, alterando, assim, as fronteiras das formas envolvidas. Quando uma forma sofre a alteração de fronteira, ela passa a ser reanalisada como pertencente a uma categoria diferente da sua original.

Em muitos trabalhos, a reanálise é vista quase como sinônimo de gramaticalização. Heine *et al.* (1991b) afirmam que tipicamente a reanálise acompanha a gramaticalização, visto que, quando um dado morfema é gramaticalizado, não somente sua posição sintático-pragmática é afetada, mas também os contextos dos quais o constituinte faz parte. Heine & Reh (1984, p.95) propõem que haja uma separação entre reanálise e gramaticalização, devido

¹¹ change in the structure of an expression or class of expressions that does not involve any immediate or intrinsic modification of its surface manifestation.

ao princípio da unidirecionalidade, que é uma propriedade pertencente à última, mas não à primeira.

1.2.5.4. Analogia

Diferentemente da reanálise, a analogia refere-se à atração de formas existentes a construções também já existentes. Segundo Hopper & Traugott (1993), para Meillet (1948 [1912]), a analogia era entendida como um processo pelo qual irregularidades na gramática, particularmente no nível morfológico, eram regularizadas. O mecanismo era visto como uma proporção ou equação do tipo: *cat* : *cats* = *child* : *X*, *X* = *childs* (HOPPER & TRAUGOTT, 1993, p.56).

Embora apenas a reanálise possa criar novas estruturas gramaticais, não se deve subestimar o papel da analogia nos estudos de gramaticalização, pois, segundo Hopper & Traugott (1993), em muitos casos, a analogia é a primeira evidência para falantes de uma língua de que a mudança está ocorrendo.

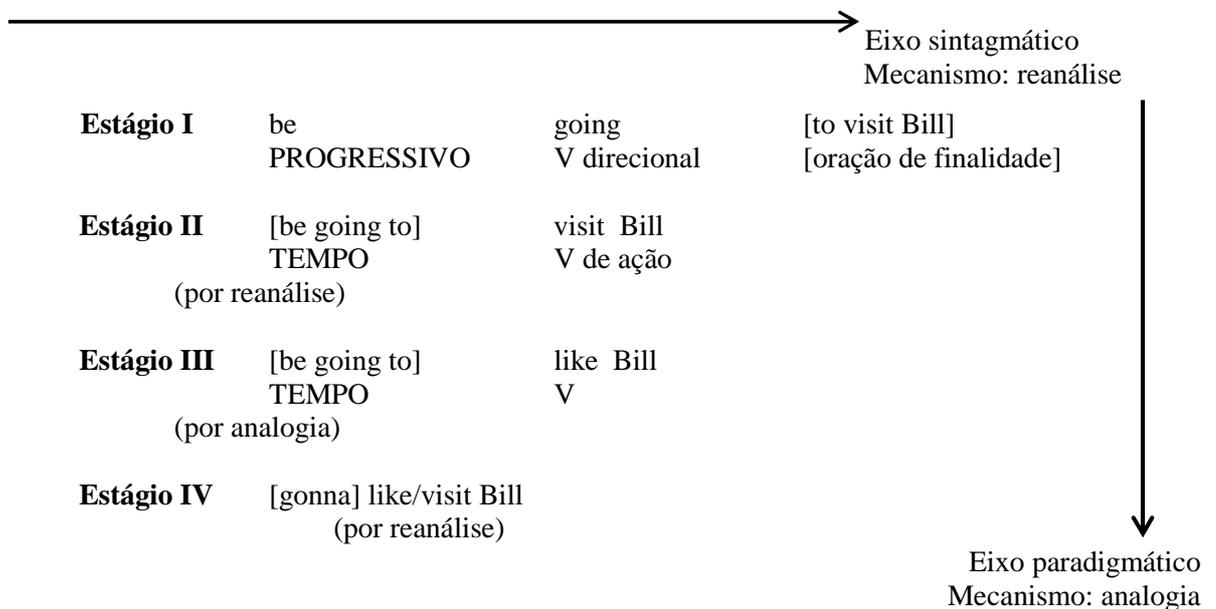
Um exemplo da interação reanálise/analogia é o desenvolvimento da negação do francês *ne...pas*, citado por Hopper & Traugott (1993, p.58):

- i. a negação era realizada pela colocação da partícula negativa *ne* antes do verbo;
- ii. um verbo de movimento negado pelo *ne* poderia opcionalmente ser reforçado pelo pseudo-objeto nominal *pas* (passo), no contexto de verbos de movimento: *Il ne va (pas) (ele não vai mais nenhum passo)*;
- iii. A palavra *pas* foi reanalisada como uma partícula negativa, em uma estrutura do tipo *ne V_{movimento} (pas)*;
- iv. *pas* foi estendido analogicamente para novos verbos que não tinham relação com movimento, passando a ter a estrutura *ne V (pas)*: *Il ne sait pas* (ele não sabe nada);

- v. A partícula *pas* foi reanalisada como obrigatório juntamente com *ne* para a negação em geral: *ne V pas*;
- vi. Na fala vernacular, *pas* vem assumindo completamente a função de *ne*, via dois estágios: *(ne) V pas* (reanálise de *ne* como opcional), *V pas* (reanálise pela perda de *ne*), resultando: *Il sait pas (ele não sabe)*.

Hopper & Traugott concluem que a reanálise tem diferentes efeitos. Envolve essencialmente uma reorganização linear e sintagmática e uma mudança na regra, que não é diretamente observável. Por outro lado, a analogia envolve essencialmente uma organização paradigmática, uma mudança na colocação superficial e nos padrões de uso. A analogia torna observáveis as mudanças não observáveis da reanálise.

Um outro exemplo dados pelos autores é o desenvolvimento do auxiliar de futuro *be going to*:



(HOPPER & TRAUGOTT, 1993, p.61)

No estágio I, há um verbo direcional e uma oração de propósito; em II, como resultado da *reanálise*, há um auxiliar de futuro com um verbo de atividade; em III, há uma ampliação dos tipos de verbos, via *analogia*; em IV, ocorre a reanálise do auxiliar complexo em um único morfema *gonna*.

Por meio dos exemplos acima, pode-se notar a importância da reanálise e da analogia para a mudança linguística, que são considerados importantes mecanismos da gramaticalização.

1.3. Trabalhos anteriores

Dedicamos esta seção à apresentação de alguns trabalhos que estudaram os itens adversativos separado ou conjuntamente de uma perspectiva diacrônica, a fim de apresentar os avanços do nosso trabalho em relação aos demais.

No tocante ao tratamento das conjunções sob o viés da gramaticalização, o trabalho pioneiro é o de Barreto (1999), intitulado *Gramaticalização das conjunções na história do português*. Nesse trabalho em que prevalecem análises qualitativas do fenômeno, a autora aborda o processo de mudança de 136 itens conjuncionais (24, coordenativos, 71, subordinativos, 41, correlações conjuncionais) entre os séculos XIII e XVII e século XX, agrupando-as de acordo com a semelhança de origem.

Por ser um trabalho qualitativo, a autora faz apontamentos a respeito dos processos de mudança sintático-semânticos das conjunções, não apresentando respostas conclusivas de como ocorreu ou vem ocorrendo o processo. Em relação aos itens adversativos, Barreto já os considera como conjunções adversativas, apresentando indícios de como o processo de gramaticalização foi implementado, mas, como não trabalha com análise quantitativa, não apresenta dados empíricos que comprove tal processo de mudança, que, segundo ela, se deu via metonímia.

Na exposição que Barreto (1999) faz sobre o item *porém*, ela compara-o com a conjunção arcaica *pero*, que apresenta trajetória de mudança semelhante a de *porém*, *conclusivo-explicativa* > *adversativa*, mas que desaparece da língua portuguesa a partir do século XVI.

Somente no final de seu trabalho, a autora se vale de percentuais para mostrar que o processo de formação de conjunções via metonímia é altamente produtivo para 58,4% das conjunções estudadas.

O trabalho de Barreto (1999), embora referência nos estudos sobre gramaticalização de conjunções, carece de análises mais aprofundadas de itens específicos, que mostrem seus desenvolvimentos sintático, semântico e pragmático, em razão de seus objetivos que eram investigar conjuntamente diferentes tipos de conjunção.

Outro trabalho dedicado às conjunções é o de Rocha (2006), que aborda apenas as conjunções adversativas. Sua tese de doutorado intitulada *Gramaticalização de conjunções adversativas em português: em busca da motivação conceptual do processo* tem como objetivo analisar como ocorreu o processo de mudança semântica de *mas*, *porém*, *contudo*, *todavia*, *entretanto* e *no entanto*, via metáfora, até atingir o rótulo de conjunções adversativas. Embora Rocha as chame de conjunções, ela chama a atenção para o fato de que esses itens, com exceção de *mas*, não apresentam todas as características de uma conjunção, por exemplo, a fixação na fronteira oracional. Segundo ela, os itens que não concluíram o processo de gramaticalização dificilmente o concluirão, pois, como apresentam baixa frequência de uso e, quase exclusivamente, restringem-se à modalidade escrita, não serão afetados por mudanças típicas da fala.

Para defender a hipótese de motivação conceptual, metafórica, atuante na mudança das conjunções adversativas, Rocha começa por questionar a hipótese de motivação metonímica, defendida por Barreto (1999). Baseada em exemplos dados por Barreto, Rocha

aponta algumas análises equivocadas, segundo ela, e conclui que Barreto está utilizando o mecanismo de metonímia como similar à reanálise. A autora critica o fato de Barreto não fazer uma análise quantitativa em defesa da motivação metonímica, mas também não a apresenta em defesa da motivação conceptual. Por fim, para autora, todas as hipóteses que defendem a motivação metonímica relacionam, diretamente, gramaticalização e frequência, relação essa não presente no trabalho de Barreto (1999).

A autora faz outra crítica à motivação metonímica defendida por Barreto, que seria resultante de uma derivação linear e escalar da trajetória percorrida pelo item *mas*. Barreto (1999) apresenta a escala de mudança de *mas*, a fim de esquematizar sua trajetória, mas não afirma que essa trajetória é linear e escalar. Para Rocha (2006), a metáfora atuou na mudança de *magis* > *mas* e nas mudanças que possibilitaram que o item adquirisse caráter polissêmico ao longo do tempo e também, por meio desses mecanismos, pode-se explicar o emprego de *mas* em contextos negativos e o motivo que fez com que *mas* fosse usado em contexto nos quais anteriormente era empregado *sed magis*.

Para buscar confirmação à sua hipótese de mudança das conjunções adversativas via metáfora, a autora faz uma análise dos adversativos que estuda, com maior ênfase para o *mas*, levando em consideração também o modelo cognitivo de Sweetser (1991), o qual prevê um percurso de mudança motivado por processos que contemplam *mundo do conteúdo* > *o mundo epistêmico* > *mundo conversacional*. Ao final, por meio de análises apenas qualitativas, a autora comprova que a mudança dos itens analisados ocorreu via metáfora, na trajetória *espaço (espaço do texto)* > *(tempo)* > *texto*, em que o valor semântico original dos itens são abstratizados para atingir a ideia de contrajunção.

Longhin-Thomazi (2009), no artigo intitulado *Grammaticalization of conjunctions*, analisa o item *porém* em dados do século XIII a XVI, adotando a hipótese de base metonímica da reinterpretação induzida pelo contexto, conforme aparece em Heine (2002).

Heine (2002) propõe quatro diferentes estágios de desenvolvimento do significado mais gramatical de expressões linguísticas, quais sejam: estágio inicial, em que o item mantém o significado fonte; contexto *bridging*, em que há um uso específico que permite uma inferência em favor de novo significado; contexto *switch*, em que o novo uso é incompatível com o significado anterior; convencionalização, em que o novo significado já não precisa ser usado apenas no contexto que deu origem a ele, podendo estender-se a outros e outros contextos.

Aplicando essa trajetória de mudança a *porém*, Longhin-Thomazi, primeiramente, descreve o comportamento sintático-semântico do item nos séculos investigados e, por fim, analisa as ocorrências do item dentro dos quatro estágios e chega à seguinte conclusão: (i) no estágio inicial, a) *porém* é um advérbio juntivo fórico, participando em sentenças coordenadas, acompanhando, algumas vezes, a conjunção *e* e, algumas vezes, completando a fronteira de diferentes componentes, b) *porém* é um advérbio enfático que faz correlação entre ele e orações causais/explicativas, c) *porém* é uma conjunção coordenativa; (ii) no contexto *bridging*, *porém* é um correlativo enfático de uma construção concessiva, podendo ser precedido de item negativo, contexto que permite a inferência de um novo significado, devido a leitura ambígua entre explicativo e adversativo; (iii) no contexto *switch*, *porém* é advérbio correlativo enfático em construções concessivas, tanto negativas quanto afirmativas. Esse contexto é incompatível com o significado fonte; (iv) na convencionalização, *porém* é uma mistura de advérbio juntivo e conjunção adversativa, estágio no qual o item não requer contextos concessivos ou negativos.

Nesse trabalho, a autora não analisa a importância de determinados contextos em que *porém* ocorre para sua mudança linguística. Por exemplo, a autora aponta o uso de *porém* em contextos negativos, mas não explica a importância desse contexto para a trajetória conclusivo-explicativo > adversativo; o uso como advérbio correlativo enfático concessivo

também é apontado como estágio intermediário para o item se tornar uma conjunção adversativa, mas não há nenhuma explicação do contexto que propiciou o uso conjuncional.

Considerando os resultados dos trabalhos brevemente expostos nesta seção, o presente trabalho deles se diferencia por analisar qualitativa e quantitativamente a trajetória *advérbio* > *conjunção*, depreendendo os elementos que contribuíram para o surgimento do significado de oposição dos itens. Além disso, discutiremos também questões pragmático-discursivas envolvidas no processo, observando as relações lógico-argumentativas veiculadas por eles.

Baseados nas diferenças que há entre os trabalhos de Rocha (2006), que advoga por uma mudança dos itens adversativos de base metafórica, e de Barreto (1999), que advoga em favor de uma mudança de base metonímica, e nas semelhanças que há entre esses dois trabalhos e o de Longhin-Thomazi (2009), propomos uma análise qualitativa e quantitativa que verifique o papel da metáfora e da metonímia no processo de mudança dos adversativos e que aponte, sincronicamente, o estatuto gramatical dos itens, por meio de uma escala comparativa entre eles.

CAPÍTULO II

ASPECTOS SINTÁTICO-SEMÂNTICOS DAS CONJUNÇÕES ADVERSATIVAS

O objetivo desse capítulo, como já sugerido em seu título, é apresentar aspectos sintáticos e semânticos das conjunções adversativas em português, mostrando a discussão que há na literatura acerca da inclusão de itens adversativos de naturezas distintas no rol das conjunções coordenativas. Após essa discussão, trataremos do modo de articulação das orações coordenadas e, por fim, discutimos o tratamento da mudança semântica de conjunções, a partir dos trabalhos de Sweetser (1990), Traugott (1982, 1999) e Traugott & König (1991).

2.1. O estatuto das conjunções adversativas em português

Segundo gramáticos tradicionais, entre eles Cegalla (1967), a conjunção “é uma palavra invariável que liga orações ou palavras da mesma oração. Quando a conjunção liga as orações sem fazer que uma dependa da outra, sem que a segunda complete o sentido da primeira, dizemos que a conjunção é coordenativa”. Nessa definição de Cegalla não estão contemplados certos itens da língua que têm função de ligar orações semântica e/ou sintaticamente, mas que não apresentam todas as características de uma conjunção prototípica. Esses itens não contemplados por Cegalla são dotados de uma certa mobilidade dentro da oração e podem co-ocorrer com outras conjunções; exemplos desses seriam: *contudo, porém, todavia, pois, no entanto, entretanto*.

Já Bechara (1999, p.323) explora os itens que são considerados conjunções, mas, de fato, são unidades adverbiais que desempenham relações interoracionais e intertextuais.

Segundo o autor:

levada pelo aspecto de certa proximidade de equivalência semântica, a tradição gramatical tem incluído entre as conjunções coordenativas certos advérbios que estabelecem relações inter-oracionais ou intertextuais. É o caso de *entretanto*, *contudo*, *todavia*, *não obstante*, *porém*. Não incluir tais palavras entre as conjunções coordenativas já era lição antiga na gramaticografia de língua portuguesa. Perceberam que tais advérbios marcam relações textuais e não desempenham o papel conector das conjunções coordenativas, apesar de alguns manterem com elas certas aproximações ou mesmo identidade semânticas.

O autor supracitado defende a ideia de que esses itens adverbiais estabelecem apenas relações semânticas, pois eles não compartilham com as conjunções a função de ligar orações. Veja o exemplo abaixo, extraído de Bechara (1999).

(09) “Não queremos pensar na morte, e *por isso* ocupamos tanto da vida”

Bechara (1999), por meio desse exemplo, explica que a conjunção *e* tem a função de reunir as duas orações num mesmo grupo, e a conjunção *por isso*, como item adverbial, estabelece a relação semântica entre as duas orações.

Como se nota, enquanto alguns gramáticos não relatam a existência de diferentes itens com a função de conjunção, outros apenas mencionam a ocorrência de certos advérbios entre as conjunções, não respondendo por que esses itens, apesar de ligarem orações, têm características diferentes das conjunções prototípicas *e*, *ou* e *mas*.

Carone (1988), num estudo descritivo, explica por quais motivos itens como *porém*, *todavia*, *portanto* e tantos outros comportam-se de maneira diferente das demais conjunções. Segundo a autora, eles preservam algumas características da fonte adverbial, uma vez que esses itens, na fase arcaica, eram advérbios. Uma das características desses itens que se mantém é sua mobilidade posicional, o que lhes permitem ocorrer no início, no meio ou no fim da segunda oração a que se ligam.

Neves (2000) classifica esses itens de caráter fluido como advérbios juntivos. Segundo a autora, seriam itens de valor anafórico que funcionam na oração como uma conjunção.

Entre as consideradas “conjunções” adversativas, encontra-se boa parte desses advérbios juntivos, sendo eles: *porém, todavia, no entanto, contudo, entretanto*. Todos eles atendem à definição clássica de uma conjunção adversativa, que é aquela que, segundo Cunha e Cintra (2001, p. 580), “liga dois termos ou duas orações de igual função, acrescentando-lhes, porém, uma ideia de contraste”. Entretanto, como já discutido, essas partículas não são consideradas conjunções prototípicas, devido à mobilidade posicional e à co-ocorrência com outras conjunções, sobretudo, com a conjunção adversativa prototípica *mas*.

Perini (1995) elenca algumas características do adversativo *porém*, que podem ser estendidas para os demais itens estudados aqui, em relação a outros conectores, a saber:

- nas orações coordenadas por *porém*, a pontuação é obrigatória, diferentemente do que ocorre com a conjunção *e*;
- *porém* só coordena construções binárias;
- *porém* como o *mas* não coordena sintagmas nominais;¹
- *porém* pode ocorrer em diferentes posições da segunda oração, não só no início da oração coordenada, fato esse que o aproxima dos advérbios.

Como se pode notar pela exposição acima, a literatura acerca do estatuto categorial dos itens estudados mostra que esses, embora apresentem características de conjunção, ainda preservam traços da fonte adverbial. Essa fluidez no comportamento das adversativas pode ser considerada como indício de gramaticalização que serão investigados no capítulo IV. Na

¹ Diferentemente de Perini (1995), Neves (2000), na *Gramática de usos do Português*, mostra que *mas* pode coordenar dois sintagmas nominais, desde que o primeiro sintagma esteja negado, como em: “não o menino mas a mãe”, exemplo extraído de Neves (2000, p.756).

próxima seção, continuaremos abordando essa problemática juntamente com a discussão acerca de articulação de orações.

2.2. Articulação de orações: coordenação

A articulação de orações é assunto de muitos estudos, entre eles Bally (1965), Carone (1988), Azeredo (1990), Hopper & Traugott (1993), Neves (1998, 2000). Nesta seção, trataremos apenas de aspectos coordenativos da articulação, uma vez que os itens analisados no presente estudo são considerados juntores coordenativos.

Algumas gramáticas normativas (CUNHA e CINTRA, 1985; KURY, 1987; BECHARA, 1988) distinguem as orações coordenadas das orações subordinadas por meio da noção de dependência entre as orações, isto é, elas consideram as orações subordinadas dependentes, e as coordenadas, independentes.

As orações coordenadas são, no nível estrutural, independentes, mas, no nível semântico, estabelecem uma interdependência, pois o sentido que as duas orações veiculam juntas é diferente do sentido veiculado por elas separadamente. Veja o exemplo abaixo.

- (10) Eu fui à aula.
Não teve aula.
Coordenação: Eu fui à aula, mas não teve.

Como se vê, a relação de sentido da terceira oração é diferente das demais. Na primeira e segunda orações, há apenas um relato dos fatos, já, na terceira oração, estabelece-se uma noção de quebra de expectativa, pois, ao enunciar “eu fui à aula”, cria-se uma expectativa de que teve-se aula, mas essa suposição não é confirmada com a oração “mas não teve”.

Na literatura linguística, há o trabalho de Hopper & Traugott (1993) que trata do modo como as orações se articulam. Os autores dividem as orações em três modos de articulação:

- a) **Parataxe**: independência relativa, exceto pelos limites pragmáticos de “fazer sentido” ou relevância. Os itens analisados neste trabalho se encontram dentro desse modo;
- b) **Hipotaxe**: interdependência, em que há um núcleo e uma ou mais margens, ou orações, que não se sustentam sozinhas e são, por esse motivo, dependentes. No entanto, elas não estão totalmente incluídas dentro de qualquer constituinte do núcleo;
- c) **Subordinação**: em sua forma extrema, encaixamento. Em outras palavras, dependência completa, em que uma margem está totalmente incluída dentro de um constituinte nuclear.

Os autores organizam esses três grupos em um *cline* de combinação de orações, com características definidas a partir da combinatória de traços de dependência e de encaixamento, como mostrado abaixo.

(11)	<i>Parataxe</i>	>	<i>Hipotaxe</i>	>	<i>Subordinação</i>
	- dependente - encaixada		+ dependente - encaixada		+ dependente + encaixada

Embora reconheçamos a relevância da proposta de Hopper & Traugott acerca da articulação de orações, o foco deste trabalho é mostrar o comportamento de alguns itens, apenas, dentro da parataxe, uma vez que não há usos deles em outros modos de articulação.

Bally (1965 *apud* CARONE, 1991) afirma que um critério importante para explicar a coordenação é a relação de sentido que essa veicula. Para ele, a colocação de dois enunciados lado a lado é justificada, primordialmente, pelo sentido que surge dessa junção, mesmo nas orações chamadas justapostas, aquelas que ocorrem unidas sem a intermediação de qualquer elemento conectivo.

Para o autor, duas orações se coordenam quando X (primeira oração) é retomado por Y (segunda oração) por meio de uma oração explícita ou por meio de uma conjunção coordenativa, a que o autor denomina “anafórico”. Sendo assim, a coordenação é caracterizada por um movimento retrojetivo, ou seja, o representante de X dentro de Y “olha para trás” e conclui o que será dito. Por causa desse movimento retrojetivo, a ordem das orações não pode deixar de ser rígida: primeiramente X e, depois, Y. O autor considera também o fato de que esse representante de X é um item que, no início, tem características de adjunto adverbial, trazendo circunstância para a oração. Esse item só se cristaliza como conjunção quando perde as características da fonte adverbial e assume as características de uma conjunção coordenativa prototípica.

As conjunções coordenativas prototípicas *e*, *ou*, *mas* têm suas posições fixas no início de Y, enquanto a maioria dos outros elementos juntivos – *porém*, *contudo*, *todavia*, *entretanto*, *no entanto*, etc –, como apontado na seção anterior, é dotada de certa mobilidade, traço característico de sua fonte adverbial, podendo ocorrer no início, no meio ou no fim de Y. Além dessa característica, itens como *porém* admitem co-ocorrência com os outros elementos coordenativos, como, *e porém*, *mas contudo*, *e todavia*, em que o coordenativo prototípico ocupa a primeira posição e outros, a segunda. De uma forma geral, itens como *porém*, *entretanto*, *todavia*, *por conseguinte* são considerados casos de gramaticalização e, quanto mais avançado no processo se encontram esses itens, maior a probabilidade de eles se fixarem no início de Y.

Neves (1998, p.51) constata que itens como *entretanto*, *contudo*, *todavia* permitem a co-ocorrência com as conjunções *e*, *mas*, fato esse que, num *cline* de gramaticalidade, os afasta do rol das conjunções prototípicas. Já *porém* permite a co-ocorrência com a conjunção

mas, no entanto rejeita a combinação com a conjunção *e*², comportamento que faz com que *porém* não faça parte do mesmo grupo de *entretanto*. Segundo a autora, essa diferença no comportamento dos itens analisados em relação à co-ocorrência com as conjunções *e* e *mas* faz com que *porém* se encontre num estágio de gramaticalização mais avançado que os itens à sua esquerda.

A autora apresenta um *cline* de gramaticalidade das conjunções coordenativas, no qual ela as dispõe em diferentes pontos, pois essas se encontram em diferentes estágios em direção do valor conjuncional.

entretanto, contudo, todavia, etc → **porém** → **mas** → **e, ou**

Quanto ao tipo de unidades articuladas numa estrutura coordenada, há consenso que as conjunções coordenativas coordenam unidades funcionalmente equivalentes. Neves (1998) aponta que a diferença entre as conjunções *e*, *ou* e *mas* está no tipo de elementos que coordenam. As conjunções *e* e *ou* permitem coordenar não só frases, orações, sintagmas de diversos tipos, mas também quaisquer elementos que tenham o mesmo estatuto; *mas*, por sua vez, guardando traços de sua fonte adverbial, não coordena elementos de mesmo estatuto gramatical, como *de *mas* para, *dois *mas* três, ou seja, *mas* não aceita qualquer tipo de coordenação, coordena preferencialmente predicados.

Uma característica típica da coordenação é a presença de pausa, morfema supra-segmental, que separa Y de X. As conjunções como *e* e *ou* são precedidas por uma pausa leve, dispensando o registro desta na escrita. Já com as conjunções *mas*, *pois* e *logo* ocorre uma pausa mais marcante que as precede, fazendo com que essas conjunções se liguem mais fortemente a Y do que a X. Para certas conjunções como *contudo*, *porém*, *portanto*, *entretanto* há registro de pausa antes e, às vezes, depois delas. A ocorrência dessa última pausa torna a pausa anterior mais profunda, sendo marcada na escrita com ponto final ou ponto-e-vírgula.

² Numa busca rápida pela internet de casos em que *porém* combina com *e*, foram encontrados, em média, 103.000 casos, como “Comprei um celular motorola V3 e, **porém** a qualidade da foto dele é bem INFERIOR que o do motorola V3 BLACK!”.

Carone (1988, p.57) afirma que a pausa mais profunda é reforçada por uma entoação descendente no primeiro segmento, e ascendente no início do segundo.

Em relação aos coordenativos adversativos, a característica semântico-pragmática presente em todos eles é a relação de contraste por quebra de expectativa, o que faz com que o interlocutor se surpreenda com a informação dada pelo locutor. Van Dijk (1977), ao analisar alguns conectivos contrastivos ingleses, como *but, though, although, yet, nevertheless, whereas, in spite of, notwithstanding, anyway*, descreve algumas características deles: (i) expressam o contraste estabelecido entre as propriedades e os cursos do evento com as expectativas normais do mundo; (ii) indicam estados ou cursos que são inesperados ou indesejáveis; (iii) expressam a não-satisfação de condições possíveis, prováveis ou necessárias. Ao quebrar a pressuposição, o locutor cancela qualquer conteúdo pressuposto pelo interlocutor, mudando, conseqüentemente, a informação pragmática desse. Segundo Dik (1989), essa mudança pode acrescentar, substituir ou eliminar peças de informação prévia do interlocutor ou torná-lo consciente de alguma informação que tinha, mas de que não estava consciente.

As características aqui apresentadas que permitem definir uma estrutura coordenada adversativa são:

- **construção binária:** a estrutura coordenada é constituída por um par de orações – X e Y (PERINI, 1995; CARONE, 1988);
- **relação de sentido entre X e Y:** o sentido emergido do todo é diferente do sentido de cada uma das partes (AZEREDO, 1990);
- **movimento retrojetivo:** o elemento que faz a ligação das duas orações precisa “olhar” para a primeira oração para, a partir daí, concluir a idéia (BALLY, 1965);

- **rigidez na sequência:** para o elemento coordenativo estabelecer a relação de sentido entre as orações, é necessário que X venha antes de Y (BALLY, 1965);
- **pausa:** ocorre uma pausa mais marcante que antecede os itens adversativos, registrado na escrita por vírgula, ponto-e-vírgula ou ponto final (CARONE, 1988);
- **relação de contraste por quebra de expectativa** (coordenação por adversatividade): nessa relação, o interlocutor se surpreende com o que o locutor afirma na oração adversativa, pois não era esperada a conclusão apresentada (VAN DIJK, 1977; DIK, 1989).

2.3. A mudança semântica das conjunções

2.3.1. A proposta de Sweetser (1988, 1990)

Em seu texto de 1988, Sweetser questiona afirmações em gramaticalização a respeito do enfraquecimento semântico ou perda semântica e também sobre a regularidade da mudança semântica. Para ela, um item, ao passar por um processo de mudança semântica, não perde totalmente traços do domínio fonte; alguns traços são mantidos de forma opaca. Um exemplo dado pela autora para sustentar essa afirmação é a mudança semântica do verbo *to go*, do inglês, que, do sentido fonte de movimento espacial, físico, passa, por meio de uma projeção metafórica, a significar futuridade. Ainda que o verbo tenha perdido alguns traços do domínio fonte, são mantidos traços como: linearidade entre dois pontos, antes, de caráter espacial, agora, de caráter temporal; posição do falante, que sempre se coloca na base e estabelece a projeção, seja espacial ou temporal.

Em estudo de 1990, baseada em trabalhos de semântica histórica, Sweetser (1990, p. 18) afirma que os resultados desses trabalhos atestam regularidades na mudança semântica e constituem evidência de que ela é estruturada pela cognição. Diante dessa constatação, a autora propõe um modelo de projeção metafórica que estrutura os itens da língua em três

domínios, a saber: conteúdo (sócio-físico), epistêmico (raciocínio lógico) e conversacional (ato de fala). Esses domínios são organizados unidirecionalmente, do conteúdo [+ físico] para o conversacional [+ psicológico], passando pelo epistêmico, segundo o *cline*: *conteúdo (sociofísico) > epistêmico (raciocínio lógico) > conversacional (ato de fala)*.

Segundo a autora, a passagem de um domínio a outro é marcada por estágios de polissemia, devido ao uso metafórico de um item em diferentes domínios, ou seja, se um item tem um significado A e depois passa a ter um significado B, houve um estágio em que esse item significou A e B simultaneamente. Para ela, as transferências metafóricas são reflexos das nossas experiências no mundo físico que se organizam para representar ideias abstratas.

Ao tratar das conjunções *and*, *or* e *but*, a autora defende que elas podem ser interpretadas de modo diferente, a depender do seu emprego. Os exemplos da conjunção adversativa inglesa *but*, dados pela autora, ilustram o funcionamento da conjunção em dois domínios, o epistêmico e o conversacional, como mostram (11) e (12), respectivamente.

- (12) John keeps six boxes of pancake mix on hand, *but* never eats pancakes.
 John tem seis misturas de panquecas, *mas* ele nunca come panquecas.
 (= Do fato de ter seis misturas de panquecas conclui-se que John come panquecas, informação que se choca com a outra informação de que ele nunca come panquecas.)
- (13) King Tsin has a great mu shu pork, *but* China First has excellent dim sum.
 King Tsin tem um ótimo *mu shu pork*, *mas* o China First tem um excelente *dim sum*.
 (= A sugestão indireta inicial de comer no King Tsin choca aparentemente com a sugestão indireta subsequente de comer no China First; ambas sugestões não podem, presumivelmente, ser seguidas simultaneamente.)

Em (12), ocorrência representativa do nível epistêmico, a premissa disponível de que John tem seis misturas de panquecas se choca com a conclusão de que ele nunca comeu panqueca. Já em (13), representativa do nível conversacional, o uso de *but* (*mas*) sinaliza a consciência do falante de apresentar lado a lado, pelo menos, dois atos de fala parcialmente discordantes. O choque aparente, em (13), está no fato de oferecer ao interlocutor opções, já

que, segundo Lakoff (1972, 1973 *apud* SWEETSER, 1990), é educado apresentar algumas opções e permitir que o interlocutor escolha.

Segundo a autora, o motivo de não ter exemplo de *but* no domínio do conteúdo é devido ao fato de que, se dois estados coexistem no mundo real e a conjunção *but* apresenta ambos como verdadeiros, então esses estados não podem se chocar no nível do mundo real.

Retomando a ideia de que os traços do significado fonte de um item são mantidos, é preciso esclarecer que não necessariamente eles serão percebidos pelo falante, como, por exemplo, no caso de algumas adversativas com *porém*, em que o significado fonte de *conclusivo-explicativo* já está tão opacificado que o falante não consegue recuperá-lo.

2.3.2. Elizabeth Traugott (1982, 1999) e E. Traugott & E. König (1991) – a mudança semântica em gramaticalização

Traugott (1982) aborda algumas mudanças linguísticas de palavras da língua inglesa sob o prisma dos componentes funcionais da linguagem, propostos por Halliday e Hasan (1976). Esse modelo semântico-funcional apresenta três componentes, a saber:

- **Proposicional** (*ideacional* para Halliday e Hasan): engloba os recursos linguísticos que permitem falar do mundo exterior à linguagem como, por exemplo, elementos sujeitos à verificação referencial (dêiticos de lugar, tempo e pessoa).
- **Textual**: refere-se aos recursos disponíveis para a criação de um discurso coeso, tais como conectivos, anafóricos, catafóricos, topicalizadores e complementizadores.
- **Expressivo** (*interpessoal* para Halliday e Hasan): diz respeito aos recursos que a língua tem para o falante expressar atitudes/avaliações pessoais sobre o que está sendo dito, sobre o próprio texto ou sobre os participantes da situação discursiva. Inclui os

modalizadores, operadores argumentativos, marcadores de pressuposição e índices de polifonia.

Tendo em mente esse três componentes semântico-funcionais, a mudança de significado ocorrerá de um componente para o outro. Para explicar melhor a trajetória de mudança de alguns itens, segundo esse modelo, Traugott (1982) apresenta duas hipóteses:

- **Hipótese A:** se ocorrer uma mudança semântica no processo de gramaticalização, é mais provável ser do menos pessoal³ para o mais pessoal do que o contrário.

Essa hipótese pode ser comprovada por meio de vários exemplos de muitas línguas. Um dos exemplos citados pela autora é a trajetória *aspecto* > *tempo*, em que tempo é mais pessoal que aspecto, no sentido de estar ancorado deiticamente no ato de fala.

- **Hipótese B:** se ocorrer uma mudança semântica no processo de gramaticalização, será de um componente semântico-funcional para outro. Então tal mudança é mais provável ocorrer do nível proposicional para o expressivo, por meio do textual, do que na direção inversa.

Segundo a autora, nos processos de gramaticalização, a mudança de significado tem, então, a seguinte trajetória: **proposicional** > **(textual)** > **expressivo**.

Um exemplo que ilustra a passagem do proposicional para o expressivo por meio do componente textual é o desenvolvimento do item *while*, que pode ser descrito da seguinte maneira:

³ Entenda “mais pessoal” como “mais ancorado no contexto do ato de fala”.

(14)	<i>pa hwile pe</i> (uso nominal e adverbial)	>	<i>While</i> (conectivo temporal (coesivo))	>	<i>while</i> (relação concessiva)
	Proposicional	>	Textual	>	Expressivo

Traugott & König (1991, p.208), revisando essa proposta inicial, identificaram três tendências semântico-pragmáticas em gramaticalização:

Tendência I: significados baseados em descrições de situações exteriores > significados baseados em situações internas (avaliativas, perceptivas, cognitivas).

Essa mudança segue de uma situação física (concreta) para uma situação perceptual (cognitiva). Tem-se como exemplo o desenvolvimento de termos espaciais em advérbios ou preposições, podendo se desenvolverem em conjunções.

Tendência II: significados baseados em situações externas ou internas > significados baseados em situações textuais (coesivas).

Os autores citam como exemplo dessa segunda tendência o item *after*, que, de conectivo temporal, passa a funcionar como marcador textual, desempenhando relações coesivas.

Tendência III: significados tendem a ser fundados nas crenças subjetivas ou atitudes dos falantes a respeito da situação.

Como exemplo dessa tendência, tem-se relações causais e concessivas expressam, essencialmente, atitudes subjetivas do falante em relação ao que está sendo dito.

Diante dessas tendências, os autores chegam à formulação de que as mudanças semânticas que acompanham os processos de gramaticalização seguem uma trajetória unidirecional, que aponta para o crescente fortalecimento da expressão subjetiva do falante, numa trajetória do tipo:

$$(15) \quad \begin{array}{l} \textit{Significados} \\ \textit{identificáveis nas} \\ \textit{situações extralin-} \\ \textit{guísticas} \end{array} > \begin{array}{l} \textit{Significados fundados} \\ \textit{na marcação textual} \end{array} > \begin{array}{l} \textit{Significados fundados na} \\ \textit{atitude ou crença do falante a} \\ \textit{respeito do que é dito} \end{array}$$

Para os autores, a motivação do processo está no princípio da informatividade ou relevância, que é o fator responsável por fazer com que os falantes busquem maior clareza, por meio dos itens gramaticais, e que selecionem a interpretação mais informativa ou relevante.

Os autores também argumentam contra a noção de perda semântica que é muito apontada na literatura recente. Para eles, o processo de mudança semântica pode ser acompanhado de uma perda de significado, por um lado, mas há sempre um ganho, por outro, e é nesse último ponto que o pesquisador tem de se basear.

Em Traugott (1999), a autora apresenta os processos de subjetivização e intersubjetivização como meios para o processo de mudança semântica de um item. A **subjetivização** é definida, pela autora, como o processo pelo qual significados novos são desenvolvidos para lexemas já existentes, com o propósito de codificar as atitudes baseadas no mundo comunicativo do evento do ato de fala, e não em aspectos do evento ou situação referente ao mundo real.

Alguns autores abordam a noção de intersubjetividade que pode ser entendida como uma propriedade da subjetivização. Para Schiffrin (1990), a intersubjetividade emerge da interação entre o que o agente faz e a interpretação pública de toda a informação disponível.

Nuyts (1998) define a “intersubjetividade” como a evidência conhecida ou acessível ao grande número de pessoas que dividem a mesma conclusão com o falante. Por último, Traugott (1999) concebe a intersubjetividade como a atenção do falante para as atitudes do ouvinte. A **intersubjetivização** é o processo pelo qual os significados, com o tempo, passam a codificar as atitudes do falante com relação a atenção do ouvinte.

Em suma, enquanto a subjetivização está centrada no falante, a intersubjetivização está centrada no ouvinte. Esses dois processos são complementares, no sentido de que a intersubjetivização não existe sem um grau de subjetivização, e vice-versa.

CAPÍTULO III

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Apresentamos, nesse capítulo, os procedimentos metodológicos adotados em nossas análises. Num primeiro momento, relatamos os procedimentos para a composição dos *corpora*. Na segunda seção, atemos-nos aos procedimentos para a apuração da frequência considerando os critérios de análise adotados no presente trabalho. Por fim, apresentamos em detalhe esses critérios de análise, em formato de *grupo de fatores*.

3.1. Composição dos *corpora*

Os dados dos itens adversativos *porém*, *contudo*, *todavia*, *entretanto* e *no entanto* foram extraídos de textos escritos, representativos dos três períodos da língua portuguesa, sendo: período arcaico (séc XIII ao XV), período moderno (séc XVI e XVII) e período contemporâneo (séc XVIII ao XXI).¹

Para abarcarmos todos esses períodos, foram selecionados textos de natureza diversa dos séculos XIII ao XIX², pertencentes ao Banco Informatizado de Textos, do Projeto para a História do Português (BIT-PROHPOR)³, organizado pelos pesquisadores da Universidade Federal da Bahia, sob responsabilidade da Professora Doutora Rosa Virgínia Mattos e Silva, os quais foram complementados pelo “*Corpus* diacrônico do Português”, organizado por Longhin-Thomazi (2007)⁴, uma vez que o primeiro não apresentava muitas páginas editadas por século. Para a amostra do século XX, foram coletados dados de textos escritos (crônicas e

¹ Essa periodização é a mesma adotada pelos pesquisadores do BIT-PROHPOR para organização do *corpus* que nos serviu de fonte para o levantamento dos dados.

² Os tipos de textos encontrados nas sincronias investigadas são: carta oficial, crônica, relatório de repartição pública, discurso religioso, testemunho, discurso científico, discurso político, relatório de guerra e relatório de viagem.

³ Os textos que compõem esse *corpus* foram editados, a partir de cópias fac-similadas, com rigor filológico pelos pesquisadores do projeto ou por alunos de pós-graduação que desenvolvem esse trabalho como parte de um projeto de pesquisa.

⁴ Esse *corpus* foi feito sob os auspícios da FAPESP, e disponível no site www.cdp.ibilce.unesp.br

correspondências) da primeira metade do século XX, provenientes do Banco Lexicográfico da UNESP-Araraquara. Por fim, como representantes da sincronia atual, foram selecionados textos de caráter opinativo-argumentativo (editoriais, crônicas jornalísticas e cartas de painel de leitores)⁵ do jornal *Folha de São Paulo*.⁶

Foram selecionadas, em média, 300 páginas, em formato *Word*, de textos representativos de cada um dos oito primeiros séculos (XIII ao XX), e, do século XXI, foram selecionados quatro exemplares por ano do jornal *Folha de São Paulo*, de 2001 a 2009, totalizando 288 páginas representativas do século.⁷

É importante dizer que a pesquisa com dados históricos encontra certas dificuldades e limitações, tais como:

- 1) representatividade de diferentes gêneros textuais que pode ser uma instância que favorece a manifestação, em menor ou maior grau, de alguns fenômenos linguísticos, como, por exemplo, o caso de ocorrências do juntivo *contudo*, que apresenta baixa frequência em todas as sincronias investigadas;
- 2) embora o *corpus* esteja em grande parte informatizado, a identificação dos itens investigados, para posterior extração do contexto maior de sua ocorrência não é facilitada, em razão das diferentes grafias em séculos mais iniciais (XIII ao XV), o que exige a busca “manual” por meio da leitura minuciosa de todos os textos provenientes desses séculos;⁸
- 3) falta de garantia na interpretação adequada de algumas ocorrências dos séculos passados, as quais requerem informações extralinguísticas, nem sempre possível de serem recuperadas no contexto.

⁵ A escolha por trabalhar com crônicas e cartas nos séculos XX e XXI deve-se ao fato de terem sido os gêneros que mais se sobressaíram no *corpus* diacrônico.

⁶ Os textos pertencentes a esse último *corpus* foram coletados por mim.

⁷ A referência dos textos investigados pode ser verificada no Anexo 1, em que, antes da referência bibliográfica de cada texto, há um sigla que os identifica nas análises.

⁸ É o caso, por exemplo, de *porém*, que, entre os séculos XIII ao XV apresenta as seguintes variações ortográficas: *por en*, *por em*, *poren*, *porem*, *por ende*, *porende*, *por ende*, *porě*, *porěde*.

3.2. Apuração de frequência e análise dos dados

Na literatura mais recente sobre gramaticalização (BYBEE *et al.*, 1994; BYBEE, 2003), há vários estudos que apontam a importância do aumento da frequência de uso dos itens em gramaticalização.

Bybee (2003) afirma que uma das características notáveis dos itens gramaticais nas construções em que eles ocorrem é sua frequência textual extremamente alta quando comparada à frequência típica dos itens lexicais. Esse aumento na frequência de uso de uma forma surge como resultado de um aumento nos números e tipos de contexto em que ela é empregada. A frequência não resulta na gramaticalização, mas constitui uma contribuição primária para o processo.

Nesse trabalho, Bybee apresenta uma nova definição de gramaticalização que considera a importância do papel da repetição durante o processo de gramaticalização e caracteriza-o como o processo pelo qual uma sequência de palavras ou morfemas altamente frequentes se torna automatizada como uma unidade de processamento singular.

A autora, a partir de Haiman (1994), apresenta os aspectos da ritualização, que são resultados do processo de repetição, sendo eles:

- **habituação:** esvaziamento de um objeto cultural ou prática da sua força e frequentemente sua significação original;
- **automatização:** processamento de uma sequência como bloco único;
- **redução da forma:** a redução ocorre por meio do enfraquecimento de gestos individuais e reorganização de uma série de gestos separados em uma unidade automatizada;
- **emancipação:** a função original, mais instrumental, cede lugar à função mais simbólica inferida do contexto em que a unidade ocorre.

Segundo Bybee, esses aspectos de ritualização aplicados aos processos de gramaticalização colaboram para argumentar que a repetição frequente de um item representa importante papel nas seguintes mudanças:

- i. a frequência de uso leva ao enfraquecimento de forças semânticas pela habitualidade, processo pelo qual um organismo deixa de responder no mesmo nível ao estímulo repetido;
- ii. mudanças fonológicas de redução e fusão de construções gramaticalizadas são condicionadas por sua alta frequência e por seu uso em porções do enunciado que contêm informação velha ou de fundo;
- iii. o aumento da frequência confere maior autonomia à construção, o que significa que componentes individuais da construção enfraquecem ou perdem sua associação com outras ocorrências do mesmo item;
- iv. a perda de transparência semântica que acompanha a separação entre os componentes da construção gramaticalizada e seus congêneres lexicais permite o uso da forma em novos contextos com novas associações pragmáticas, levando a mudança semântica;
- v. a perda de autonomia da forma frequente a torna mais enraizada na língua e frequentemente condiciona a preservação de algumas das características morfossintáticas obsoletas.

Para a contagem da frequência, são utilizados dois métodos: um relacionado à frequência *token* e o outro à frequência *type*. *Token*, ou frequência textual, é a contagem de todas as ocorrências do item, independentemente do significado que elas veiculam. A

frequência *type* refere-se à contagem de um padrão particular de dicionário; em outras palavras, o significado ou a função de um item ou construção.

Uma propriedade muito notada de construções gramaticalizadas é o seu aumento em frequência *type*. Como consequência, a frequência *token* também cresce. Tão importante quanto o aumento da frequência *type* é a alta frequência *token* das formas gramaticalizadas, que é identificada como uma das causas que desencadeia muitas mudanças na forma e na função das construções gramaticalizadas.

Bybee afirma que, apesar de a repetição ser um universal no processo de gramaticalização, e suas consequências para a representação cognitiva serem os maiores fatores na criação da gramática, ela sozinha não pode dar conta de todos os universais da gramaticalização. Não é somente o fato da repetição que é importante, mas também *o que é repetido*.

Para a análise quantitativa elaborada nesse trabalho, o processamento de dados foi feito eletronicamente, empregando-se o “pacote” estatístico *GOLDVARB* e seus subprogramas para a identificação das frequências *token* e *type*, bem como para a descoberta de correlações entre os critérios de análise propostos por meio dos grupos de fatores. As ocorrências foram selecionadas no *corpus* e codificadas, de acordo com códigos mnemônicos atribuídos a cada um dos fatores que representam os critérios de análise. Nessa fase, o emprego da noção de *grupo de fatores* emprestada da Sociolinguística Variacionista é de fundamental importância, pois permite manipular uma grande quantidade de dados, ao mesmo tempo em que garante que todos os dados sejam analisados à luz dos mesmos critérios.

A fase precedente à quantificação dos dados é também importante, já que pressupõe, de antemão, uma leitura qualitativa dos dados, que permite, após os resultados frequenciais, compreender e explicar as estatísticas numéricas oferecidas pelo programa.

A partir da análise dos resultados frequenciais oferecidos pelo programa, analisamos os itens adversativos que estão mais próximos do comportamento conjuncional e os que estão mais distante, propondo, assim, um *cline* de gramaticalidade para os itens. Por meio da análise unidimensional oferecida pelo programa e do cruzamento dos grupos de fatores, extraímos os percentuais e verificamos os fatores relevantes para a mudança sintático-semântico-pragmática de *porém*, *contudo*, *todavia*, *entretanto* e *no entanto*.

3.3. Por uma definição dos juntivos mais gramaticalizados

Cada ocorrência selecionada foi submetida aos grupos de fatores apresentados a seguir, os quais permitiram estabelecer uma escala de gramaticalidade para cada um dos itens e também entre eles.

Grupo 01: relação semântico-discursiva

Para o conjunto de itens estudados, foram encontradas 12 diferentes funções semânticas⁹, cuja distribuição por entre eles segue apresentada no quadro 06, abaixo. Ocorrências exemplificativas de cada uma dessas funções seguem apresentadas e discutidas por juntivo de (16) a (20).

⁹ Essas funções foram recuperadas a partir dos trabalhos de Barreto (1999), Rocha (2006), pesquisas em gramáticas históricas e dicionários etimológicos, tais como Said Ali (1964), Cunha (1986).

Item / Função Semântica	Porém (16)	Todavia (17)	Contudo (18)	No entanto (19)	Entretanto (20)
Lugar figurado (Barreto, 1999)				(19a)	(20a)
Temporal (Barreto, 1999)					(20b)
Modo I (de todo modo) (Barreto, 1999)		(17a)			
Modo II (completamente) (Barreto, 1999)		(17b)			
Fórico (Barreto, 1999)			(18a)	(19b)	
Conclusivo (Barreto, 1999)			(18b)		
Conclusivo- explicativo (Mattos e Silva, 1984)	(16a)				
Relação ambígua	(16b)	(17c)	(18c)		
Adversativo	(16c)	(17d)	(18d)	(19c)	(20c)
Reforço	(16d)	(17e)	(18e)	(19d)	

Quadro 06: Matriz de traços semânticos que se aplicam aos diferentes advérbios juntivos

Das 10 funções semânticas apontadas no quadro 06, *porém* realiza as seguintes funções: conclusivo-explicativo, ambíguo, adversativo e reforço, como seguem exemplificadas em (16).

(16) Funções semânticas de *porém*

- a. Toda mulher uyuuoa, pero que aya padre ou madre, possa-sse casar sem mandado d'elles, se quiser, e non aya nenhua pea **poren** de a desherdarem. (13LA, p.8)
- b. O dia em que el Rey auia dauer sua rreposta, foi assijnado aaquelles senhores e leterados, no quall cada huu disse sua emtemçom, segundo a camtijdade de seu emtemder e saber, nom **porem** afastados de huu proposito. (15CTC, p.9)
- c. Não se pode negar que o Banco Central vem procurando ampliar suas operações no mercado de câmbio com vistas a conter a forte valorização do real. Os resultados, **porém**, têm sido pouco expressivos. (21FSP, fev.05)
- d. Pela boniteza da impressão, pela generosidade do papel, pelo conselho encantador das gravuras, os bons livros modernos não querem nos obrigar apenas a saber a vida, mas a gostar dela **porém**. (20GN, p.177)

Na ocorrência (16a), representativa do século XIII, *porém* estabelece uma relação conclusivo-explicativa entre os dois enunciados: no primeiro enunciado, o locutor dirige o seu argumento em favor do casamento de qualquer mulher, sem consentimento dos pais, e, no segundo enunciado, o locutor apresenta a conclusão desse argumento: a mulher não deve ser penalizada pelo seu casamento sem consentimento dos pais e, para isso, o locutor se utiliza de *poren* que, nessa ocorrência, tem valor anafórico de *por isso*.

Em (16b), temos uma ocorrência que permite tanto uma leitura conclusivo-explicativa como uma leitura adversativa. Numa leitura conclusivo-explicativa, teríamos que, embora os senhores e letrados dissessem suas intenções, segundo o entender e o saber deles, eles não estavam por isso afastados de um propósito. Já, numa leitura adversativa, *porém* estabelece uma relação de negação de inferência, uma vez que, a partir do primeiro enunciado, o interlocutor conclui que os senhores e letrados fizeram suas intenções levando em consideração, apenas, o entender e o saber deles, no segundo argumento, então, o locutor nega essa inferência feita pelo interlocutor e mostra que, na verdade, os senhores e letrados tinham um propósito com as suas intenções.

Porém, em (16c), funciona com um adversativo, marcando uma relação de contra-argumentatividade, pois, o argumento apresentado no primeiro enunciado direciona o interlocutor para a conclusão de que a ação do Banco Central de conter a valorização do real está sendo satisfatória, mas, no segundo enunciado, o argumento segue em direção oposta ao do primeiro enunciado, mostrando que não são tão satisfatórios os resultados da ação do Banco Central.

Como exemplo de reforço, temos a ocorrência (16d), em que *porém* reforça o valor adversativo já expresso pelo *mas*, item principal da classe dos adversativos.

Todavia, Em todos os corpora investigados, encontra-se associado as funções de: advérbio de modo I (*de todo modo*), advérbio de modo II (*completamente*), ambíguo, adversativo e reforço, como exemplificadas pelas ocorrências em (17)¹⁰.

(17) Funções semânticas de *todavia*

- a. Assi andaram todo aquel dia, que nom falaram em al, senom que dizia Erec que **todavia** teeria sua promessa; mais muito se maravilhava que era o que queria pidir. (13DSG, p.10)
- b. Toda cousa mouil que omẽ mandar aas eygreyas ou a proues ou a outros logares d' esmolna ou pera quando se ordiar crerigo ou pera uoda de leygo, o *que* mãdar seya teudo *de* o dar **todauia**. (13FR, p.68)
- c. – Ai, senhoram disse Meraugis, eu soõ ainda novel cavaleiro e soõ de pequena nomeada, e rogo-vos por Deus que me leixedes ir convosco ataa que veja que vós haveades mester de companhia, ca o coraçom me diz que vos há-de conter alguu mal.
– Nom farám, disse Erec, se Deus quiser.
– **Todavia**, disse Meraugis, vos rogo que me leixedes convosco ir.
E el lho outorgou. (13DSG, p.10)
- d. Posso dar rumo à minha vida sem a miragem diante dos olhos. Em fins deste abril devo vender uma casa em São Paulo e então te mandarei o conto. Não garanto, **todavia**. As coisas falham 9 vezes para acertar 1/2: não obstante estive em São Paulo há poucos dias e ficou fechado o negócio, dependendo do recebimento por parte do comprador de uma letra do Governo, que vence nos fins de abril. (20CE-C, p.5)
- e. Como assi seja que em duas maneiras se faça a alguém enjuria: hua per engano, e outra per força, o engano perteece aa rraposa, e a força ao liom, e cadahua delas he muy estranha da natureza do homem. Mas **todavia** o engano he mais digno de sseer avorrecido. (15LO, p.17)

Em (17a), *todavia* estabelece uma relação de modo, podendo ser parafraseado por “de todo modo”. No trecho apresentado acima, podemos interpretar que Erec, durante o caminho, dizia que manteria sua promessa *de todo modo*, ou seja, independentemente do que acontecesse.

Todavia, em (17b), expressa uma relação modal com valor semelhante a *completamente*¹¹. Numa leitura atual da ocorrência, teríamos: Toda coisa móvel que homem mandar (...), o que mandar seja obrigado de o dar completamente.

¹⁰ Barreto (1999), Rocha (2006) e Houaiss (2001) afirmam que valor semântico originário de *todavia* é o valor espacial, mas nenhum dos autores apresenta uma ocorrência exemplificativa. No *corpus* analisado nessa pesquisa também não encontramos nenhum uso com esse valor.

¹¹ Valor registrado por Barreto (1999).

A ocorrência em (17c) permite uma leitura ambígua tanto como relação de modo com valor de *de todo modo* quanto como a relação de adversatividade. Numa leitura modal, o valor *de todo modo* é abstratizado, equivalente a “ainda assim”, “seja como for”, *todavia*, nesse caso, veicularia o sentido de que o cavaleiro roga a ida junto a Erec de qualquer modo. Já, numa leitura adversativa, *todavia* estabelece uma relação de contra-argumentação no sentido de oposição de argumentos, pois embora Erec afirme que não há necessidade de Meraugis ir, esse se opõe ao argumento de Erec, insistindo na ida.

Em (17d), a relação semântica veiculada por *todavia* é de adversatividade, uma vez que, no primeiro argumento, o interlocutor conclui que o dinheiro será mandado, mas a conclusão evidenciada pelo segundo argumento é para o sentido oposto – o dinheiro, possivelmente, pode não ser enviado. A conclusão final tende para a ideia defendida no segundo argumento.

Na ocorrência (17e), representativa do século XV, *todavia* co-ocorre com o adversativo prototípico *mas*, reforçando a ideia já defendida por esse ou atuando, principalmente, no nível semântico desse enunciado.

Para *contudo*, foram identificadas as funções de fórico, conclusivo, ambíguo, adversativo e reforço, como exemplificam as ocorrências em (18).

(18) Funções semânticas de *contudo*

- a. eles mandarom odegradado e nom quiseram que ficasse la cõ eles ./ o qual leuaua huã bacia pequena e duas ou tres carapuças vermelhas pera dar la ao Sor seo hy ouuese. / nõ curarã de lhes tomar nada e asy o mandaram **com tudo**. (15CC, Fol4v)
- b. Mas o nosso Philosopho Illustre, ate os seus últimos annos, fez o mayor apreço e estimaçam do merecimento, e habilidade de outros, e pagava todo o respeyto a os seus pensamentos. Em huma palavra, o seu modo de proceder em respeyto de si, e de outros era tal, que nem a mais odioza, e malicioza censura o pôde ja mais offender. E **com tudo**, que estava armado da mayor humildade que se tem visto, parece estava o Mundo resolutu a lançar tanto peso de louvor, e aplauzo da parte da balança opposta á em que estava a sua grande modestia, que preponderace e fizesse subir as suas eminentes perfeiçoas a hum ponto tam sublime, e levantado, que todos as pudessem ver, e admirar; pois por mais que o defendia a sua modestia, era incessantemente louvado, a plaudido, e admirado em todas

as Sociedades, e Universidades da Europa em sua Vida... (18TM, p.19)

- c. Nem todos se hão de seguir (*disse o Doutor*) que como escreve o Filósofo Fauorino, cada hum deve vsar de palauras presentes, & costumes antigos: & mays quando o vso he abusaõ, que no primeiro, per ser tal, o defenderão as leys: & no segundo o reprimem os mesmos que o vsão. **Com tudo**, Leonardo dirá o que lhe parece. (17CA, p.16)
- d. Como ficou demonstrado depois, ele nada tinha a ver com o assassinato. A inocência, **contudo**, não o impediu de ser agredido para confessar a autoria do crime, como agora relatam familiares da vítima. (21FSP, set.03)
- e. E aindaque a Escritura sagrada diz, que todos os homens por sua natureza estão corruptos pelo peccado, muytos dos Doutores Romanos contendem, que a Virgem Maria foy nascida sem peccado original; e ainda que outros entre elles mesmos contradizem a isto, **com tudo** todos os da Igreja Romana tem a opiniaõ, que ella foy sem algum peccado actual. (18NA, p.19)

Em (18a), *contudo* estabelece uma relação fórica, pois retoma o enunciado anterior “o qual leuaua huã bacia pequena e duas ou tres carapuças vermelhas”, ou seja, eles mandaram o degradado com todas as coisas que estavam com ele.

Com tudo, em (18b), é utilizado para estabelecer uma relação de conclusão. No primeiro enunciado, o locutor constrói o seu argumento em defesa do filósofo ilustre, mostrando que ninguém seria capaz de ofendê-lo. O segundo argumento conclui a ideia já apresentada no primeiro argumento, afirmando que as pessoas apenas louvam e aplaudem o tal filósofo.

A partir da interpretação da ocorrência (18c), podemos depreender tanto uma leitura fórica quanto uma leitura adversativa. Numa leitura fórica, teríamos o pronome indefinido *tudo* retomando todo o enunciado anterior “& mays quando o vso he abusaõ, que no primeiro, per ser tal, o defenderão as leys: & no segundo o reprimem os mesmos que o vsão” e, logo após, se afirma que Leonardo dirá o que parece, levando em consideração o que já foi dito. Numa leitura adversativa, por sua vez, temos que a direção argumentativa do primeiro argumento leva o leitor concluir que as possibilidades de resolução do caso já foram apresentadas. No entanto o segundo argumento traz uma informação independente – o dizer do Leonardo sobre o caso – que pode ser considerado como um novo argumento sobre a resolução dos fatos.

Na ocorrência em (18d), *contudo* estabelece uma relação adversativa, em que, no primeiro enunciado, o locutor apresenta o argumento que mostra que alguém foi inocentado do assassinato, fazendo o locutor concluir que esse alguém não sofrerá nenhuma represália; no segundo enunciado, no entanto, o argumento defendido é contrário ao primeiro, pois sustenta a ideia de que, mesmo inocente, esse alguém sofreu alguma agressão.

No uso de *contudo*, em (18e), o item funciona como um reforço, pois a ideia de contração já está estabelecida pelo concessivo *ainda que*, no enunciado “*ainda que outros entre elles mesmos contradizem a isto*”; assim, o uso de *contudo* reforça a direção oposta do argumento introduzido por *ainda que*.

No entanto realiza apenas quatro das 10 funções mostradas no quadro 06, quais sejam: advérbio temporal, advérbio fórico, adversativo e reforço, como exemplificam as ocorrências em (19).

(19) Funções semânticas de *no entanto*

- a. E disse-lhe huu dos filhos, que avia nome Ruben: padre, dá tu a mym Benjamym, e eu o levarei, e se o eu non tornar acá, e o der a ti, toma dous meus filhos, que eu hei, e mata-os. E disse Jacob: digo-vos que non hirá meu filho Benjamym comvosco. **Entanto** despenderom os mantijmentos, e acoitava-os a fame, e disse Jacob a seus filhos: tornade ao Egito, e comprade alguu pouco de mantijmento; e disse-lhe Judas: se tu quiseres enviar cõnosco Benjamym, iremos alá, e em outra guisa non hyremos. (14BMP, p.47)
- b. – Tu me profaças de traíçam; mais certamente nom me devem **em tanto** protaçar como ti; ca se tu nom fõsses mais aleivoso cavaleiro || ca outro, nom mataras assi tua irmaã por ua sôo palavra que me prometeste. (13DSG, p.20)
- c. No 1.0 mês vendemos 60 contos. Cala o bico. Mas eu e o Otales havemos de provar aos povos que somos inderrotáveis. Imaginava que o capital social da grande empresa é só de 50 contos; **no entanto** as 20.000 gramáticas que vendemos este mês, só elas, nos dão um líquido de 55 contos! (20CE-C, p.19)
- d. Este ano é escasso de café, ano de nenhum lucro, mas **no entanto** tenho um colheirão com o qual espero enterrar os últimos cadáveres. (20CE-C, p.7)

Na ocorrência (19a), *no entanto*, grafado como *entanto*¹², apresenta uma leitura temporal. Nessa ocorrência, podemos interpretar que Jacob disse a seus filhos para irem ao

¹² Cunha (1989) registra a forma de *entanto* no século XIII como advérbio com significado de “neste meio tempo, neste ínterim, entretanto”. Barreto (1999), afirma que *entanto* é a forma pelo qual origina-se *no entanto*.

Egito comprar mantimentos enquanto eles despejavam os mantimentos. Como *no entanto*, *entretanto* também apresenta valor temporal.

No entanto, em (19b), é um advérbio fórico, com valor de *por isso*, valor esse que deu origem ao item¹³. Numa interpretação dessa ocorrência, teríamos que o fato de *tu* ter professado contra o *eu*, não faz com que, por causa disso, o *eu* professe contra o *tu*.

Em (19c), estabelece-se uma relação semântica adversativa entre os enunciados, pois, no primeiro argumento, a conclusão é direcionada para a ideia de que o lucro da empresa é de 50 contos; no segundo argumento, a conclusão é de que o lucro do mês corrente ultrapassa os 50 contos, atingindo os 55 contos.

A ocorrência (19d) exemplifica o uso de *no entanto* como reforço adverbial de *mas*. Podemos considerar que *no entanto* reforça a conclusão orientada por *mas* de que, embora tenha a escassez do café, o locutor espera ter um bom lucro.

Do mesmo modo que *no entanto*, *entretanto* também realiza apenas três funções: advérbio temporal, advérbio espacial (lugar figurado) e adversativo, como seguem exemplificadas em (20).

(20) Funções semânticas de *entretanto*

- a. Tomada essa resolução se pôs em ordem para este edifício, fazendo primeiro um cercamento forte de pau a pique para os trabalhadores e soldados poderem estar seguros do gentio e como foi acabada arrumou a cidade dela para dentro arruando-a por boa ordem com as casas cobertas de palma ao modo do gentio em as quais por **entretanto** se agasalharam os mancebos e soldados que vieram na armada e como todos foram agasalhados ordenou de cercar esta cidade de muros de taipa grossa. (16BNB, p.56)
- b. Eu sei, que cá- be nos limites da minha Jurisdição | punir esta especie de dezobediencia, e dar por inutil, ede nenh__ efeito alicen | ça concedida; mas hé justo, que esta Ca- | mara, eas futuras conheção quanto dé- vem ser respeitádas, e venerádas as ordens | dos senhores Generaes; epor isso oponho | na Prezensa deVossa Excelencia para da | sua parte lho extranhar, com Piedade | sim, mas de forma, que elles conheção agra- | vidade do seo erro, e dasua facilidade, e | que este Padre conheça tamb__, que de- | ve esperar asoberana Decisão, que elle | mesmo prócurou, e **entretanto** aco- ||| Acomodar se, e não au mentar as | perturbaçoens, partidos e dezunião em | que Vive este Povo: Espero a Rezolução de Vossa Excelencia para saber o que | eide obrar.| (17CBS, p.147)

¹³ Segundo Barreto (1999), o valor explicativo de *entanto* (*no entanto*) é registrado como valor original do advérbio latino *intantum*. A autora, em seu trabalho, não encontra usos em português.

- c. Confesso que morreria de vergonha e de ódio se alguém me desse um "ósculo" **Entretanto** há pessoas que acham um beijo coisa muito vulgar e preferem ósculos. Osculem-se, osculem-se. (20GN, p.121)

Entretanto, em (20a), funciona como um sintagma preposicional que integra a categoria de advérbio espacial (lugar figurado), podendo ser parafraseado *por entre tantas coisas*, valor originário do item¹⁴. Ao interpretarmos a ocorrência, temos que os mancebos e soldados foram agasalhados entre tantas coisas.

Na ocorrência (20b), a relação semântica veiculada por *entretanto* é temporal, podendo ser parafraseada por *enquanto isso sucede*. Numa leitura atualizada da ocorrência, teríamos: “(...) é justo que esta câmara e as futuras conheçam quanto devem ser respeitadas e veneradas as ordens dos senhores generais, e, por isso, oponho na presença de Vossa Excelência para da sua parte, com piedade, sim, mas de forma que eles conheçam a gravidade dos seus erros e da sua facilidade e que este Padre conheça também que deve esperar a soberana decisão, que ele mesmo procurou, e enquanto isso sucede ele deve se acomodar e não aumentar as perturbações, partidos e desunião em que vive este povo”.

Em (20c), temos uma ocorrência exemplificativa da relação adversativa veiculada por *entretanto*. No primeiro argumento, o locutor admite que ele morreria de vergonha se alguém lhe desse um “ósculo”; no segundo argumento, ressalta, por meio de *entretanto*, a diferença que há entre ele e pessoas que preferem o ósculo a um beijo.

Grupo 02: posição do item no enunciado

início do enunciado

meio do enunciado

final do enunciado

¹⁴ Registrado por Barreto (1999) como valor originário do item.

Por meio do grupo 02, verificamos o percentual apresentado pelos itens estudados quanto à posição ocupada por eles no enunciado. As ocorrências de (21) a (23) exemplificam esse grupo.

- (21) Infelizmente, apesar de endurecer as restrições à publicidade, o projeto é vago quanto a uma das facetas mais relevantes do problema. O texto aprovado parece passar ao largo da regulamentação das placas, letreiros e cartazes que identificam a localização das lojas e estabelecimentos comerciais existentes na região. É bem verdade que já há algumas normas para esse tipo de sinalização. **Contudo**, dada sua profusão na área, seria desejável que o projeto de lei recém-aprovado também contemplasse a questão. (21FSP, mai.05)

Contudo, em (21), ocupa a posição inicial do segundo enunciado, posição prototípica de conjunção. Nessa ocorrência, pode-se dizer que *contudo* estabelece tanto a relação semântica de adversatividade como a relação sintática de ligar dois enunciados.

- (22) O chão, sobre que assenta a *certeza* de hoje, formou-se pelas alluviões sucessivas da *intuição* antiga. O que é ciência foi já poesia: o saio foi já cantor: o legislador, poeta: e a evidencia, uma adivinhação, um admirável *palpite*, cujas profundas conclusões são ainda o espanto, e porventura o desespero das mais rigorosas filosofias. E, se nadamos hoje em plena luz de razão, foi **entretanto** a poesia, foi essa doce mão, que nos guiou por entre o pallido crepusculo dos velhos sonhos. (19CAQ, p.22)

Em (22), *entretanto* ocupa a posição medial do segundo enunciado. Verificaremos, no capítulo IV, se a alta frequência de *entretanto* ou dos outros itens estudados nessa posição será um dos critérios para afirmar que eles ainda não são conjunções adversativas prototípicas.

- (23) O jovem: - Não duvido. Mas é a moda. O impossível é fazemos voltar à clássica ceia em família e com rabanadas, "também chamadas fatias do céu!..." Pode ser que seja mau. Que fazer, **porém**? (20GN, p.36)

A posição final ocupada por *porém*, em (23), juntamente com os usos em posição medial, são resquícios da fonte adverbial que admitem mobilidade dos itens na sentença.

Grupo 03: co-ocorrência com outros juntivos

mas
 e
 embora
 porém
 contudo
 todavia
 entretanto
 no entanto
 ainda que
 enquanto
 /: não se aplica

A partir dos resultados gerados por esse grupo, verificaremos o percentual de uso dos itens estudados com outros juntivos numa mesma sentença. Se apresentar um alto percentual, significa que o item guarda resquício do uso adverbial, afastando-o, assim, do uso conjuncional. Vejamos a ocorrência (24):

- (24) Desejo de bem fazer he ja mais special, por que todos teem tal voontade a todos, ainda que o possam bem comprir, e acerca dos chegados o sentem. E **porém** he já em graao maior e mais estremado. (15LC, p.25)

Nessa ocorrência do século XV, *porém* co-ocorre com a conjunção aditiva *e* que pode ser considerada a conjunção coordenativa mais neutra, uma vez que desempenha uma função textual coesiva de dar continuidade ao texto. Acreditamos que, nesse tipo de co-ocorrência, o primeiro juntivo estabelece a relação sintática da oração, enquanto o segundo estabelece a relação semântica. Analisando a ocorrência (24), constatamos que *porém* estabelece a ideia de compensação por acréscimo de informação, uma vez que o argumento defendido, no segundo enunciado, é baseado numa informação que acaba por alterar a conclusão do primeiro enunciado, isto é, no primeiro argumento, o falante defende a ideia de que o bem fazer se chega a todos, no segundo argumento, o falante reformula essa

consideração, afirmando, então, que o bem fazer chega, mas, agora, em grau maior e mais estremado.

Grupo 04: funcionamento semântico-pragmático no uso adversativo¹⁵

- marcador de oposição
- marcador de negação de inferência
- marcador de restrição por acréscimo de informação
- marcador de restrição por refutação
- marcador de restrição por pedido de informação
- marcador de compensação por acréscimo de informação
- marcador de compensação por substituição de informação
- marcador de compensação por exclusão de informação
- marcador de surpresa
- marcador de contra-argumentação
- marcador de direção independente com acréscimo de novo argumento
- marcador de direção independente com acréscimo de novo foco
- marcador de direção independente com acréscimo de novo tema
- /: não se aplica

Baseados em Neves (1984b) e Longhin-Thomazi (2003), levantamos as possíveis funções que o item adversativo pode vir a assumir. Com os resultados obtidos desse grupo, verificaremos se os itens estão se especializando em determinadas funções.

Neves (1984b) faz um levantamento das manobras argumentativas realizadas por *mas* e descreve as seguintes manobras: **contraposição em direção opostas** – com compensação entre *p* (primeiro enunciado) e *q* (segundo enunciado); com restrição a *p* por refutação ou acréscimo de informação ou pedido de informação –; **contraposição na mesma direção**; **contraposição em paralelo** – com acréscimo de um novo argumento; com acréscimo de novo foco; com acréscimo de novo tema –; **eliminação** – sem recolocação; com recolocação.

Longhin-Thomazi (2003), assim como Neves (1984b), também faz um levantamento das estratégias argumentativas de *só que*, encontrando 5 diferentes funções semântico-pragmáticas para o item *só que*, são essas: **marcador de diferença** – com adição de

¹⁵ No capítulo IV, analisamos as manobras argumentativas estabelecidas pelos itens analisados.

informação; com substituição de informação; exclusão de informação –; **marcador de refutação; marcador de surpresa; marcador de contra-argumentação; marcador de não-satisfação de condições.**

A seguir, explicitamos cada uma das manobras argumentativas encontradas para os itens em estudo, seguidas de uma ocorrência exemplificativa.¹⁶

- **marcador de oposição**

A marca de contraste é feita, primeiramente, por meio de palavras com significados opostos ou expressões opostas. Nesse caso, o juntivo adversativo reforça o contraste já estabelecido. Vejamos a ocorrência (25).

(25) A Portugal foram tragidos Alvoroz Gomçallvez e Pero Coelho, e chegarom a Samtarem omde el Rei Dom Pedro era; e el Rei, com prazer de sua viimda **porém** mal magoado porque Diego Lopez fugira, os sahiu fora a receber... (15CDP, p.57)

Na ocorrência (25), do século XV, o locutor estabelece uma oposição entre a expressão *com prazer*, apresentando um traço semântico positivo, e a expressão *mal magoado*, caracterizada por um traço semântico negativo. O item *porém* acaba por reforçar essa oposição.

- **marcador de negação de inferência**

Nessa função, o juntivo introduz o argumento que nega o argumento anterior, ou seja, o locutor, na primeira oração, admite como argumento o enunciado de outro enunciador E₁ (enunciatário) para, no segundo argumento, negar, contestar esse argumento. A ocorrência (26) exemplifica esse uso.

¹⁶ No próximo capítulo, apresentaremos a frequência *type* dos juntivos em cada uma das manobras argumentativas.

- (26) Aliás tenho mesmo uma memória muito fraca, razão pela qual preciso duma biblioteca muito grande. Minha memória repousa nas folhas impressas, **porém** não me lastimo. (20BLA-CRO, p.63)

Na ocorrência (26), o primeiro argumento faz o interlocutor inferir que o locutor sentia alguma lástima por ter uma memória fraca, mas no segundo argumento o locutor mostra que não sente nenhuma lástima, negando, assim, a inferência feita pelo seu interlocutor.

Segundo Vogt e Ducrot (1980), esse tipo de funcionamento discursivo causa uma *polêmica imaginária*, em que, ao enunciar não-B se pressupõe a enunciação de B, que é atribuída a um enunciador diferente de E₀ (locutor). Equivale a dizer que ao enunciar não-B, necessariamente o locutor enuncia B, fazendo uma oposição a esse. Por essa enunciação B, o locutor não se responsabiliza, apenas a rejeita.

- **marcador de restrição**

Esse tipo de marcador é utilizado em contextos que o locutor admite uma conclusão, normalmente um conteúdo pressuposto¹⁷ ou subentendido,¹⁸ no primeiro segmento, para depois, sobre ela apresentar alguma restrição, que pode representar: (i) *acréscimo de informação*, em que o locutor apresenta, no segundo segmento, uma condição para que o fato apresentado no primeiro segmento aconteça; (ii) *refutação*, em que o locutor refuta, no segundo segmento, algo que tinha sido dito antes; (iii) *pedido de informação*, em que, no segundo segmento, há questionamento de algum fato presente no primeiro segmento. As ocorrências de (27) a (29) mostram, respectivamente, essas três estratégias argumentativas.

- (27) Ca esto todo he per todos dereito determinado, que os que teem officio de defensores o devem fazer, husando **porem** de piedado quanto mais poderem ... (15LC, p.12)

¹⁷ Entende-se por pressuposto um conteúdo informacional que o locutor pressupõe fazer parte das informações pragmáticas de seu interlocutor, uma informação partilhada, portanto (Dik, 1989).

¹⁸ Por subentendido, entende-se que é tudo aquilo que o locutor deixa para que o seu interlocutor conclua.

- (28) Antão ela chego ôtra vêiz, sem brincadêra, e segredô baixinho: "Bamo"? Praque que hei-de falá... mais me deu ua vontade de í cu'ela. Todos tavum reparando e sentí sastifacão. Garrei na cintura dela e fui andano. Minha tenção era chegá nargum lugá sem gente e dá o fóra, **porém**, você me discurpe, Frorinda, era só tenção, chegêmo no Colombo. (20BLA-CRO, p.154)
- (29) O jovem: - Não duvido. Mas é a moda. O impossível é fazemos voltar à clássica ceia em família e com rabanadas, "também chamadas fatias do céu!..." Pode ser que seja mau. Que fazer, **porém**? (20BLA-CRO, p.36)

Em (27), a segunda oração “*husando porem* de piedado quanto mais poderem” restringe a oração “que os que teem officio de defensores o devem fazer”, através de um acréscimo de informação, que, no caso, é uma condição imposta para a realização da oração anterior, isto é, os defensores têm de praticar o seu trabalho, mas dentro da condição imposta. Já em (28), o uso de *porém* mostra que, embora se tenha afirmado no primeiro segmento que o *eu* tinha a vontade de chegar em algum lugar sem gente e largar a Frorinda, esse *eu*, no segundo segmento, refuta essa idéia. Em (29), finalmente, “Que fazer, *porém*?” é uma interrogativa parcial que não exige uma resposta do interlocutor, mas, sim, apresenta para o interlocutor a indagação do locutor de que não há nada a se fazer.

- **marcador de compensação**

Nesse contexto, o locutor estabelece uma relação de comparação de igualdade entre dois elementos. Num primeiro momento, ele expõe as similaridades entre os dois, para, num segundo momento, apresentar a diferença entre eles. A diferença de direção dos argumentos acaba por resultar na compensação.

No *corpus*, foram encontradas três estratégias de marcação de compensação, a saber:

(i) por *acrécimo de informação*, por meio da qual o locutor pressupõe que o interlocutor tem informação incompleta a respeito de algo e, então, adiciona uma informação necessária para a compreensão; (ii) por *substituição de informação*, por meio da qual o locutor julga necessário substituir parte de informação por outra; (iii) por *exclusão de informação*, por meio da qual o

locutor exclui parte de uma informação que ele julga que seu interlocutor tenha compreendido equivocadamente e não coloca nada no lugar. As ocorrências de (30) a (32) ilustram a marcação de compensação por acréscimo de informação, por substituição de informação e por exclusão de informação, respectivamente.

- (30) Nada mais cômico, aliás, que essa mania que tanta gente tem de passar por jornalista. Um homem como o nosso velho e admirável Archymedes Fortini fica aborrecido por ter de fazer esse registro que não dá vantagem de espécie alguma. Um outro cavalheiro, **entretanto**, que jamais escreveu uma nota de aniversário em um jornal, afoba-se e gasta dinheiro para tirar Diploma de jornalista. (20GN, p.129)
- (31) Antre nojo e tristeza eu faço tal defença, por que a tristeza, per qual quer parte que venha, assi embarga sempre continuadamente o coração, que nom dá spaço de poder em al bem pensar nem folgar. E o nojo he a tempos, assi como se vee na morte d’alguus parentes e amigos, onde, aquel tempo que per justa falla ou lembrança se sente, o sentimento he muito rijo. **Porem** taaes hi há que, passado o dia, logo riim, fallam, e despachadamente no que lhes praz sentom. (15LC, p.18)
- (32) Mês elegante, jovem, mundano, parlamentar, um tanto Arsênio Lupin de uma grande data, maio - que quer mais V. Ex. para que ele seja um mês perturbador? Se não fossemos todos aliados e boicotastes mesmo em poesia, era o caso de repetir ainda o nosso poeta: o ar é fino, levíssimo. E azul e loiro todo o céu sereno... Maio parece um príncipe germânico das baladas românticas do Reno.
Para mim, **porém**, riscada a ironia, maio é agradável por outra coisa e só por isso. (20BLA-CRO, p.60)

Em (30), o locutor introduz a informação “Um outro cavalheiro, entretanto, que jamais escreveu uma nota de aniversário em um jornal, afoba-se e gasta dinheiro para tirar Diploma de jornalista”, para enunciar a diferença que há entre Archymedes Fortini e outro homem que nunca escrevera num jornal. Em (31), o locutor primeiramente apresenta uma comparação entre a tristeza e a mágoa, e ao falar da mágoa, julga necessário substituir a informação “o sentimento he muito rijo por “passado o dia, logo riim, fallam, e despachadamente no que lhes praz sentom”. Por fim, em (32), o locutor, ao afirmar que a agradabilidade de maio se deve a outra coisa e não à razão dada no primeiro segmento, exclui toda a informação dada – “Mês elegante, jovem, mundano, parlamentar, um tanto Arsênio Lupin de uma grande data, maio - que quer mais V. Ex. para que ele seja um mês

perturbador?... Maio parece um príncipe germânico das baladas românticas do Reno” – e não a substitui por nada.

- **marcador de surpresa**

Como marcador de surpresa, o adversativo introduz um argumento que não era esperado, previsto, desejado, ou seja, aquilo que se esperava não acontece, mas, sim, o que se não esperava. Vejamos a ocorrência (33):

- (33) Era uma imprudência, porque tínhamos apenas uns tostões no bolso e não nos lembrávamos de nenhum conhecido na cidade; mas a perspectiva de desembarcar em Santos ou no Rio nos parecia ainda pior. Logo de saída, **entretanto**, na rua 15 de Novembro, Rubem topou com um amigo providencial, que nos levou para casa e nos deu dinheiro. (20GN, p.143)

Em (33), a partir do enunciado “não nos lembrávamos de nenhum conhecido”, o interlocutor conclui que eles não conheciam ninguém naquela cidade; o argumento sustentado por *entretanto*, a partir de uma transferência metonímica, da expressão usada anteriormente, “logo de saída”, traz um fato inesperado pelo locutor - “Rubem topou com um amigo providencial”.

- **marcador de contra-argumentação**

Alguns usos dos itens adversativos podem ser explicados nos termos da Teoria da Argumentação desenvolvida por Ducrot (1977, 1981), em que o autor mostra que, em construções do tipo A *mas* B, há duas conclusões opostas, sendo o argumento A favorável a conclusão *r*, e o B, argumento mais forte, favorável a *não-r*. Dessa forma, a construção A *mas* B, como um todo, tende a sua argumentação para a conclusão *não-r*. Valendo-se das palavras de Ducrot (1981, p.179), “o enunciado A *mas* B supõe que, no espírito dos interlocutores, existe ao mesmo tempo uma proposição *r* a qual A é um argumento e B, um contra argumento”.

Koch (1987), dialogando com Anscombe e Ducrot (1982), Vogt e Ducrot (1980), mostra que, por meio de *mas*, duas ideias são acrescentadas a A e B, sendo: (i) A e B se estabelecem em direções opostas em relação à conclusão *r*, afirmada por A, mas não confirmada por B; (ii) a conclusão *não-r*, veiculada por B, é mais forte que a de A, fazendo com que o enunciado A *mas* B seja orientado no sentido de *não-r*. Vejamos as ocorrências (34) e (35).

- (34) É de causar espanto que alguns leitores de um jornal do porte desta Folha de S.Paulo ainda reclamem do fato de que sejam publicados textos como os da sabatina com a escritora e colunista Danuza Leão. Não concordo com quase nada do que ela disse – e, na realidade, tal reportagem nem era muito do meu interesse –, **contudo** cabe a órgãos como a Folha mostrar a opinião de todos e ser o mais pluralista possível. (21FSP, mar. 06)

Em (34), todo o primeiro argumento “Não concordo com quase nada do que ela (Danuza Leão) disse – e, na realidade, tal reportagem nem era muito do meu interesse” é construído a favor de uma conclusão *r* – não é necessário publicar a reportagem escrita por Danuza Leão –; o segundo argumento “cabe a órgãos como a Folha mostrar a opinião de todos e ser o mais pluralista possível” descarta essa conclusão *r* e apresenta uma conclusão contrária, *não-r*, – a Folha de São Paulo precisa ser pluralista e, por isso, deve publicar a reportagem da Danuza Leão.

- (35) Outro dia o Justino, da Revista do Globo, queria que eu respondesse a uma carta em que uma jovem pedia conselhos sentimentais. Tive a honestidade de não responder. Nisso de sentimentos sou confuso e dou amplas mançadas. Nada entendo de amores, de suspiros, dessas coisas assim. Naturalmente eu amo, eu suspiro, eu faço tudo isso que Deus manda, visto que se estamos na terra é mesmo para sofrer. Tenho, **porém**, uma grande dificuldade em me dirigir nesses assuntos... (20BLA-CRO, p.120)

Em (35), o argumento “Naturalmente eu amo, eu suspiro, eu faço tudo isso que Deus manda, visto que se estamos na terra é mesmo para sofrer” faz com que o interlocutor conclua

que o locutor tem condições de abordar questões referentes a assuntos sentimentais, porém o argumento “Tenho, *porém*, uma grande dificuldade em me dirigir nesses assuntos” desconstrói a conclusão anterior, favorecendo, assim, a conclusão do segundo argumento.

- **marcador de direção independente**

Como marcador de direção independente, os itens introduzem informação nova, ainda não considerada, mas que acaba sendo mais relevante do que o argumento já admitido. Esse acréscimo pode dar-se de três maneiras: (i) por *acréscimo de novo argumento*; (ii) por *acréscimo de um novo foco*¹⁹; (iii) por *acréscimo de um novo tema*²⁰. As ocorrências de (36) a (38) mostram, respectivamente, essas três estratégias discursivas para marcar a independência de direção.

(36) A verdade é que nenhum país do mundo é constituído apenas por advogados, médicos e engenheiros. Apenas uma elite chega a formar-se nesses cursos. No Brasil, **contudo**, criou-se a ilusão de que a faculdade abre todas as portas. (21FSP, jan.04)

Em (36), o argumento introduzido por *contudo* de que, no Brasil, há ilusão de que a faculdade abre todas as portas ainda não havia sido considerado, pois o argumento que estava sendo defendido era que só a elite se forma nos cursos de Direito, Medicina e Engenharia. Esse novo argumento é colocado à consideração para defender a ideia de que a faculdade não é garantia posterior.

(37) Há atrasos em todas as obras. Como não existem nos contratos com concessionários cláusulas de investimento estrutural, é duvidoso que a expansão da rede se materialize, em especial na atual perspectiva sombria da economia mundial. Quando a crise arrefecer, **contudo**, o país necessitará de infraestrutura para escoar o aumento da produção. Urge, portanto, rever os termos do arrendamento. É preciso encontrar uma fórmula que garanta o investimento para disseminação do transporte ferroviário, preservando ao mesmo tempo a rentabilidade dos concessionários, mas com o compromisso de moderação tarifária. (21FSP, mar. 09)

¹⁹ De acordo com Neves (1984b), entendemos foco como foco narrativo que define o centro, na perspectiva do sujeito narrador.

²⁰ Nos moldes de Bally (1965), *tema* é o ponto de partida, servindo como suporte para o *rema*.

O uso de *contudo*, em (37), faz com que o foco, que, até então, era o atraso das obras devido a inexistência de cláusulas de investimento estrutural, mude para as atitudes que o país precisará tomar quando a crise diminuir. Embora o locutor retome a ideia defendida no foco anterior de que é preciso rever os contratos de investimento estrutural, ele a retoma como uma forma de melhorar a infraestrutura do país para o escoamento.

- (38) O regime não mudou sob FHC, mas o sistema de governo sofreu importantes adaptações. Mesmo sem reforma radical no organograma, definiram-se campos de atuação para os quais convergiram as agendas de vários ministérios. **Porém** entre as principais questões deixadas em aberto pelo governo FHC estão a reforma das universidades federais e a modernização dos órgãos de financiamento, basicamente a Capes e o CNPq. (21FSP, dez. 02)

Em (38), no primeiro argumento “Mesmo sem reforma radical no organograma, definiram-se campos de atuação para os quais convergiram as agendas de vários ministérios”, a temática abordada é os campos de atuação dos ministérios. Já, no segundo argumento, a unidade temática é a reforma das universidades federais e a modernização dos órgãos. Como se nota, o acréscimo do segundo argumento não implica, necessariamente, a desconsideração do primeiro.

Essas funções semântico-pragmáticas apresentadas não são discretas, uma vez que uma mesma ocorrência pode se enquadrar em mais de uma função. Essa não-discretude é reflexo da relação de *contraste por quebra de expectativa*, característica invariável, presente em todos os enunciados articulados pelos juntivos adversativos. A variabilidade ocorre a partir dos diferentes contextos em que esses itens ocorrem, os quais revelam diferentes estratégias discursivas, tais como: oposição, negação de inferência, restrição, compensação, surpresa, contra-argumentação e direção independente, e, possivelmente, ainda outras não detectadas no *corpus*.

Segundo Longhin-Thomazi (2003), há um esquema básico, identificável em todas as ocorrências de “só que”, que poderíamos estender para as ocorrências dos itens aqui

estudados, isto é, o cancelamento de pressuposição comum aos participantes da interação. Para tratar dessa questão da pressuposição comum, ela retoma Stalnaker (1972), que afirma: “pressupor uma proposição no sentido pragmático é aceitar como certa sua verdade e *supor* que os outros envolvidos no contexto façam o mesmo (STALNAKER, 1972; p. 390; *grifo nosso*).

Essa suposição a que Stalnaker se refere é menos uma suposição e mais uma imposição, um efeito da linguagem, ou seja, o locutor, ao empregar o operador, “joga o jogo da linguagem”, como se essa suposição fosse mesmo legítima, isto é, obtida a partir do uso do operador. Em outras palavras, o emprego do operador *cria* um contexto pragmático no qual a pressuposição é legítima, pois antes de seu emprego não tem nada que garantia que essa informação fosse mesmo disponível a ambos os participantes da interação.

Grupo 05: nível de articulação sintática

Sentenças ou porções textuais independentes
 sentenças ou porções textuais dependentes
 termos
 modificadores

Baseados no trabalho de Pezatti e Longhin-Thomazi (2008), verificamos quais são os níveis de articulação em que os itens atuam. As autoras, ao trabalhar com as conjunções *mas* e *só que*, mostram que essas conjunções articulam sentenças independentes, sentenças dependentes, termos e modificadores. A partir dessas análises de *mas* e *só que*, observarmos se *porém*, *contudo*, *todavia*, *entretanto* e *no entanto* atendem a todos esses níveis apresentados. As ocorrências de (39) a (42) exemplificam esse níveis:

A *articulação de sentenças ou porções textuais independentes* é feita por meio da justaposição ou é explicitada por algum conector, como mostra a ocorrência em (39).

- (39) A mobilização corporativista, além de revolta, plantou também a dúvida na alma de todos: qual seria a confiabilidade desse serviço de segurança quando policiais não seguem o que eles próprios chamam de padrão? Parece óbvio que em uma das duas situações acabem por não cumprir integralmente sua obrigação. A liderança paredista deve um esclarecimento ao público. Fica dispensada, **porém**, da franqueza acintosa com que o presidente do sindicato da PF em São Paulo admitiu que as filas servem para "chamar a atenção do governo". (21FSP, abr.07)

Em (39), a oração “Fica dispensada, **porém**, da franqueza acintosa com que o presidente do sindicato da PF em São Paulo admitiu que as filas servem para “chamar a atenção do governo” é independente sintaticamente da oração anterior. De acordo com a hipótese que estamos defendendo, a relação sintática entre as duas orações é feita por meio de justaposição e a relação semântica estabelecida pelo juntivo *porém*.

A *articulação de sentenças ou porções textuais dependentes* ocorre quando o item articula enunciados que ocorrem como sentença encaixada a um predicado matriz. Essa articulação pode ser feita tanto por justaposição quanto por coordenação explícita. Vejamos a ocorrência (40).

- (40) Eu pensei:
 1' - Que a ação do rapaz em defesa do pai era nobre.
 2' - Que era demasiada - pois não se separa uma briga de taponas à faca.
 3 - Que, **entretanto**, sendo o rapaz impulsivo e filho de carniceiro, a herança e o hábito deviam tê-lo obrigado a tomar da faca mais facilmente que de um pau. (20GN, p.82)

Na ocorrência (40), a oração “Que, **entretanto**, sendo o rapaz impulsivo e filho de carniceiro, a herança e o hábito deviam tê-lo obrigado a tomar da faca mais facilmente que de um pau.” é uma sentença encaixada a uma oração matriz e desempenha a função de subordinada substantiva objetiva direta. A relação sintática é estabelecida por meio da conjunção integrante *que* e *entretanto* estabelece a relação semântica de adversatividade.

A *articulação de termos* ocorre quando um constituinte da sentença é multiplicado, como, por exemplo, a coordenação de sintagmas nominais ou entre sintagmas preposicionados, como exemplificado em (41).

- (41) Não duvido que a ideologia democrática tenha tido o seu valor, mas hoje, diante das exigências do tempo, nem se sabe mais o que é. É um mito. *duma largueza aquosa, tão adaptável ao PC* (1) como ao PRP. O resultado disso é que o voto secreto não conseguiu que adiantássemos um passo sobre 1930. Não se discutiu ideologias, ninguém se dedicou por sistemas, **porém** por indivíduos. (20GN, p.180)

O juntivo *porém*, em (42), estabelece a coordenação entre dois termos, mais especificamente, entre dois sintagmas preposicionados – “ninguém se dedicou por sistemas, **porém** por indivíduos”.

A *articulação de modificadores* ocorre quando se articulam dois sintagmas adjetivais, como mostra a ocorrência exemplificativa em (43).

- (43) Estes livros propriamente não pertencem á Escritura sagrada, nem foraõ escritos, como os Livros Canonicos, pela inspiração divina. Poloque tambem Christo e os Evangelistas e Apostolos, que tantas vezes citáraõ livros ou textos do Velho Testamento, nunca citão a estes ou a seus textos. Mas sendo estes Livros Apocryphos com tudo bons e proveitosos para lér, e dando elles também algum lume na historia daquelle tempo, os guardamos como outros bons livros, e lhes damos sua estima por causa da edificação que daõ, e por causa de sua antiguidade. (18NA, p.17)

Em (43), *com tudo* estabelece a coordenação entre os sintagmas adjetivais *Apocryphos* e *bons e proveitosos para ler*.

Nesse trabalho, consideramos como justaposição os casos previstos nas gramáticas tradicionais e os casos em que os itens ocorrem em posição medial e final de enunciado, não havendo nenhum conectivo na posição inicial para estabelecer o elo sintático entre as orações. Nesses casos, acreditamos que o item em posição medial ou final de enunciado está apenas

desenvolvendo a relação semântica entre as duas orações, não articulando-as, assim, no nível sintático. Vejamos a ocorrência exemplificativa (44).

- (44) Em termos ideais, um político nunca precisaria ter de explicar-se para a população. O mundo real, **porém**, como todos sabemos, nada tem de ideal. (21FSP, nov.03)

Nessa ocorrência, *porém* ocupa posição medial no segundo enunciado e desempenha a relação de adversatividade entre os enunciados “Em termos ideais, um político nunca precisaria ter de explicar-se para a população.” e “O mundo real como todos sabemos, nada tem de ideal”. O vínculo sintático que há entre esses dois enunciados é estabelecido por meio da justaposição.

Grupo 06: presença de negação
primeira oração
segunda oração
nas duas orações

Barreto (1999), baseada em Said Ali (1964), afirma que uma das hipóteses para aquisição do valor adversativo pelos itens *porém*, *contudo*, *todavia*, *entretanto* e *no entanto* é o contexto em que esses itens eram empregados em sentenças negativas ou em sentenças afirmativas precedidas por sentenças negativas. Sendo assim, verificamos se essa hipótese apresenta um percentual significativo no *corpus*, influenciando, via metonímia, a mudança semântica dos itens. Observemos as ocorrências de (45) a (47):

- (45) Aparecerão oppositores a estas cadeiras; mas como ainda pendem de decisão do Governo Imperial as duvidas que vos referio meu antecessor acerca do provimento d’ellas, nada se tem podido fazer. **Entretanto** espero que serão attendidas as instantes rogativas que acabo de dirigir ao Governo Imperial, para que tenham prompta solução essas duvidas. (19DMA, p.5)
- (46) – Dom Erec, disse Meraugis, eu vos ouí ora dizer que érades aqui antre vosso enmigos, e vós sodes melhor cavaleiro ca eu; mais **todavia** vos digo que, se aqui fazer quiserdes alguma rem de armas, que por [seerem] muitos nom o leixedes, ca eu vos tenho por tam boõ cavaleiro que, por pouca de ajuda que vos eu farei, nom nos empecerã, se i nom fôr grã pôboo sobejo. (13DSG,

p.11)

- (47) Como ficou demonstrado depois, ele nada tinha a ver com o assassinato. A inocência, **contudo**, não o impediu de ser agredido para confessar a autoria do crime, como agora relatam familiares da vítima. (21FSP, set03)

Como se observa, nas ocorrências acima, há a presença de um elemento de negação. Em (45), o item *não* estabelece a negação na primeira oração, enquanto, em (46), o item *nom* contribui para a negação da segunda oração. Em (47), há a presença da negação nas duas orações, a negação da primeira oração direciona o argumento para a conclusão – o sujeito acusado não cometeu um assassinato e, por isso, não confessará o crime –, já a negação da segunda oração que recai sobre o SV altera a direção do argumento dessa oração – o sujeito acusado, embora não tenha cometido o crime, foi agredido com objetivo de fazer com que ele confessasse.

Grupo 07: tipo de negação

explícita
implícita

Considerando a hipótese de Barreto (1999), investigamos qual a relevância do nível de explicitação da negação, ou seja, investigamos se o tipo de negação tem alguma relevância para o processo de mudança semântica dos adversativos, via metonímia.

A negação explícita ocorre por meio de vocábulos como *não*, *nunca*, *nem*, *nenhuma* e outros, e a implícita, por meio de prefixos ou termos negativos. As ocorrências de (47) e (48) exemplificam os fatores desse grupo.

- (48) Acabo de ler o artigo "Carta aberta ao senador Eduardo Suplicy", em que Plínio de Arruda Sampaio defende os atos praticados recentemente pelo MST no Rio Grande do Sul. Suas colocações a respeito dos malefícios da monocultura são parcialmente corretas, uma vez que, de fato, a monocultura, se levada ao extremo, compromete mesmo a biodiversidade. Cabe **porém** lembrar que a monocultura não se restringe a eucaliptos ou pinheiros, mas também à cana, à soja, ao café e à laranja, para ficar em alguns exemplos. (21FSP, mar.06)

Em (48), como se observa, a negação é explicitada pelo advérbio *não*, presente na segunda oração.

- (49) E aindaque a Escritura sagrada diz, que todos os homens por sua natureza estaõ corruptos pelo peccado, muytos dos Doutores Romanos contendem, que a Virgem Maria foy nascida sem peccado original; e ainda que outros entre elles mesmos contradizem a isto, **com tudo** todos os da Igreja Romana tem a opiniaõ,que ella foy sem algum peccado actual. (18NA, p.19)

Nessa ocorrência (49), a negação do primeiro enunciado é dada implicitamente, por meio do valor semântico negativo de *contradizem*.

Grupo 08: correlação modo-temporal entre as orações

Presente do Indicativo + Presente do Indicativo
 Pretérito imperfeito do Indicativo + Pretérito imperfeito do Indicativo
 Pretérito mais que perfeito do Indicativo + Pretérito imperfeito do Indicativo
 Pretérito perfeito do Indicativo + Pretérito imperfeito do Indicativo
 Pretérito perfeito do Indicativo + Pretérito perfeito do Indicativo
 Pretérito imperfeito do Indicativo + Futuro do pretérito do Indicativo
 Presente do Indicativo + Futuro do presente do Indicativo
 Presente do Indicativo + Pretérito imperfeito do Indicativo
 Pretérito Imperfeito do Indicativo + Futuro do presente do Indicativo
 Pretérito Imperfeito do Indicativo + Pretérito Perfeito do Indicativo
 Presente do Subjuntivo + Presente do Subjuntivo
 Pretérito imperfeito do Indicativo + Presente do Indicativo
 Presente do Indicativo + Pretérito perfeito do Indicativo
 Presente do Subjuntivo + Presente do Indicativo
 Presente do Indicativo + Futuro do pretérito do Indicativo
 Futuro do presente do Indicativo + Presente do Indicativo
 Pretérito imperfeito do Indicativo + Gerúndio
 Pretérito imperfeito do Indicativo + Pretérito imperfeito do Subjuntivo
 Futuro do presente do Indicativo + Futuro do presente do Indicativo
 Particípio + Presente do Subjuntivo
 Pretérito perfeito do Indicativo + Presente do Indicativo
 Pretérito imperfeito do Subjuntivo + Pretérito imperfeito do Subjuntivo
 Gerúndio + Gerúndio
 Futuro do pretérito do Indicativo + Pretérito perfeito do Indicativo
 Presente do Indicativo + Gerúndio
 Futuro do pretérito do Indicativo + Presente do Indicativo
 Presente do Subjuntivo + Infinito Pessoal
 Futuro do Subjuntivo + Futuro do presente do Indicativo
 Futuro do Subjuntivo + Imperativo
 Presente do Indicativo + Pretérito imperfeito do Subjuntivo

Futuro do pretérito do Indicativo + Futuro do pretérito do Indicativo
 Pretérito perfeito do Indicativo + Futuro do presente do Indicativo
 Pretérito perfeito do Indicativo + Futuro do pretérito do Indicativo
 Pretérito perfeito do Indicativo + Infinitivo
 Presente do Indicativo + Pretérito mais que perfeito do Indicativo
 Gerúndio + Imperativo
 Presente do Indicativo + Infinitivo
 Pretérito perfeito do Indicativo + Gerúndio
 Pretérito perfeito do Indicativo + Pretérito imperfeito do Subjuntivo
 Pretérito mais que perfeito do Indicativo + Presente do Indicativo
 Pretérito imperfeito do Subjuntivo + Presente do Indicativo
 Futuro do presente do Indicativo + Futuro do Subjuntivo
 Pretérito imperfeito do Indicativo + Infinitivo Pessoal
 Presente do Subjuntivo + Gerúndio
 Pretérito perfeito do Indicativo + Presente do Subjuntivo
 Futuro do presente do Indicativo + Infinitivo Pessoal
 Presente do Indicativo + Presente do Subjuntivo
 Pretérito mais que perfeito do Indicativo + Pretérito perfeito do Indicativo
 Futuro do pretérito + Presente do Subjuntivo
 Infinitivo Pessoal + Pretérito imperfeito do Indicativo
 Pretérito imperfeito do Subjuntivo + Pretérito imperfeito do Indicativo
 Presente do Subjuntivo + Imperativo
 Pretérito imperfeito do Indicativo + Presente do Subjuntivo
 Pretérito imperfeito do Subjuntivo + Pretérito Imperfeito do Indicativo
 Futuro do pretérito do Indicativo + Pretérito imperfeito do Indicativo
 Futuro do pretérito do Indicativo + Futuro do presente do Indicativo
 Futuro do Subjuntivo + Presente do Subjuntivo
 Pretérito imperfeito do Indicativo + Pretérito mais que perfeito do Indicativo
 Imperativo + Pretérito perfeito do Indicativo
 Infinitivo Pessoal + Imperativo
 Pretérito imperfeito do Subjuntivo + Futuro do pretérito do Indicativo
 Imperativo + Imperativo
 /: não se aplica²¹

Nesse grupo, a partir do levantamento de todas as correlações modo-temporais dos enunciados, observamos se os itens investigados tendem a ser empregados com uma determinada correlação modo-temporal.

Grupo 09: possibilidade de paráfrase por *mas*

sim
não

²¹ Estamos considerando casos de não se aplica quando não há, realmente, uma correlação modo-temporal porque um dos verbos foi suprimido, ou, quando os itens articulam porções maiores de textos, não conseguindo, assim, apreender quais verbos estabelecem correlação.

Com esse grupo, verificamos se os itens estudados, em uso prototípico de conjunção, permitem ser parafraseados pela conjunção adversativa prototípica *mas*. Vejamos ocorrências exemplificativas em (49) e (50).

- (49) Infelizmente, apesar de endurecer as restrições à publicidade, o projeto é vago quanto a uma das facetas mais relevantes do problema. O texto aprovado parece passar ao largo da regulamentação das placas, letreiros e cartazes que identificam a localização das lojas e estabelecimentos comerciais existentes na região. É bem verdade que já há algumas normas para esse tipo de sinalização. **Contudo**, dada sua profusão na área, seria desejável que o projeto de lei recém-aprovado também contemplasse a questão. (21FSP, mai.05)
- (49') Infelizmente, apesar de endurecer as restrições à publicidade, o projeto é vago quanto a uma das facetas mais relevantes do problema. O texto aprovado parece passar ao largo da regulamentação das placas, letreiros e cartazes que identificam a localização das lojas e estabelecimentos comerciais existentes na região. É bem verdade que já há algumas normas para esse tipo de sinalização. **Mas**, dada sua profusão na área, seria desejável que o projeto de lei recém-aprovado também contemplasse a questão. (21FSP, mai.05)

Como observa-se, em (49), *contudo* estabelece uma relação semântica de adversatividade, ocupa posição inicial de oração, apresentando, assim, características de conjunção adversativa prototípica. Por esse motivo, é possível *contudo* ser parafraseado por *mas*, como acontece em (49').

- (50) Não se pode negar que o Banco Central vem procurando ampliar suas operações no mercado de câmbio com vistas a conter a forte valorização do real. Os resultados, **porém**, têm sido pouco expressivos. (21FSP, fev.05)
- (50') Não se pode negar que o Banco Central vem procurando ampliar suas operações no mercado de câmbio com vistas a conter a forte valorização do real. Os resultados, ***mas**, têm sido pouco expressivos. (21FSP, fev.05)

Em (51), *porém* ocupa posição medial no segundo enunciado e, por isso, causa um estranhamento ao substituí-lo por *mas* que não aceita essa posição.

Grupo 10: sincronia

XIII	XVI	XIX
XIV	XVII	XX
XV	XVIII	XXI

A partir dos resultados apresentados por esse grupo de fator, verificamos a frequência com que os itens ocorreram em cada sincronia e estabelecemos possíveis cruzamentos desse com outros grupos de fator.

Da correlação encontrada entre esses grupos de fatores, esperamos chegar a uma classificação dos juntivos que permita estabelecer diferentes graus de gramaticalidade entre eles, de modo a refletir suas próprias evoluções diacrônicas. Assim esperamos que a confluência de fatores de alguns grupos possa nos fornecer traços identificadores de usos identificados com as categorias de *advérbio*, *advérbio juntivo* ou *conjunção*. Abaixo, no quadro 7, apresentamos os grupos com os respectivos fatores que podem nos fazer chegar a essa classificação.

categoria ²²	ADVÉRBIO	ADVÉRBIO JUNTIVO	CONJUNÇÃO
grupo de fatores			
Relação semântica	Tempo, Modo, Lugar, Fórico, Reforço	Ambígua, Conclusiva, Adversativa	Conclusiva, Adversativa
Posição	Inicial, Medial, Final	Medial, Final	Inicial
Co-ocorrência	Sim	Sim	Não
Nível de articulação	Não se aplica	Sentença independente, Sentença dependente, Modificadores	Sentença independente
Possibilidade de paráfrase por <i>mas</i>	Não	Não	Sim
Exemplos	(51)	(52)	(53)

QUADRO 07: Fatores identificadores de usos adverbiais e conjuncionais dos itens a serem pesquisados

²² Os grupos de fatores 4, 6, 7, 8 e 10 não são determinantes para a classificação do item em uma dessas categorias.

Dessa confluência de traços, consideramos como advérbio, usos com funções semânticas espaciais, temporais, fóricas ou modais, tendo como escopo alguns elementos do texto ou porções maiores do enunciado.

Outra função adverbial refere-se aos casos em que esses itens funcionam como reforço de outro juntivo de mesma natureza semântica com o qual co-ocorre. Quanto ao uso como reforço, há uma discussão na literatura se o primeiro conector atuaria apenas no nível sintático, enquanto o segundo, no nível semântico. Fraser (2006) afirma que, embora essa temática seja carente de investigação, o primeiro conector é por ele considerado marcador discursivo primário, que seria um item principal, básico das quatro classes de marcadores discursivos – contrastivos (*mas*), elaborativos (*e*), inferenciais (por que) e temporais (então) – e o segundo conector é um membro de uma dessas classes. Os itens que analisamos são considerados advérbios juntivos em contextos em que eles desempenham apenas uma função semântica, marcando a relação de sentido que se estabelece entre dois enunciados justapostos ou articulados por outros tipos de juntivos.

Por fim, como de uso conjuncional, são consideradas ocorrências em que o item funciona como uma conjunção adversativa prototípica, ou seja, os itens articulam a sentença tanto no nível sintático como no nível semântico e, também, não co-ocorrem com outro juntivo.

As ocorrências de (51) a (53) exemplificam cada uma das categorias apresentadas no quadro 7.

- (51) *Per.* Ora avendo os Bispos de Roma deste modo alcançado o que buscavaõ, que cousa faziaõ elles depois nos tempos seguintes? *Rep.* Elles começavaõ a governar manifestamente a Igreja Christaõ, chamando-se a si mesmos Cabeças da Igreja, e a introduzir de vagar desd'a aquelle tempo todas suas falsas doutrinas e superstiçoens mudando e corrompendo a doutrina Christaõ conforme seu interesse mundano. E sendo passado algum tempo depois de averem estabelecido este seu governo de antichristo, elles naõ mais mostravaõ o devido respeito nem a os Emperadores mesmos, mas avendo elles por muyta semrezaõ e traiçaõ alcançado grandes

terras em Italia; e deste modo adquirido para si todo o poder sobre a Igreja de Europa, juntamente com muyta alteza mundana, elles refusavaõ ser por diante sugeitos com seus Clerigos a o Governo secular, e alevantavaõ-se com tam excessiva soberba atè sobre os Emperadores, e todos os outros Christaõs Potentados de Europa, que elles se atrevèraõ de dâr-lhes, ou de tirar-lhes o imperio, de obrigar a os Emperadores a tomar a coroa de sua maõ, postos de joelhos, e de dar-lhes às vezes no tempo da coroação couces tambem. Fora disso os Papas de Roma puzèraõ muytas vezes inteiras Cidades, Terras Reys e Emperadores em grave interdito, pelas mais injustas excommunhoens; e sua soberba era tam grande, que elles offerenciaõ seus pès a serem beijados dos Principes e Grandes, e que elles punhaõ em sua cabeça hua tresdobrada coroa. E por sua horrivel crueldade elles perseguiaõ com fogo e espada a todos quantos não queriaõ obedecer a suas falsas doutrinas. Com toda tal excessiva soberba e horrenda crueldade elles se fizèraõ adorar, e temer, como a deuses. 2. *Thes.* 2, v. 3. 4.

6. *Perg.* **Mas com tudo** isto, porventura todas as Igrejas Christaõs no mundo tem conhecido a o Papa de Roma por sua Cabeça? (18TM, p.4)

Em (51), *contudo* atende as seguintes características de advérbio: funciona como advérbio de reforço, pois reforça a ideia de adversatividade já estabelecida por *mas*; ocupa posição medial; co-ocorre com outro juntivo, no presente caso o *mas*, e não permite paráfrase por *mas*.

- (52) Não se pode negar que o Banco Central vem procurando ampliar suas operações no mercado de câmbio com vistas a conter a forte valorização do real. Os resultados, **porém**, têm sido pouco expressivos. (21FSP, fev.05)

A ocorrência (52) de *porém* se enquadra nas características de advérbio juntivo, pois o item estabelece relação semântica de adversatividade, ocupa posição medial, articula sentenças independentes e não permite paráfrase por *mas*.

- (53) Na ânsia da valorização tudo é improvisado, fingido, disfarçado fregolianamente". Iludir, seja lá como for - eis o ideal.
Contudo, ainda não desapareceram da tela da vida deste vasto cinematógrafo de povos que é São Paulo uns tipos interessantes, com certas tintinhas de bizarrice, que tiveram sua origem no seio da casta tradicional de fazendeiros. (20GN, p.194)

Nessa ocorrência, *contudo* é classificado como uma conjunção adversativa, pois estabelece relação semântica de adversatividade, ocupa posição inicial, não co-ocorre com outro juntivo, articula sentenças independentes e permite a paráfrase por *mas*.

CAPÍTULO IV

A GRAMATICALIZAÇÃO DOS JUNTIVOS ADVERSATIVOS *PORÉM, CONTUDO, TODAVIA, ENTRETANTO E NO ENTANTO*

Nesse capítulo, apresentamos análises do comportamento sintático, semântico e pragmático dos juntivos *porém, contudo, todavia, entretanto e no entanto*, ao longo dos séculos XIII a XXI, levando em consideração os critérios apresentados e discutidos no capítulo anterior. Primeiramente, fazemos a exposição dos resultados alcançados para cada um dos juntivos, a fim de oferecer uma visão do processo de mudança de cada um deles. Num segundo momento, procederemos a uma análise comparativa do comportamento diacrônico dos juntivos, com o propósito de estabelecer uma escala de gramaticalidade entre eles.

4.1. Apresentação geral

Os juntivos adversativos *porém, contudo, todavia, entretanto e no entanto* apresentam frequências *tokens* diferentes e oscilantes. Trata-se de dizer, em outras palavras, que, devido a influências linguísticas ou extralinguísticas, esses itens apresentam, durante os séculos investigados, oscilação em suas frequências, ora bastante alta, ora extremamente baixa, chegando a zero em determinada sincronia.

Na tabela 01 abaixo, encontra-se o total de ocorrências de todos os itens investigados, do século XIII ao XXI.

item Século	Porém	Todavia	No entanto	Contudo	Entretanto	Total
XIII	43	7	1	0	0	51
XIV	73	2	2	1	0	78
XV	109	6	0	2	0	117
XVI	33	11	0	8	1	53
XVII	35	2	0	14	4	55
XVIII	45	2	0	12	0	59
XIX	53	18	0	0	17	88
XX	74	2	6	2	37	121
XXI	28	4	20	17	11	80
Total	493	54	29	56	70	702

Tabela 01: Frequência geral dos itens de XIII a XXI

Como se observa, na tabela 1, *porém* é o conjuntivo de uso mais frequente, se comparado aos demais conjuntivos, tanto no total de todos os séculos quanto em cada uma das sincronias. Os outros conjuntivos apresentam certas oscilações que podem estar associadas a diversos fatores linguísticos e extralinguísticos, tais como tipo e gênero textual, grau de formalidade dos textos, entre outros.

No século XXI, os diferentes conjuntivos apresentam frequência *token* mais equilibrada, sobretudo em razão da diminuição da frequência de *porém* e *entretanto* e do aumento de *contudo*, *todavia* e *no entanto*, em relação ao século XX. A conjunção coordenativa adversativa prototípica *mas*, que serve de controle nesse trabalho por meio do grupo de fator 09, apresenta alta frequência *token* em todas as sincronias, fato que, entre outros, como os já apontados acima, pode justificar também a baixa frequência das suas formas concorrentes. Diante das frequências *tokens*, observa-se que os conjuntivos adversativos sempre foram de uso menos frequente, se comparados ao uso de *mas*.¹

Outro fato a observar é que, nos *corpora* investigados, as formas *porém*, *todavia* e *no entanto* são reconhecidas já no século XIII, seguidas de *contudo*, no século XIV, e *entretanto*,

¹ Ao menos nas sincronias mais atuais, é seguro afirmar que o uso preferencial de *mas*, nos textos investigados, em detrimento dos demais conjuntivos, deve-se, segundo informação de profissional da área de jornalismo, ao seu menor número de caracteres: enquanto *mas* tem apenas 3 caracteres, os outros podem chegar a até 10.

mais tardiamente, no século XVI. Como detalharemos nas seções dedicadas a cada um desses itens, nem sempre esse período de emergência coincide com a datação dada pelos dicionaristas. Outro ponto a ser abordado mais detidamente, ainda nesse capítulo, diz respeito à emergência não somente da forma, mas do valor adversativo e do estatuto categorial de conjunção dos itens.

No gráfico 1, apresentamos a frequência *token* dos itens investigados por século, a fim de melhor visualizarmos a convivência deles numa mesma sincronia.

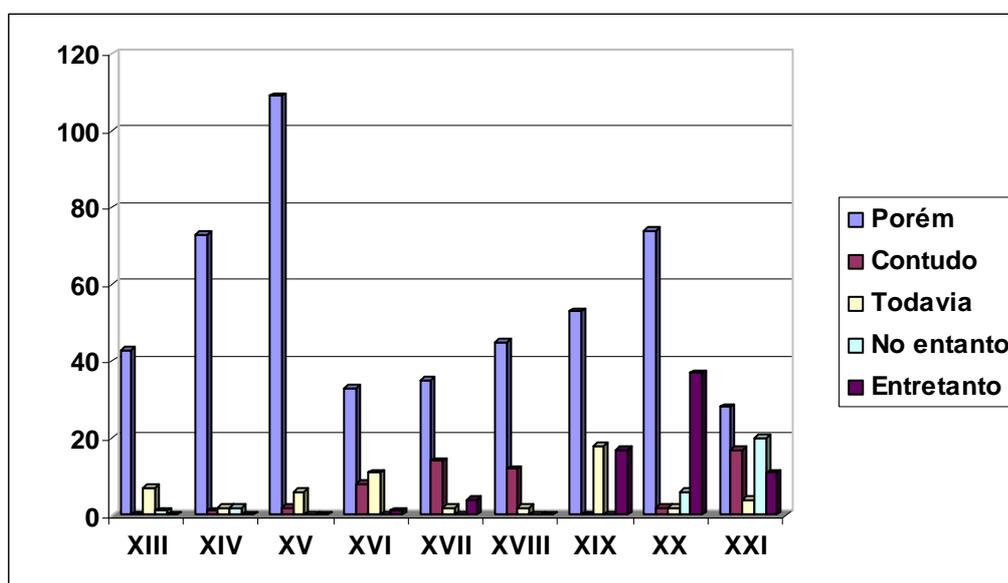


Gráfico 01: A frequência *token* dos itens por século

Como se observa, *porém* é usado frequentemente desde o século XIII, enquanto os demais vão surgindo no decorrer dos séculos. A partir do século XX, estabelece-se a convivência de todos os itens, que se torna, no século XXI, um tanto mais harmônica, em termos de frequência de uso, com exceção de *todavia*.

A análise mais detalhada das frequências *token* e *type* de cada item nos permitirá mostrar a mudança que ocorre, na história da língua portuguesa, no domínio funcional dos adversativos, verificando quais fatores linguísticos explicam a mudança e o comportamento sintático, semântico e pragmático desses itens nas diferentes sincronias.

4.2. A gramaticalização dos advérbios juntivos adversativos

4.2.1. Contudo

O advérbio juntivo *contudo*, segundo Houaiss (2001), tem o seu primeiro registro reconhecido no século XIV sob a forma *contodo*, coincidindo com o que foi encontrado. Esse item se formou a partir da justaposição da preposição *com* ao pronome indefinido *tudo*, do latim *totu*, que, segundo Barreto (1999), significava “a totalidade de pessoas, animais ou coisas”. O sentido original desse item é *com todas essas/as coisas*.

Nos textos investigados, encontramos as seguintes grafias: *cõ tudo*, *com tudo*, *comtudo* e *contudo*. A aglutinação da preposição com o pronome indefinido, no nível da escrita, aconteceu entre o século XVIII e XX, de acordo com o que encontramos nos *corpora*.

No gráfico 2, mostramos o comportamento da frequência *token* de *contudo* desde o século XIV até o XXI.

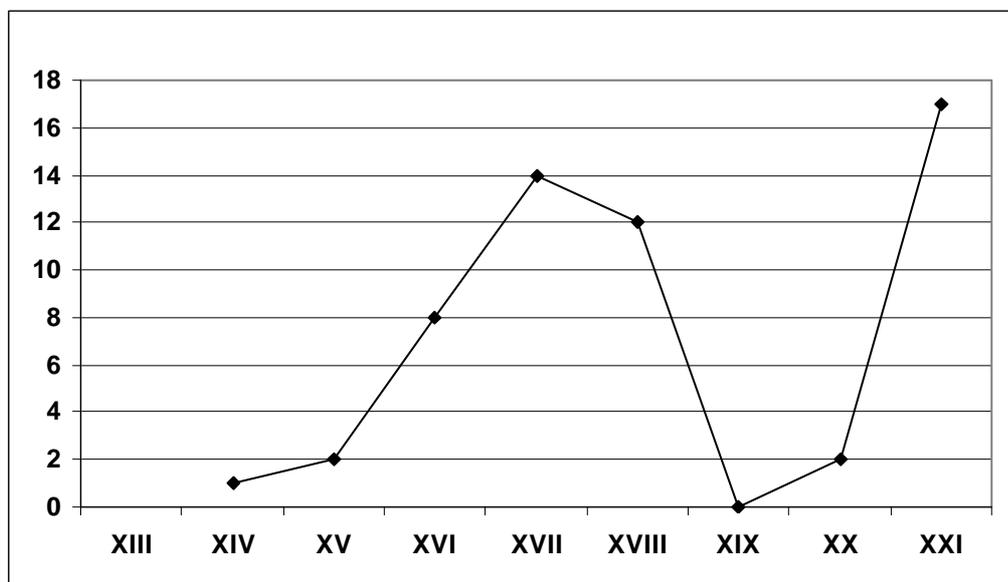


Gráfico 02: Frequência *token* de *contudo* do século XIV a XXI

Observamos que *contudo* tem sua frequência aumentada durante os séculos de XV a XVII, a qual diminui nos séculos XVIII, chegando a nulidade no século XIX, e aumentando, novamente, nos séculos XX e XXI. A falta de ocorrências no século XIX pode estar relacionada a diversos fatores, tais como: tipo e gênero textual dos textos investigados, estilo do autor, uso de outros juntivos que expressem a mesma relação semântica, entre outros.

Na tabela 2, expomos as frequências *token* e *type* de *contudo* na totalidade dos séculos investigados.

Frequência <i>token</i>	Frequência <i>type</i>		
56	05		
	Categoria	Valor semântico	Totais
	Conjunção (28,6%)	Ambígua: fórico /adversativo	5 (8,9%)
		Adversativa	11 (19,7%)
	Advérbio juntivo (57,1%)	Adversativo	32 (57,1%)
	Advérbio (14,3%)	Fórico	6 (10,7%)
		Reforço	2 (3,6%)
	Total		56 (100%)

Tabela 02: Frequência *token* e *type* totais de *contudo* na história do português (séc. XIV a XXI)

Como exposto na tabela acima, *contudo* apresenta um total de 56 ocorrências ao longo dos séculos investigados, as quais se distribuem em 3 *types* sintáticos – advérbio, 14,3%, advérbio juntivo, 57,1%, e conjunção, 28,6%. Quanto às relações semânticas desempenhadas por *contudo*, observamos que um mesmo tipo semântico pode aparecer em mais de uma categoria sintática. O tipo *fórico*, sentido original do item, ocorre apenas na categoria advérbio como 10,7%; o tipo *reforço* ocorre em 3,6% dos dados; o tipo *adversativo*

ocorre como advérbio juntivo, com 57,1%, e como conjunção, com 19,7%; o tipo que configura a relação ambígua entre *fórico/adversativo* ocorre como conjunção em 8,9% dos dados.

Como se nota, *contudo* ocorre predominantemente como advérbio juntivo com valor adversativo, *type* no qual se concentra metade das ocorrências levantadas. Esse uso afasta-se do uso puramente adverbial, cujos valores semânticos, juntos (14,3%), também se distanciam do uso conjuncional adversativo, o segundo mais frequente (19,7%). Diante dessa constatação, pode-se verificar uma mudança categorial em curso em favor da junção, como veremos logo mais.

De (54) a (60), seguem ocorrências exemplificativas de cada um dos *types* sintático-semânticos considerados na tabela 2.

(54) **Sintagma preposicionado como advérbio de valor fórico**

eles mandarom odegradado e nom quiseram que ficasse la cõ eles ./ oqual leuaua huña bacia pequena e duas ou tres carapuças vermelhas pera dar la ao S^{or} seo hy ouuese. / ñ curarã de lhes tomar nada e asy omandaram **com tudo**. (15CC, Fol. 4v)

Em (54), o item *contudo* é considerado um advérbio que estabelece uma relação anafórica, uma vez que ele retoma o enunciado “huña bacia pequena e duas ou tres carapuças vermelhas.”. Esse valor fórico, proveniente do pronome indefinido *tudo*, é considerado original e, como veremos no gráfico 05, ocorre até o século XVIII.

Vejamos agora em (55) o funcionamento de *contudo* como advérbio de reforço.

(55) **Sintagma preposicionado como advérbio de reforço**

E aindaque a Escritura sagrada diz, que todos os homens por sua natureza estão corruptos pelo peccado, muytos dos Doutores Romanos contendem, que a Virgem Maria foy nascida sem peccado original; e ainda que outros entre elles mesmos contradizem a isto, **com tudo** todos os da Igreja Romana tem a opiniaõ, que ella foy sem algum peccado actual. (18NA, p.19)

Como se nota, em (55), *contudo* reforça a ideia de oposição estabelecida por *ainda que* em “ainda que outros entre elles mesmos contradizem a isto”. Segundo Câmara (1975) e Castilho (2004), esse contexto de co-ocorrência com outro *juntor* que estabelece oposição contribuiu para que *contudo* adquirisse, metonimicamente, o valor de *contração*.

Exemplifiquemos, de (56) a (58), o valor *juntivo adversativo* de *contudo*.

Advérbio juntivo adversativo

- (56) Essa he hua das razões, porque eu os reprouo (*tornou o Doutor:*) porque a fabula he hua cousa falsa, que podia **com tudo** ser verdadeira, & acontecer assim como se fingio. (17CA, p.6)
- (57) 5. Dizem-me que será maravilha poder lá chegar, porque sam acabados os nordestes e sam já entrados os suduestes que an-de durar seis meses, e contudo assi como estou me embarcarei , segundo me mandarão recado, oje ou amenhã, porque além de mo ter já escripto o P. Manuel da Nobrega, depois que arribei chegarão a este porto dois navios, que de Sam Vicente partirão em diversos dias, e em ambos me escreve que en toda maneira vaa, e assi ee necessario pera elle vir à Baia, como V. R. escreve. (16CPJ, p.30)
- (58) Tinha um talento tal que suas obras poderiam facilmente figurar em museus, não no caráter de imitações, mas como legítimos originais. Isto envolvia um problema, **contudo**. Seria bem possível que ladrões -talvez seus companheiros, talvez ele próprio, num momento tresloucado- roubassem os seus quadros. (21FSP, jun.08)

O *juntivo contudo*, em (56), ocorre em posição *medial* e estabelece, apenas, a relação *semântica* de *adversatividade*, por meio da oposição *semântica* entre as palavras *falsa* e *verdadeira*, enquanto a relação *sintática* é feita por *subordinação* a oração anterior.

Em (57), *contudo* também ocorre em posição *medial* e estabelece uma relação de *adversatividade* entre as duas orações, uma vez que o primeiro enunciado traz o argumento de que será maravilhoso chegar em determinado local, pois os sudoestes estão entrados, e o segundo argumento acrescenta um novo argumento, mostrando que, para o locutor, esse fato não é importante, e ele embarcará como está. Nessa ocorrência, a relação *sintática* é estabelecida pelo conector *aditivo e*.

O uso de *contudo* e dos demais itens com o conector *e* é altamente frequente entre os séculos XIII e XVIII. Acreditamos que esse uso é recorrente, pois *e* pode ser considerado um elemento neutro e responsável pelo desenvolvimento textual, coesivo, enquanto o outro conector *contudo*, *todavia*, *porém*, *entretanto* e *no entanto* seja responsável pela aspecto semântico-pragmático do enunciado.

O uso de *contudo* em posição final aparece em duas ocorrências apenas em todo o *corpus*. Em (58), o item articula apenas o nível semântico das orações que ligam, expressando uma relação de adversatividade. Na primeira oração, o locutor admite que determinadas obras de um pintor deveriam figurar em museus como originais e, na segunda oração, por meio de *contudo*, ele apresenta uma restrição a esse comentário – ladrões ou o próprio autor roubaria os quadros.

Em (59), apresentamos uso ambíguo de *contudo* entre leitura de valor fórico e de valor adversativo.

(59) **Conjunção ambígua entre fórico/adversativo**

Nem todos se hão de seguir (*disse o Doutor*) que como escreue o Filosofo Fauorino, cada hum deve vsar de palauras presentes, & costumes antigos: & mays quando o vso he abusaõ, que no primeiro, per ser tal, o defenderão as leys: & no segundo o reprimem os mesmos que o vsão. **Com tudo**, Leonardo dirá o que lhe parece. (17CA, p.16)

Nessa ocorrência, *contudo* ocupa posição inicial e permite tanto uma leitura fórica quanto uma leitura adversativa. Numa leitura fórica, o pronome indefinido *tudo* retoma anaforicamente o enunciado anterior “& mays quando o vso he abusaõ, que no primeiro, per ser tal, o defenderão as leys: & no segundo o reprimem os mesmos que o vsão”, para depois afirmar que Leonardo dirá o que parece, levando em consideração o que já foi dito. Já, numa leitura adversativa, a direção argumentativa do primeiro argumento leva o leitor para a

conclusão de que a opinião de Leonardo não será precisa, no entanto o segundo argumento traz uma afirmação contrária a isso, isto é, Leonardo dirá o que lhe parece.

Segue, em (60), ocorrência exemplificativa do uso conjuncional de *contudo*.

(60) **Conjunção adversativa**

Em os Livros Propheticos muytos textos são de todos os mais difficeis por entender, comprehendendo cousas por muyta parte ainda não cumpridas; **com tudo** Deus quer , que sejaõ, lidos, e mais e mais esquadrihados, dando benignas promessas a os diligentes leitores, como vemos *Apocal. 1, 3*. (18NA, p.15)

Na ocorrência (60), *contudo* apresenta características de uma conjunção prototípica. Trata-se de dizer, em outras palavras, que *contudo* está ocupando posição inicial da segunda oração e não está co-ocorrendo com outros conectores. A relação de adversatividade é estabelecida entre o argumento *os livros proféticos são difíceis de entender* e o argumento *Deus quer que sejam lidos*, o argumento apresentado por *contudo* acaba prevalecendo sobre o outro.

Na tabela 3, apresentamos o percentual de ocorrências em cada uma das posições sintáticas – inicial, medial e final – ocupadas por *contudo*.

Posição/categoria		Percentual
Inicial	Advérbio	3 (5,4%)
	Advérbio juntivo	1 (1,8%)
	Conjunção	16 (28,6%)
Medial	Advérbio	4 (7,1%)
	Advérbio juntivo	30 (53,6%)
Final	Advérbio	1 (1,8%)
	Advérbio juntivo	1 (1,8%)
Total		56 (100%)

Tabela 03: Frequência das posições sintáticas de *contudo* na história do português (séc. XIV a XXI)

Diante das frequências apresentadas na tabela acima, constatamos que 53,6% das ocorrências de *contudo* assumem a posição medial como advérbio juntivo. A partir desses resultados, podemos concluir que *contudo*, embora guarde resquícios de sua fonte adverbial, está se aproximando da posição inicial, típica das conjunções prototípicas. Uma análise minuciosa dessa constatação pode ser feita por recurso ao cruzamento dos fatores *categoria* e *século*, como se observa no gráfico 3.

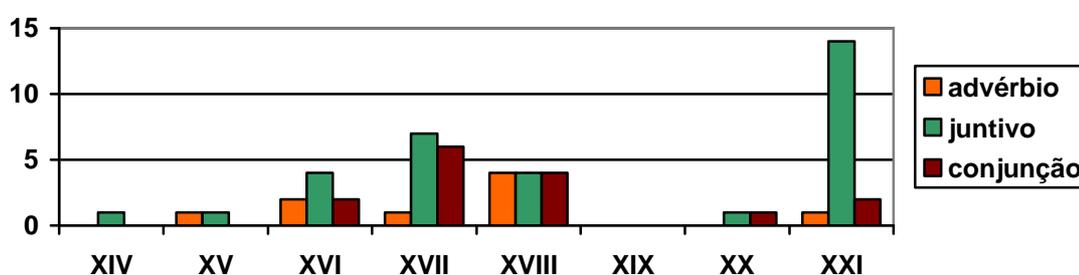


Gráfico 03: O desenvolvimento categorial de *contudo* do século XIV ao XXI

Pelo gráfico acima, vê-se que a categoria *advérbio juntivo* está presente em todas as sincronias em que *contudo* aparece. A categoria *advérbio*, considerada a categoria-base, ocorre a partir do século XV, mas isso não nos permite afirmar que não haja ocorrência de *contudo* como advérbio no século XIV. A categoria *conjunção*, por fim, ocorre desde o século XVI, mas sempre em frequência menor que a de *advérbio juntivo* ou equiparada com ele, como acontece no século XVIII e XX. No século atual, o uso de *contudo* como advérbio juntivo é ainda predominante, o que reforçaria a nossa hipótese de que esse item ainda não integra totalmente a classe das conjunções. Uma análise minuciosa dos fatores que favoreceram a mudança do item juntamente com a análise comparativa de *contudo* com os demais juntivos nos permitirá afirmar qual foi a trajetória de mudança categorial do item. Por ora, uma possível escala de gramaticalização de *contudo* seria a dada abaixo.

(61) **ADVÉRPIO** > **ADVÉRPIO JUNTIVO** > **(CONJUNÇÃO)**

Quanto ao aspecto semântico de *contudo*, foram encontrados, como já mostrado na tabela 02, cinco *types*: (i) fórico, (ii) conclusivo, (iii) ambíguo entre fórico e adversativo ou entre conclusivo e adversativo, (iv) reforço de um item contrastivo e (v) adversativo. No gráfico 4, apresentamos o comportamento semântico de *contudo* nos séculos investigados.

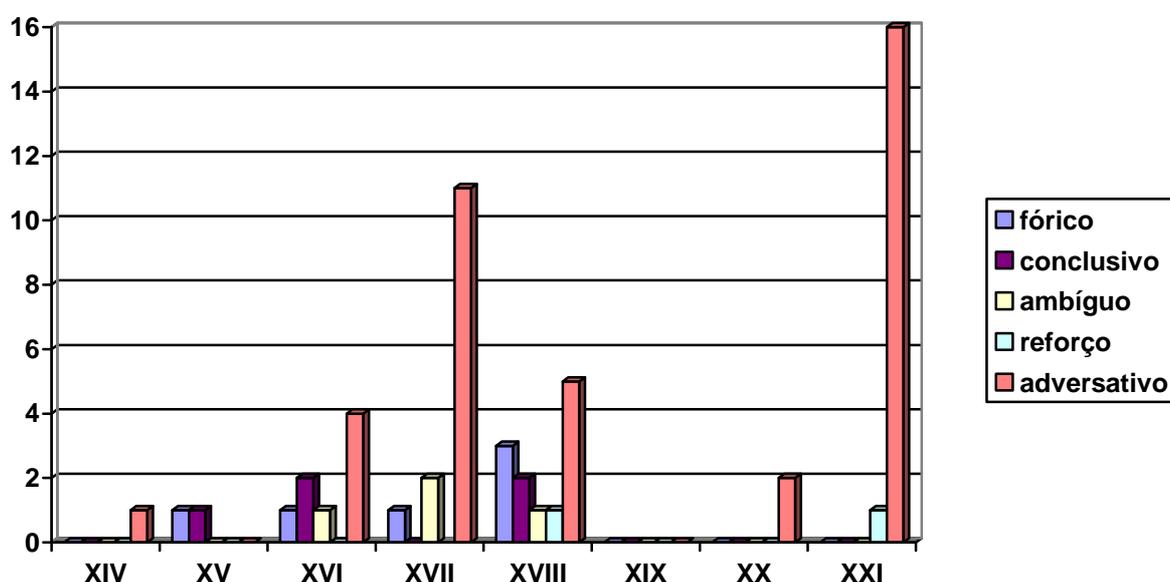


Gráfico 04: Os valores semânticos de *contudo* do século XIV ao XXI.

O valor adversativo, característico da categoria mais gramaticalizada, ocorre a partir do século XIV, não apresentando ocorrências no século XV. Essa falta de ocorrências com valor adversativo no século XV e com valor original de fórico no século XIV não apresenta problema para análise, uma vez que o valor adversativo ocorre predominantemente em todos os demais séculos em que *contudo* ocorre, e o valor fórico apresenta ocorrências até o século XVIII. Entre os séculos XVI e XVIII, constata-se o convívio dos diferentes valores semânticos veiculados por *contudo*. O uso fórico e o conclusivo podem ser considerados como estágio inicial da mudança, uma vez que o valor coesivo presente no pronome indefinido *tudo* está presente nos dois usos. Segundo Rocha (2006), o pronome *tudo* se utiliza

dos mecanismos da coesão anafórica para retomar informações apresentadas anteriormente, dando o sentido de *com todas as/essas coisas*. A partir desse sentido referencial, o uso adversativo se estabelece, pois o locutor precisa retomar o que já tinha sido dito para estabelecer a relação contrajuntiva.

Os usos ambíguos – fórico/adversativo e conclusivo/adversativo – e de reforço de outro item contrastivo são considerados estágios intermediários para a completa fixação do valor adversativo.

O uso de *contudo* como reforço adverbial adversativo seria um dos contextos que teria favorecido seu processo de mudança semântica rumo ao valor adversativo (Said Ali, 1964). Nos dados, entretanto, não é o que se verifica, uma vez que o reforço adverbial, além de baixa frequência, ocorre apenas no século XVIII e XXI. Essa constatação leva a duas especulações que serão investigadas em momento posterior: (i) a primeira, a de refutação da hipótese de Said Ali (1964); (ii) a segunda, a de a não ocorrência nos demais séculos ser uma limitação do *corpus*.

Uma possível escala de mudança das funções semânticas seria:

$$(62) \left\{ \begin{array}{c} \text{FÓRICO} \\ \text{CONCLUSIVO} \end{array} \right\} > \left\{ \begin{array}{c} \text{AMBÍGUO} \\ \text{REFORÇO} \end{array} \right\} > \text{ADVERSATIVO}$$

Segundo Barreto (1999), a fixação do uso adversativo dos itens aqui estudados é resultado de uma mudança, via metonímia, devido à alta frequência desses em contextos negativos. De acordo com o controle da presença da negação, os resultados são os expressos na tabela 04.

Contexto Negativo	Frequência
Negação na primeira oração	14 (50%)
Negação na segunda oração	13 (46.4%)
Negação nas duas orações	1 (3.6%)
Total	28 (100%)

Tabela 04: O uso de *contudo* em presença de elemento de negação ao longo da história do português (séc. XIV a XXI)

Como se observa, das 56 ocorrências de *contudo*, 50% apresentam contextos negativos, que se distribuem em três tipos: negação na primeira oração (50%), negação na segunda oração (46,4%) e negação nas duas orações (3,6%). Diante desses percentuais, podemos afirmar que o contexto negativo constitui fator favorável à instauração do valor adversativo de *contudo*, corroborando a hipótese de Said Ali (1964) e de Barreto (1999). Vejamos a ocorrência (63), exemplificativa desse contexto.

(63) Aindaque S. Pedro era pobre, de tal modo que dizia: *Prata e ouro não tenho, Act. 3, 6. com tudo* não tinha cobiça alguma de cousas terreaes (18NA, p.11)

A relação de contrajunção é estabelecida no nível epistêmico e não no nível do conteúdo, pois não há nada de contraste entre o fato do locutor não ter prata e ouro e não ter cobiça alguma de coisas terrestres. O contraste se estabelece entre a inferência que o interlocutor pode fazer a partir do enunciado *Prata e ouro não tenho* de que o locutor, embora não tenha prata e ouro, tenha cobiça e a informação do segundo enunciado que o locutor não tem cobiça.

Relativamente aos usos adversativos, controlamos as diferentes estratégias argumentativas empregadas quando *contudo* expressa sentido adversativo. Os resultados seguem na tabela 5, abaixo.²

² Ocorrências exemplificativas de todas as estratégias argumentativas se encontram no capítulo III. Por questão de economia, optamos por não repeti-las aqui.

Estratégias argumentativas	XIV	XV	XVI	XVII	XVIII	XIX	XX	XXI	Total
contra-argumentação	1	-	3	7	3	-	-	6	20 (45,4%)
direção independente (acréscimo de novo argumento)	-	-	2	1	-	-	-	2	5 (11,4%)
oposição	-	-	-	2	1	-	-	1	4 (9,1%)
direção independente (acréscimo de novo foco)	-	-	-	2	-	-	1	3	6 (13,6%)
negação de inferência	-	-	-	1	1	-	-	2	4 (9,1%)
restrição (refutação)	-	-	-	-	1	-	-	-	1 (2,3%)
direção independente (acréscimo de novo tema)	-	-	-	-	-	-	1	-	1 (2,3%)
restrição (pedido de informação)	-	-	-	-	-	-	-	2	2 (4,5%)
restrição (acréscimo de informação)	-	-	-	-	-	-	-	1	1 (2,3%)
Frequência <i>token</i>	1	-	5	13	6	-	2	17	44 (100%)
Frequência <i>type</i>	1	-	2	5	4	-	2	7	10

Tabela 05: Estratégias argumentativas de *contudo* (adversativo) do século XIV ao XXI

Como se observa, a estratégia argumentativa mais frequente, no percentual geral, é a de contra-argumentação, em que o locutor apresenta, no segundo enunciado, um argumento que vai em direção oposta à afirmação feita no primeiro enunciado. A análise das estratégias argumentativas por século nos permitiu observar que o uso de diferentes tipos de estratégias se reflete na frequência *token*, confirmando a hipótese defendida por Bybee (2003) de que o aumento da frequência *token* surge com um resultado do aumento dos números e tipos de contextos. Logo no século XXI, século em que *contudo* apresenta o maior número de *tokens*, temos sete diferentes estratégias utilizadas.

Abaixo segue uma ocorrência exemplificativa da estratégia de contra-argumentação, a mais recorrente no *corpus*.

- (64) É pouco provável, porém, que esse seja o caso de Bush, cujo favoritismo para a disputa eleitoral do ano que vem só tende a se fortalecer com as boas perspectivas de retomada econômica. O Iraque, **contudo**, deverá permanecer como um flanco aberto na campanha,

especialmente se vidas continuarem sendo perdidas, como ocorreu ontem, com a derrubada de um helicóptero que matou mais de uma dezena de militares. (21FSP, nov.03)

Em (64), a relação de contra-argumentação é estabelecida entre a conclusão do primeiro enunciado – o favoritismo de Bush tende a crescer – e a conclusão do segundo enunciado – a guerra do Iraque diminuirá o favoritismo de Bush. Essa relação de contraste se dá no nível epistêmico, pois do fato de Bush ter o favoritismo conclui-se que ele ganhará as eleições. Isso entra em conflito com a informação implícita de que Bush poderá perder as eleições, se a guerra do Iraque continuar.

4.2.2. Todavia

Segundo Houaiss (1991), *todavia*, datado do século XIII, foi formado, no latim, da junção do pronome indefinido *tota* com o sintagma nominal *via*, com sentido de *em todo o caminho*. No português arcaico, passou a integrar a classe dos advérbios, com o sentido originário de *sempre, constantemente*. Nos textos investigados, além da grafia corrente, já presente nos textos do século XIII, ocorre também a grafia mais próxima da forma original *tota via*.

No gráfico 5, apresentamos a frequência *token* de *todavia* no período dos séculos XIII a XXI.

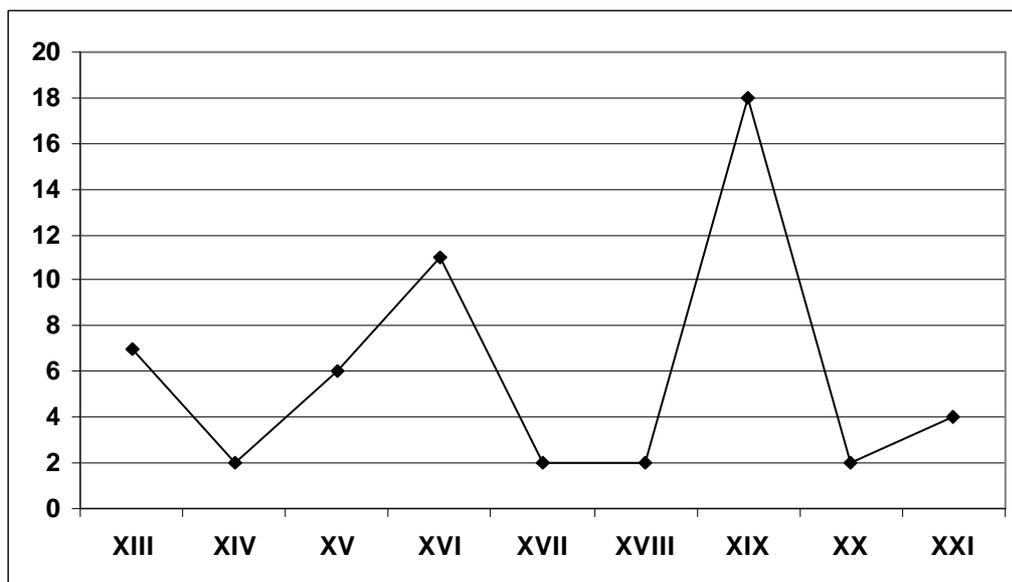


Gráfico 05: Frequência *token* de *todavia* do século XIII ao XXI

Embora *todavia* apresente uma frequência oscilante nos textos investigados, ocorre em todas as sincronias investigadas. A frequência *token* de *todavia* aumenta do século XIV ao XVI, mantém-se estável nos séculos XVII e XVIII e alcança seu maior pico no século XIX; no século XX, o item chega à nulidade; no século XXI, ele apresenta poucas ocorrências, devido ao tipo de texto jornalístico.

Na tabela 6, à página seguinte, expomos as frequências *token* e *type* de *todavia* durante os séculos investigados.

Numa análise geral, constatamos que, enquanto o uso conjuncional apresenta uma frequência baixa, 16,7%, o uso adverbial, estágio inicial do processo de gramaticalização, apresenta uma frequência alta, 42,6%. Enquanto categoria de nível intermediário, o uso como advérbio juntivo apresenta frequência de 40,7%, valor não muito distante do uso puramente adverbial, mas muito distante, ambos, do uso mais gramaticalizado como conjunção (16,7%). Em termos frequenciais, esses resultados para *todavia* podem diagnosticar um processo de gramaticalização lento ou tardio na história da língua.

Frequência <i>token</i>	Frequência <i>type</i>		
54	06		
	Categoria	Valor semântico	Totais
	Conjunção (16,7%)	Ambígua: de todo modo, constantemente/ adversativo	1 (1,9%)
		Adversativa	8 (14,8%)
	Advérbio juntivo (40,7%)	Ambígua: de todo modo, constantemente/ adversativo	1 (1,9%)
		Adversativo	21 (38,8%)
	Advérbio (42,6%)	Advérbio de modo I (<i>de todo modo;</i> <i>constantemente</i>)	19 (35,2%)
		Advérbio de modo II (<i>completamente</i>)	2 (3,7%)
		Reforço	2 (3,7%)
	Total		54 (100%)

Tabela 06: Frequência *token* e *type* totais de *todavia* na história do português (séc. XIII a XXI)

Ainda sob esse panorama mais geral, que considera os resultados de todos os séculos conjuntamente, o valor semântico que se sobressai no uso de *todavia* é o de adversativo (53,6%), tanto na categoria de *advérbio juntivo* como na de *conjunção*.

Essas informações gerais sobre o comportamento categorial e semântico de *todavia*, ou seja, de sua alta frequência como advérbio e como adversativo, podem levar a hipotetizar que sua mudança semântica é anterior à categorial. Entretanto, apenas uma análise que considera o comportamento sintático-semântico do item nas diferentes sincronias permitirá confirmar ou refutar essa hipótese, como se verá mais adiante. Por ora, vejamos nas ocorrências de (65) a (72), ocorrências exemplificativas de cada um dos *types* considerados na tabela 6.

(65) **Advérbio de modo I**

ca ham de vijr em esta terra do Egito sete anos de grande avondança, e depos eles outros sete anos de grande falecimento, e de grãa fame per toda a terra do Egito, em tal guisa que esquecerá toda a avondança, que ante ouve, e esto demostram as sete vacas grossas, e as sete spigas compridas; e porque o sonho foi dobrado, e visto per duas vezes demonstra afirmamento de verdade, que **todavia** assi ha de seer como demostram os sonhos. (14BMP, p.45)

Em (65), *todavia* é considerado um advérbio que estabelece uma relação modal que pode ser parafraçada por “de todo modo”, ou seja, o sonho visto duas vezes demonstra a constatação da verdade que *de todo modo* assim há de ser como demonstram os sonhos. Nenhuma leitura de adversidade é possível de ser apreendida nesse contexto, do mesmo modo que também não é possível na ocorrência em (66).

(66) **Advérbio de modo II**

No meio das cahoticas leituras a que então me entregava, devorando com igual voracidade romances e livros de sciencias naturaes, poetas e publicistas e até theologos, a leitura do *Fausto* de Goethe (na tradução franceza de Blaze de Bury) e o livro de Rémusat sobre a nova philosophia allemã exerceram **todavia** sobre o meu espirito uma impressão profunda e duradoura: fiquei definitivamente conquistado para o *Germanismo*; e, se entre os francezes, preferi a todos Proudhon e Michelet, foi sem duvida por serem ests dois os que mais se resentem do espirito de Alem-Rheno. (19CAQ, p.2)

Na ocorrência (66), *todavia* estabelece uma relação adverbial de modo com o sentido de *completamente*. Numa leitura atual dessa ocorrência, teríamos: “(...) a leitura do *Fausto* de Goethe e o livro de Rémusat sobre a nova filosofia alemã exerceram *completamente* sobre meu espírito uma impressão profunda e duradoura.”.

Como advérbio de reforço, segue a ocorrência de *todavia* em (67).

(67) **Reforço adverbial**

Como assi seja que em duas maneiras se faça a alguem enjuria: hua per engano, e outra per força, o engano perteece aa rraposa, e a força ao liom, e cadahua delas he muy estranha da natureza do homem. Mas **todavia** o engano he mais digno de sseer avorrecido. (15LO, p.17)

Como se nota, em (67), *todavia* funciona apenas como reforço da direção argumentativa do enunciado encabeçado pelo *mas*.

Câmara (1975) e Castilho (2004) defendem que os itens adversativos, em geral, adquiririam, metonimicamente, esse valor de adversidade em contextos de co-ocorrência com outro adversativo. Os dados mostrados na tabela 6 acima apontam uma frequência muito baixa da função de reforço (3,7%) de *todavia*.

Em (68), segue ocorrência em que *todavia* apresenta valor ambíguo entre leitura de modo e de adversidade.

Advérbio de modo I/ Advérbio juntivo adversativo

- (68) E despois de terdes dito e Repricado todo o que vos mamdo, e vos mais parecer que compre por algũu novo caso ou Reposta delRey, que se não pode adivinhar, não sayndo, porẽ, nada d'esta tençom e sentença, nẽ dando ocasiom que vos Responda cousa a que vos seja neçesareo Responder mais aspero do que vos vay apontado, se **todavia** elRey nã quyser mãdar corrigir estas Represareas, e sua Reposta for sem efeyto, ou de se desfazerẽ de todo, ou de se nellas sobre estar atee se o caso tornar a ver por justiça; e despois de vos hũa ou duas vezes a tall Reposta não terdes Recebida, dizemdo que a não aveis aimda por Reposta, e esperaraaes, e lhe pedires muyto por merçe que o queira melhor cuydar, e lembrarse do que lhe tendes dito de minha parte. (16CDJ3, p.10)

Em (68), *todavia* ocupa uma posição medial dentro de uma oração dependente. Essa ocorrência possibilita duas leituras – de modo e adversativa –. Numa leitura de modo, *todavia* poderia ser parafraseado por *de todo modo*, isto é, o locutor afirma para o seu interlocutor que ele faça algo se *de todo modo* o rei não quiser mandar corrigir as represálias. Já numa leitura adversativa, no primeiro enunciado, o locutor defende a ideia de que se deva procurar o rei para se ter a resposta; no segundo enunciado, entretanto, aponta para o seu interlocutor o que deve fazer, caso o rei não responda.

Advérbio juntivo adversativo

- (69) Eis aqui por que, entre tantas cousas difficeis e intrincadas que, n'essa noite, com esforço arrancava da memoria e da intelligencia me esqueceu esta simplicissima, e que me acompanha sempre o espirito como uma companheira mysteriosa – a lembrança dos que choram.
E **todavia**, meu amigo, se um bom syllogismo vale muito, uma lagrima bem quente, bem viva e bem sentida, deve valer tanto – ou muito mais ainda. O peso duma lagrima! (19CAQ, p.18)
- (70) Estas circumstancias pareceriam sufficientes para me imporem um silencio, ou modesto ou desdenhoso. Não o são, **todavia**. (19CAQ, p.30)

Todavia, em (69), ocupa posição medial e estabelece apenas a relação semântica de adversatividade, em que, o segundo enunciado serve como um novo argumento – o peso de uma lágrima – para o que estava sendo dito no primeiro enunciado. A relação sintática de ligar as orações é estabelecida pelo conector *e*.

Em (70), *todavia* ocupa posição final e estabelece a relação de adversatividade entre as duas orações, uma vez que o primeiro enunciado traz o argumento de que as circunstâncias seriam suficientes para silenciá-lo, enquanto o segundo enunciado argumenta na direção oposta – as circunstâncias não são suficientes. A relação sintática entre os dois enunciados se dá por justaposição.

Segue, em (71), o valor prototípico de conjunção adversativa de *todavia*.

(71) Conjunção de modo I/ Adversativa

- Ai, senhoram disse Meraugis, eu soõ ainda novel cavaleiro e soõ de pequena nomeada, e rogo-vos por Deus que me leixedes ir convosco ataa que veja que vós havedes mester de companhia, ca o coraçom me diz que vos há-de contecer alguu mal.
 - Nom farám, disse Erec, se Deus quiser.
 - **Todavia**, disse Meraugis, vos rogo que me leixedes convosco ir.
- E el lho outorgou. (13DSG, p.10)

Na ocorrência (71), *todavia* apresenta características de uma conjunção prototípica, ou seja, ocupa posição inicial, articula as orações tanto no nível sintático quanto no nível semântico. Entretanto, no nível semântico, permite duas leituras, de modo e adversativa. Numa leitura de modo, *todavia* tem sentido de *de todo modo*, ou seja, o cavaleiro roga *de todo*

modo a sua ida junto a Erec. Já, numa leitura adversativa, estabelece uma relação de contra-argumentação, em que, o segundo enunciado, se vale da resposta dada no primeiro enunciado para estabelecer a argumentação contrária a resposta dada. Essa ambiguidade, entretanto, não se verifica na ocorrência (72), na qual prevalece o valor semântico de adversidade.

- (72) Preços e juros em alta reforçam a tendência de desaquecimento econômico, o que deveria contribuir para o declínio da inflação. **Todavia** as aplicações especulativas nos mercados futuros sustentam os preços altos. (21FSP, jun.08)

Nessa ocorrência, *todavia* comporta-se como conjunção prototípica, pois ocupa posição inicial, articula os dois enunciados tanto no nível sintático quanto no nível semântico e estabelece a relação semântica de adversatividade, em que, no primeiro argumento, o locutor defende que ocorre um declínio da inflação, uma vez que os preços e juros estão em alta, para, no segundo argumento, concluir que a inflação não vai sofrer um declínio.

Na tabela 7, apresentamos o percentual de ocorrências em cada uma das posições sintáticas – inicial, medial e final – ocupadas por *todavia*.

Posição/categoria		Percentual
Inicial	Advérbio juntivo	5 (9,3%)
	Conjunção	9 (16,7%)
Medial	Advérbio	20 (37%)
	Advérbio juntivo	15 (27,8%)
Final	Advérbio	3 (5,5%)
	Advérbio juntivo	2 (3,7%)
Total		54 (100%)

Tabela 07: Frequência das posições sintáticas de *todavia* na história do português (séc. XIII a XXI)

A partir das frequências apresentadas acima, 37% das ocorrências de *todavia* se encontram na posição medial como advérbio, o que acaba caracterizando um estágio tardio de gramaticalização.

No gráfico 6, está apresentada a distribuição categorial de *todavia* por século, a fim de deprendermos o momento em se deu seu processo de mudança categorial.

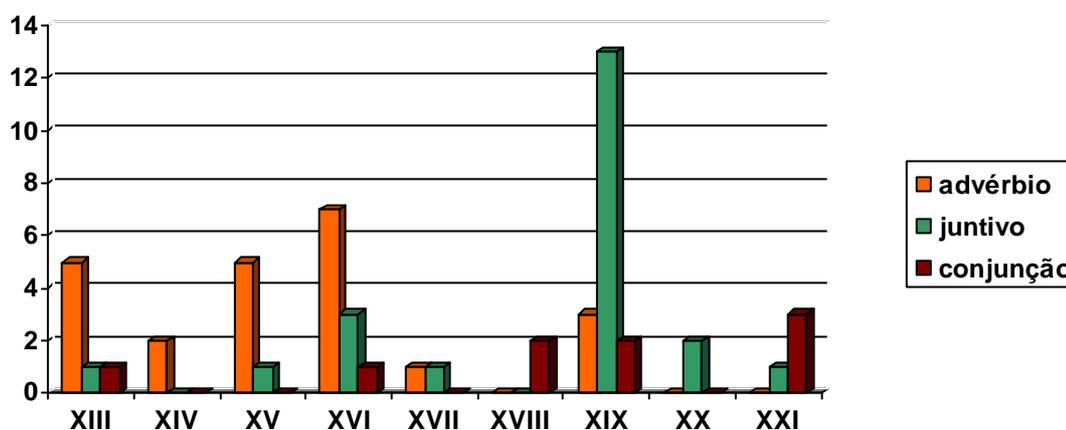


Gráfico 06: O desenvolvimento categorial de *todavia* do século XIII ao XXI

Até o século XVI, há o predomínio da função adverbial de *todavia*, que, no século XVII, se iguala com o uso juntivo, desaparecendo no século XVIII e reaparecendo no século XIX, rumo ao completo desaparecimento nos séculos XX e XXI. Na sincronia atual, destaca-se o uso conjuncional em relação à função juntiva, caracterizando o início do processo de mudança *advérbio juntivo* > *conjunção*, pois, como diagnosticamos na tabela 6, a percentagem geral de usos como *advérbio juntivo* é significativamente maior que a percentagem dos usos conjuncionais. Acreditamos que, a partir da análise comparativa dos advérbios juntivos adversativos, poderemos afirmar o estágio de gramaticalização em que *todavia* se encontra.

Diante desses resultados, é possível propor que *todavia* passou por um processo de recategorização, que obedece a seguinte escala de gramaticalização:

(73) SINTAGMA > ADVÉRBIO DE > ADVÉRBIO > (CONJUNÇÃO)
 NOMINAL MODO (I / II) JUNTIVO
 COMO
 ADVÉRBIO
 ESPACIAL

Em relação ao aspecto semântico, foram encontrados, como já foi mostrado na tabela 06, cinco *types* – modo I, modo II, ambíguo entre modo I e adversativo, reforço de um outro item adversativo e adversativo.

No gráfico 7, dado a seguir, pode-se observar o comportamento semântico de *todavia* ao longo dos séculos investigados. O uso modal I e II, em que o item tem valor de *de todo modo* e *completamente*, respectivamente, oscila entre os séculos estudados, desaparecendo, completamente, nos séculos XX e XXI. O uso ambíguo – modal/adversativo – e o uso como reforço de outro item adversativo funcionam como estágios intermediários para fixação do valor adversativo, ocorrendo entre o século mais inicial até o século XVI, em que a mudança parece se instaurar em favor do valor adversativo que ocorre desde o século mais inicial.

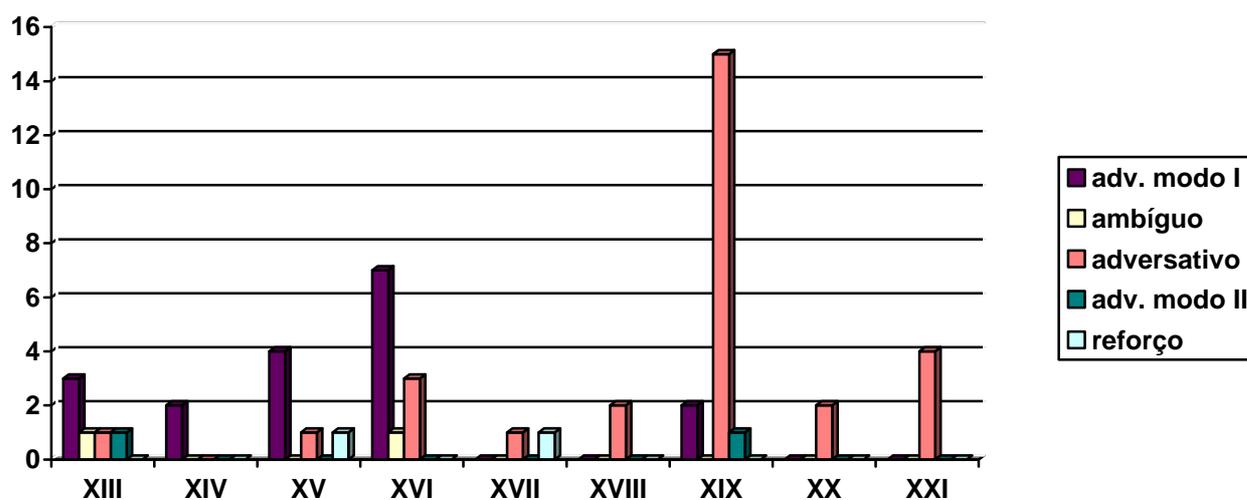


Gráfico 07: Os valores semânticos de *todavia* do século XIII ao XXI

Uma possível escala de mudança das funções semânticas de *todavia* é a dada abaixo.

(74) **ESPAÇO** > **MODO** > **{ AMBÍGUO
REFORÇO }** > **ADVERSATIVO**

A mudança semântica de *todavia* pode ser explicada tanto por um processo metonímico como por um processo metafórico. Segundo Said Ali (1964) e Barreto (1999), *todavia* assumiu o valor adversativo em contextos negativos, via metonímia. Os resultados do controle da presença de negação nos dados investigados são explicitados na tabela 8.

Contexto Negativo	Frequência
Negação na primeira oração	9 (47.4%)
Negação na segunda oração	8 (42.1%)
Negação nas duas orações	2 (10.5%)
Total	19 (100%)

Tabela 08: O uso de *todavia* em presença de elemento de negação ao longo da história do português (séc. XIII a XXI)

Das 54 ocorrências investigadas, 35,2% (=19 ocorrências) apresentam-se em contexto de negação. Diante dos percentuais, podemos afirmar que o contexto negativo não é um fator favorável para a instauração do valor adversativo de *todavia*, refutando, assim, a hipótese de Said Ali (1964) e Barreto (1999). Em (74), exemplificamos *todavia* no contexto de negação.

(75) Posso dar rumo à minha vida sem a miragem diante dos olhos. Em fins deste abril devo vender uma casa em São Paulo e então te mandarei o conto. Não garanto, **todavia**. As coisas falham 9 vezes para acertar 1/2: não obstante estive em São Paulo há poucos dias e ficou fechado o negócio, dependendo do recebimento por parte do comprador de uma letra do Governo, que vence nos fins de abril. (20CE-C, p.5)

Em (74), a relação de contrajunção é estabelecida entre enviar o dinheiro, em dependência da venda da casa e não garantir que enviará o dinheiro. Sendo assim, essa relação

estratégias argumentativas atualizadas por século, verificaremos que, no século XXI, há apenas três estratégias sendo atualizadas e, dessas três, a contra-argumentação parece ser a preferida. No século XIX, que apresenta a maior frequência de usos adversativos, são atualizadas sete estratégias argumentativas, revelando, assim, o caráter multifuncional de *todavia* nesse período.

O fato de a multifuncionalidade (*types*) de *todavia* ser menor no século XXI, possivelmente, o afastará, num *cline* de gramaticalidade, dos usos de itens mais gramaticalizados, que se espera mais multifuncionais.

4.2.3. Entretanto

Segundo Houaiss (2001), o item *entretanto* é datado do século XIII, mas, no *corpus* investigado nessa pesquisa, o item surge somente no século XVI. Esse item é formado da junção da preposição *entre* com o pronome *tanto* e, segundo Barreto (1999), tem o sentido originário de “entre tantas coisas”. No português moderno, mais especificamente no século XVII, encontramos ainda um uso de *entretanto* como advérbio temporal, com o sentido de *enquanto isso sucede*. Além da grafia corrente, nos textos investigados, encontramos as formas *entre tanto*, *no entretanto*.⁴ A forma aglutinada ocorre já nos textos do século XVI.

No gráfico 8, apresentamos a frequência *token* de *entretanto* no período dos séculos XVI a XXI.

⁴ Essa forma foi encontrada no século XIX, com o sentido de adversativo. Segundo Barreto (1999), pode-se considerar uma forma analógica a *no entanto*.

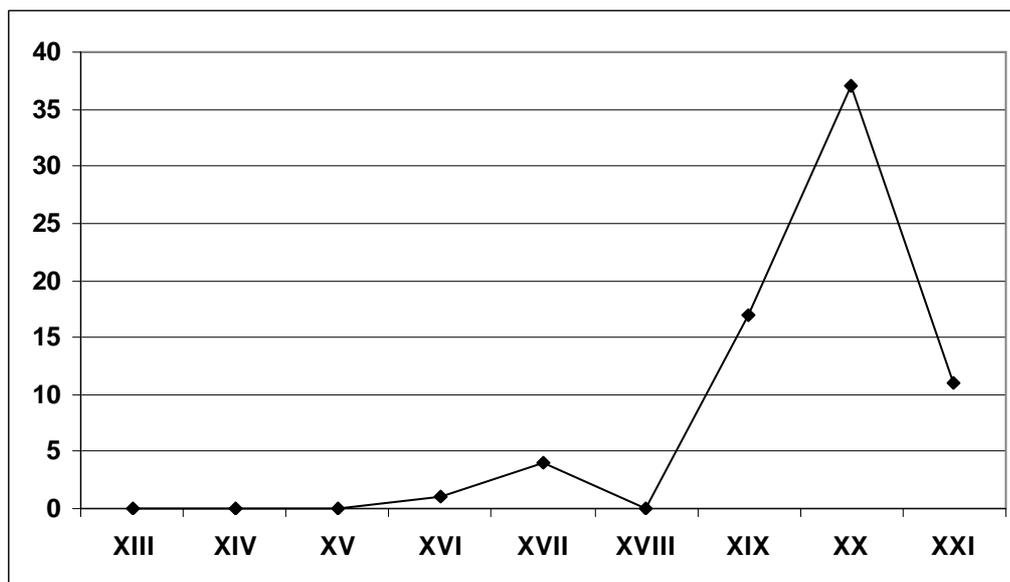


Gráfico 8: Frequência *token* de *entretanto* do século XVI ao XXI

A partir da análise do gráfico 8, constatamos que foram registradas, no *corpus*, as primeiras ocorrências de *entretanto* no século XVI e, entre os séculos XVI e XVIII, o item apresentou uma frequência muito baixa, chegando a nulidade no século XVIII. A frequência *token* de *entretanto* aumenta significativamente entre os séculos XIX e XX. No século XXI, há uma diminuição na frequência de uso, que pode ser decorrente de diversos fatores já explicitados no início deste capítulo.

Na tabela 10, à página seguinte, expomos a frequência *token* e *type* de *entretanto*.

Frequência <i>token</i>	Frequência <i>type</i>		
70	03		
	Categoria	Valor semântico	Totais
	Conjunção (32,9%)	Adversativa	23 (32,9%)
	Advérbio juntivo (64,3%)	Adversativo	45 (64,3%)
	Advérbio (2,9%)	Companhia (<i>entre tantas coisas</i>)	1 (1,45%)
		Temporal (<i>enquanto isso sucede</i>)	1 (1,45%)
	Total		70 (100%)

Tabela 10: Frequência *token* e *type* totais de *entretanto* na história do português (séc. XVI a XXI)

Como se pode observar, *entretanto* distribui seus 70 *tokens* em 3 *types* sintáticos – advérbio, 2,9%, advérbio juntivo, 64,3%, e conjunção, 32,9%. Quanto às relações semânticas desempenhadas por *entretanto*, há também 3 *types* semânticos – adversativo (97,1%), companhia (1,45%) e temporal (1,45%), distribuídos da seguinte maneira: o *type* adversativo ocorre predominantemente como advérbio juntivo (64,3%) e ocorre também como conjunção (32,9%); o *type* companhia ocorre como advérbio (1,45%) e o *type* tempo ocorre também como advérbio (1,45%).

Levando em conta os percentuais apresentados na tabela 10, constata-se que *entretanto* ocorre predominantemente como advérbio juntivo com valor adversativo, *type* no qual se concentram 64,3% das ocorrências levantadas. Esse uso afasta-se do uso puramente adverbial, cujos valores semânticos, juntos (2,9%), também se distanciam do uso conjuncional adversativo, que apresenta metade das ocorrências do uso como advérbio juntivo, (32,9%). Diante da alta percentagem de usos adversativos e da alta percentagem como advérbio juntivo, podemos inferir que o processo de mudança semântica está além do processo de mudança sintática, como veremos no decorrer da análise.

De (78) a (81), seguem ocorrências exemplificativas de cada um dos *types* sintático-semânticos considerados na tabela 10.

(78) Advérbio de lugar figurado

Tomada essa resolução se pôs em ordem para este edifício, fazendo primeiro um cercamento forte de pau a pique para os trabalhadores e soldados poderem estar seguros do gentio e como foi acabada arrumou a cidade dela para dentro arruando-a por boa ordem com as casas cobertas de palma ao modo do gentio em as quais por **entretanto** se agasalharam os mancebos e soldados que vieram na armada e como todos foram agasalhados ordenou de cercar esta cidade de muros de taipa grossa. (16NB, p.56)

Em (78), *entretanto* traz uma circunstância ao enunciado, estabelecendo uma relação de lugar figurado que pode ser parafraseado por *entre tantas coisas*, valor original do item. Ao

interpretarmos a ocorrência, tem-se: “arrundo-a por boa ordem com as casas cobertas de palma ao modo do gentio, nas quais por entre tantas coisas se agasalharam os mancebos e soldados que vieram na armada (...).” Em (78), mostramos ocorrência de *entretanto* com valor temporal.

(79) Advérbio temporal

Eu sei, que cá- be nos limites da minha Jurisdição | punir esta especie de dezobediencia, e dar por inutil, ede nenh__ efeito alicen | ça concedida; mas hé justo, que esta Ca- | mara, eas futuras conheção quanto dé- vem ser respeitádas, e venerádas as ordens | dos senhores Generáes; epor isso oponho | na Prezensa deVossa Excelencia para da | sua parte lho extranhar, com Piedade | sim, mas de forma, que elles conheção agra- | vidade do seo erro, e dasua facilidade, e | que este Padre conheça tamb__, que de- | ve esperar asoberana Decizão, que elle | mesmo prócurou, e **entretanto** aco- ||| Acomodar se, e não au mentar as | perturbaçoens, partidos e dezunião em | que Vive este Povo: Espero a Rezolução de Vossa Excelencia para saber o que | eide obrar.| (17CBS, p.147)

Em (79), *entretanto* também traz uma circunstância para o enunciado, estabelecendo uma relação semântica temporal, podendo ser parafraseado por *enquanto isso sucede*. Sendo assim, temos: “(...) é justo que esta câmara e as futuras conheçam quanto devem ser respeitadas e veneradas as ordens dos senhores gerais, e, por isso, oponho na presença de Vossa Excelência para da sua parte, com piedade, sim, mas de forma que eles conheçam a gravidade do seus erros e da sua facilidade e que este Padre conheça também que deve esperar a soberana decisão, que ele mesmo procurou, e enquanto isso sucede ele deve se acomodar e não aumentar as perturbações, partidos e desunião em que vive este povo.”

Em (80), segue o uso adverbial adversativo do item.

(80) Advérbio juntivo adversativo

Entregar a construção e a exploração de rodovias à iniciativa privada é uma atitude justa e, no mais das vezes, necessária. O Rodoanel, **entretanto**, foi concebido para integrar as várias estradas que saem da capital paulista e, assim, aliviar o trânsito de caminhões nas marginais Tietê e Pinheiros -é isso, aliás, que justifica o investimento público. (21FSP, jun.06)

Entretanto, em (80), ocupa posição medial, estabelecendo relação de adversatividade entre as duas orações. Essa relação é estabelecida entre a conclusão do primeiro argumento de que todas as construções e explorações de rodovias serão entregues à iniciativa privada, logo o *Rodoanel* também, e a conclusão do segundo argumento de que o *Rodoanel* será um investimento público.

(81) **Conjunção Adversativa**

Dois tangos me produzem mal-estar e três tangos provocam em mim náuseas positivas. **Entretanto** o meu amigo dom Carlos Reverbel adora tangos. (20GN, p.121)

Na ocorrência (81), *entretanto* ocupa posição inicial, estabelecendo a ligação sintática entre as orações. Além da ligação sintática, *entretanto* estabelece a relação semântica de adversatividade no nível epistêmico, pois não há nenhuma oposição, no nível do conteúdo, entre o locutor não apreciar tangos e o seu amigo, dom Carlos Reverbel, adorá-los. Sendo assim, a oposição no nível epistêmico se dá entre o fato do locutor não gostar de tangos e o seu amigo, dom Carlos Reverbel, adorar tangos.

Na tabela 11, apresentamos o percentual de ocorrências em cada uma das posições sintáticas – inicial, medial e final – ocupadas por *entretanto*.

Posição/categoria		Percentual
Inicial	Adv juntivo	1 (1,4%)
	Conjunção	23 (32,9%)
Medial	Advérbio	2 (2,9%)
	Advérbio juntivo	43 (61,4%)
Final	Advérbio juntivo	1 (1,4%)
Total		70 (100%)

Tabela 11: Frequência das posições sintáticas de *entretanto* na história do português (séc. XVI a XXI)

Verificamos que, em 61,4% dos casos, *entretanto* ocorre na posição medial como advérbio juntivo. Diante desses resultados gerais, concluímos que *entretanto*, embora guarde resquícios de sua fonte adverbial, está mais próximo da posição inicial, típica das conjunções prototípicas, que apresenta percentual de 32,9%. Uma análise um pouco mais detalhada dessa constatação pode ser feita pelo cruzamento dos fatores *categoria* e *século*, como se observa no gráfico 9.

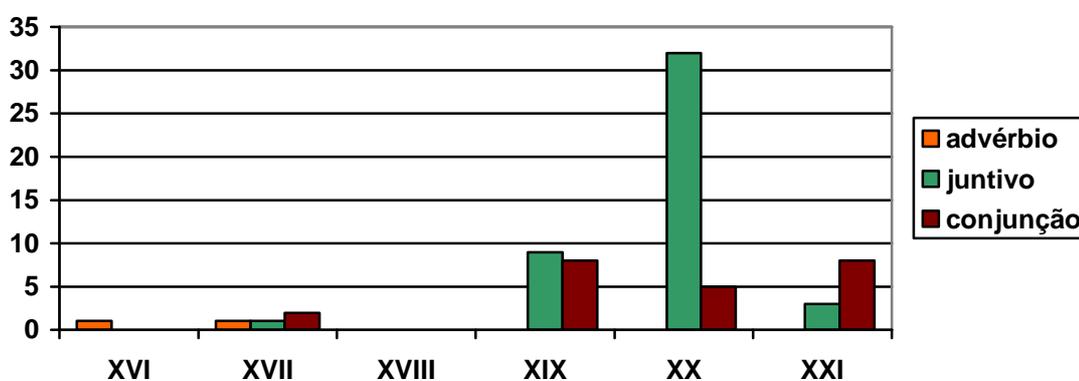


Gráfico 09: O desenvolvimento categorial de *entretanto* do século XVI ao XXI

Observando o gráfico 09, constatamos que *entretanto* como advérbio ocorreu, numa frequência muito baixa, nos séculos XVI e XVII. No século XVII, embora *entretanto* seja usado com frequência baixa, há o convívio das 3 categorias – advérbio, advérbio juntivo e conjunção. A frequência já baixa de *entretanto* no século XVII chega à nulidade no século XVIII, reaparecendo no século XIX, apenas como advérbio juntivo e conjunção. A partir do século XIX, pode-se dizer que a mudança está instaurada, em favor do uso conjuncional, que apresenta, na sincronia atual, uma frequência um pouco mais acentuada que o percentual de advérbio juntivo.

De acordo com os resultados apresentados, uma possível escala de gramaticalização das categorias sintáticas para *entretanto* seria:

(82) **ADVÉRBIO** > **ADVÉRBIO JUNTIVO** > **(CONJUNÇÃO)**

Em relação aos *types* semânticos, como foi demonstrado na tabela 09, *entretanto* apresenta três *types* – lugar figurado, temporal e adversativo. Diferentemente dos demais itens investigados, *entretanto* não tem ocorrências de reforço nem valores ambíguos. No gráfico 10, expomos os valores semânticos de *entretanto* do séculos XVI ao XXI.

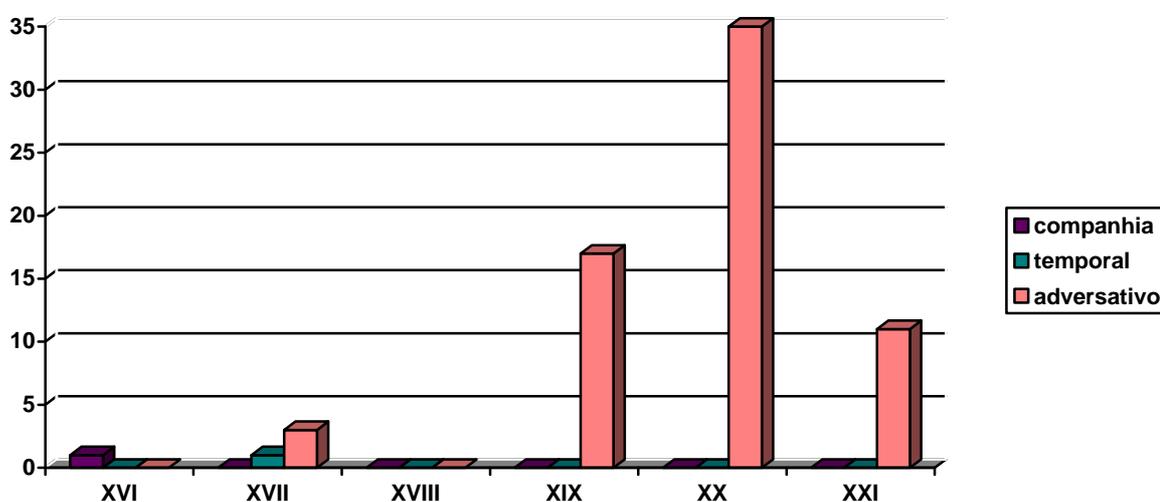


Gráfico 10: Os valores semânticos de *entretanto* dos séculos XVI ao XXI

No gráfico 10, nota-se que os valores de companhia e temporal, que seriam os valores-base de *entretanto*, ocorrem numa frequência baixa nos séculos XVI e XVII. O valor adversativo, por sua vez, começa a ser usado a partir do século XVII e apresenta uma frequência crescente até o século XX. No século XXI, há uma redução, devido ao tipo de texto jornalístico utilizado como representante desse século. Num primeiro momento, uma possível escala de gramaticalização das funções semânticas de *entretanto* seria:

(83) **LUGAR** > **TEMPO** > **ADVERSATIVO**
FIGURADO

Essa mudança semântica, mostrada na escala acima, pode ser explicada tanto por um viés metafórico quanto por um viés metonímico. Pela metonímia, pode-se dizer que *entretanto* tenha instaurado o valor adversativo em contextos de negação ou precedido desses contextos, corroborando, assim, a proposta defendida por Said Ali (1964). Na tabela 12, apresentamos os percentuais de uso nesses contextos.

Contexto Negativo	Frequência
Negação na primeira oração	16 (50%)
Negação na segunda oração	13 (40,6%)
Negação nas duas orações	3 (9,4%)
Total	32 (100%)

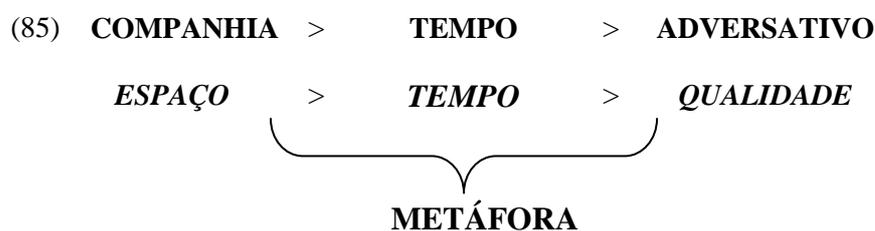
Tabela 12: O uso de *entretanto* em presença de elemento de negação ao longo da história do português (séc. XVI a XXI)

O uso de *entretanto* em contextos negativos ou precedidos de negação corresponde a quase metade das ocorrências investigadas, isto é, 32/70 ocorrências (45,7%). Dessas 32 ocorrências, 16 (50%) apresentam o elemento de negação na primeira oração; 13 (40,6%), na segunda oração e 3 (9,4%), nas duas orações. Com base nesses percentuais, podemos afirmar que *entretanto*, ao ser usado nesses contextos, assimilou metonimicamente o valor de negação, passando, assim, a codificar uma estratégia de adversidade em que o argumento apresentado no primeiro enunciado é sempre o argumento negado no segundo enunciado. A ocorrência (83) exemplifica o uso de *entretanto* em contexto de negação.

- (84) Embora tenhamos uma Lei que determina que todos os que, por falta de rendas, não podem servir na Guarda Nacional pertençam á Guarda Policial, a falta d'organização d'esta força, faz com que ella apenas preste insignificante serviço, e só sirva d'estorvo para a administração, que vê-se todos os dias importunada com propostas para nomeação de comandantes, que nada fazem, e que procurão com ancia este posto para escaparem do serviço da Guarda Nacional, e a outros encargos a que são obrigados. **Entretanto não** se pode duvidar de que é esta a força que mais serviços poderia prestar, com menos perda da industria; e esta vantagem foi procurada pelos Legisladores quando crearão a Guarda Policial. (19DMA, p.14)

A relação de adversatividade, em (84), é estabelecida entre o argumento de que a Guarda Policial não tem serventia e o argumento de que essa deveria ser a força que mais serviços poderia prestar. Essa relação que pode ser entendida como uma negação de inferência (uma vez que, se não há serventia para guarda, o interlocutor infere que essa não terá muitos serviços a prestar) é estabelecida pelo elemento negativo *não*, presente na segunda oração, após *entretanto*, que estaria reforçando o sentido expresso pelo item adversativo.

Por viés metafórico, a mudança semântica de *entretanto* se implementa, por meio da escala de abstratização espaço > tempo > qualidade (HEINE *et al.*, 1991), em que os usos com valor semântico de *entre tantas coisas* se encaixaria no domínio do *espaço*, os usos com valor de *enquanto isso sucede*, no domínio do *tempo* e os usos com valor de adversativo, no domínio da *qualidade*, como se pode ver na escala abaixo.



Em relação aos usos adversativos, são diferentes as estratégias argumentativas acionadas no emprego de *entretanto* durante os séculos investigados, como podemos observar pelos resultados que se encontram na tabela 13, à página seguinte.

Estratégias argumentativas	XVI	XVII	XVIII	XIX	XX	XXI	Total
contra-argumentação	-	2	-	7	16	6	31 (45,6%)
negação de inferência	-	-	-	4	6	2	12 (17,6%)
direção independente (acréscimo de novo foco)	-	1	-	1	7	1	10 (14,7%)
compensação (acréscimo de informação)	-	-	-	-	7	-	7 (10,3%)
restrição (acréscimo)	-	-	-	3	-	-	3 (4,4%)
oposição	-	-	-	2	-	-	2 (2,9%)
marcador de surpresa	-	-	-	-	1	-	1 (1,5%)
direção independente (acréscimo de novo tema)	-	-	-	-	-	1	1 (1,5%)
direção independente (acréscimo de novo argumento)	-	-	-	-	-	1	1 (1,5%)
Frequência <i>token</i>	-	3	-	17	37	11	68 (100%)
Frequência <i>type</i>	-	2	-	5	5	5	10

Tabela 13: Estratégias argumentativas de *entretanto* (adversativo) do século XVI ao XXI

Assim como os demais itens analisados, no percentual geral, a estratégia argumentativa mais frequente é a de contra-argumentação, usada em 45,6% das ocorrências de *entretanto* com valor adversativo. Da análise por século, constatamos que, durante os séculos XIX e XXI, em que houve uma frequência *token* total oscilante, as estratégias argumentativas se mantiveram praticamente estáveis, se considerarmos que três das cinco verificadas – contra-argumentação, negação de inferência e direção independente com acréscimo de novo foco – fixam-se nesse período de tempo.

Do século XVII, século em que ocorreram as primeiras ocorrências de *entretanto* com valor adversativo, para o século XIX, houve um aumento no número de manobras argumentativas, ocasionando, conseqüentemente, aumento na frequência *token* do item, como observamos no gráfico 8.

Como exemplo da estratégia de argumentação mais recorrente, tem-se a ocorrência em (86).

- (86) O novo documento representa um avanço em relação às manobras que já foram feitas pela polícia e pela própria Promotoria para evitar punições. Fica, **entretanto**, muito aquém de dar um novo rumo ao caso. (21FSP, ago.07)

Na ocorrência (86), a relação de contra-argumentação é estabelecida entre a conclusão extraída do primeiro enunciado – como o novo documento é um avanço, o caso terá um rumo brevemente – e a conclusão do segundo argumento – o caso está muito aquém de ter um rumo –, o que contraria o argumento anterior. Diante das duas conclusões, a conclusão geral do enunciado tende para o segundo enunciado.

4.2.4. No entanto

O advérbio juntivo *no entanto* (*entanto*) no português arcaico, é datado do século XIII, segundo Houaiss (2001). De acordo com Barreto (1999), o item se formou da justaposição da preposição latina *in* ao pronome indefinido *tantum*, tornando-se um advérbio com valor de “por isso”. No *corpus* investigado para essa pesquisa, encontramos um uso de *entanto*, no século XIII, com valor de *por isso*. Além desse valor, há registros, no século XIV, de *entanto* com valor temporal, significando “neste meio tempo, neste interím”. Barreto (1999) supõe que esse valor temporal tenha sido adquirido por analogia ao valor das conjunções *enquanto* e *tanto que*, que apresentavam uma alta frequência de uso no português arcaico.

A frequência *token* de *no entanto* dos séculos XIII ao XXI é apresentada no gráfico 11 abaixo.

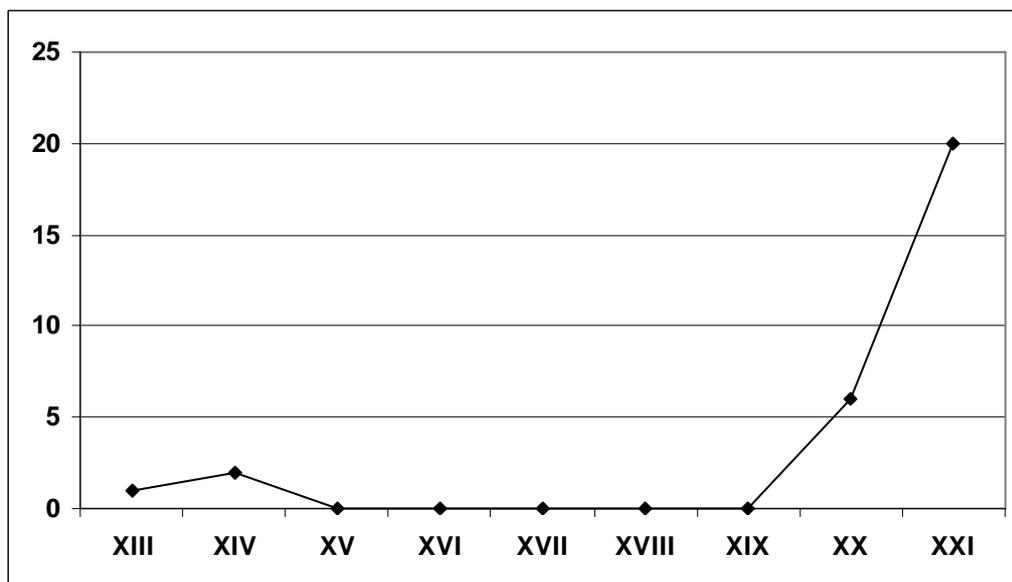


Gráfico 11: Frequência *token* de *no entanto* do século XIII ao XXI

De acordo com o gráfico acima, *entanto* ocorre nos séculos XIII e XIV e depois vem a ocorrer já com a forma *no entanto* somente nos séculos XX e XXI. Nos séculos XIII e XIV, o item apresenta uma frequência muito baixa que, juntamente com outros fatores, pode ter favorecido a nulidade nos períodos dos séculos XV a XIX. No seu reaparecimento no século XX, *no entanto* já apresenta uma frequência maior que a inicial e aumenta, significativamente, do século XX para o XXI. A partir dessa trajetória frequencial, verifica-se que *no entanto* é documentado inicialmente no *corpus* apenas durante esses dois períodos, o que não significa que ele tenha estado fora do sistema nos períodos intermediários que precedem o seu ressurgimento. Contudo, diante dessa escassez de dados, é difícil determinar quando ocorreu a mudança da forma *entanto* para *no entanto* e as mudanças sintático-semânticas pelas quais o item passou.

Na tabela 14, expomos a frequência *token* e *type* de *no entanto* durante os séculos investigados.

Frequência <i>token</i>	Frequência <i>type</i>		
29	04		
	Categoria	Valor semântico	Totais
	Conjunção (41,4%)	Adversativa	12 (41,4%)
	Advérbio juntivo (44,8%)	Adversativo	13 (44,8%)
	Advérbio (13,8%)	Advérbio fórico	1 (3,4%)
		Advérbio temporal	2 (6,9%)
		Reforço	1 (3,4%)
	Total		29 (100%)

Tabela 14: Frequência *token* e *type* totais de *no entanto* na história do português (séc. XIII a XXI)

No entanto apresenta 29 *tokens* divididos em 3 *types* sintáticos – advérbio 13,8%, advérbio juntivo, 44,8%, conjunção, 41,4%. A partir desses percentuais, observamos que *no entanto* praticamente tem os mesmos percentuais para advérbio juntivo e conjunção, caracterizando, assim, um processo de mudança categorial já instaurado, rumo ao uso conjuncional. Em relação aos *types* semânticos, há 4 *types*, a saber: adversativo (86,2%), fórico (3,4%), temporal (6,9%) e reforço (3,4%). Enquanto o valor adversativo ocorre para as categorias de advérbio juntivo e conjunção, os demais valores ocorrem apenas para a categoria advérbio.

Diante da alta frequência como adversativo e da alta frequência como advérbio juntivo e conjunção, podemos inferir que tanto a mudança sintática quanto a mudança semântica de *no entanto* estão instauradas, como veremos na análise que será empreendida adiante.

De (87) a (91), seguem ocorrências exemplificativas de cada um dos *types* sintático-semânticos considerados na tabela 14.

(87) Sintagma preposicionado como advérbio fórico

– Tu me profaças de traíçam; mais certamente nom me devem **em tanto** protaçar como ti; ca se tu nom fôsses mais aleivoso cavaleiro || ca outro, nom mataras assi tua irmã por ua sôo palavra que me prometeste. (13DSG, p.20)

Em (87), *no entanto* usado na forma original *em tanto* tem o sentido da origem latina de *por isso*. Consideramo-lo como advérbio porque ele traz uma circunstância de causa ao verbo *devem*. Quanto à relação de foricidade, *em tanto* recupera o que tinha sido dito na primeira oração para concluir. Sendo assim, temos que o fato do tu ter professado contra o eu, não faz com que o eu *por isso* professe contra o tu.

Em (88), exemplificamos o valor adverbial temporal de *no entanto*.

(88) Sintagma preposicionado como advérbio temporal

E depois que foy creçudo Sela, temeu-se Judas de o dar por marido a Tamar, e non lho dava. **Entanto** morreu a molher de Judas, e depois que se Judas confortou, foy huu dia a trosquiar as ovelhas, e Tamar soube-o, e desvestiu as vistiduras da viuvidade, e posesse eno caminho, per que avia Judas de vjir, e cobriu-se em guisa que a non conhecesse. (14BMP, p.42)

Na ocorrência acima, *entanto* traz uma circunstância de tempo à oração, podendo ser parafraseado por *neste meio tempo*, *neste ínterim*. Na ocorrência acima, podemos interpretar que a morte da mulher de Judas aconteceu na época em que Judas temia dar Sela como marido a Tamar.

Segue, em (89), o uso de *no entanto* como advérbio de reforço.

(89) Advérbio de reforço

Este ano é escasso de café, ano de nenhum lucro, mas **no entanto** tenho um colheitão com o qual espero enterrar os últimos cadáveres. (20CE-C, p.7)

Nessa ocorrência, *no entanto* reforça o argumento expresso pela conjunção *mas* que o lucro será bom, embora o café esteja escasso. Como os demais itens, *no entanto* também

apresenta uma frequência muito baixa como advérbio de reforço, como diagnosticamos na tabela 14.

Em seu uso juntivo, segue a ocorrência de *no entanto* em (90).

(90) **Advérbio juntivo Adversativo**

Vamos ver lá em cima. Está aí uma prova que era o Diabo! se vê que a casa é habitada e **no entanto** não tem ninguém. (20GN, p.148)

Na ocorrência (90), *no entanto* ocupa posição medial e estabelece a relação de contraste entre dois argumentos opostos, *a casa estar habitada e não ter ninguém na casa*.

Por fim, em (91), temos exemplificado o uso conjuncional de *no entanto*.

(91) **Conjunção Adversativa**

Os meninos ficaram num canto batendo papo, e as meninas, no canto oposto, dançando, às vezes, mas entre si. **No entanto**, no fim da tarde, os dois grupos se aproximaram. (21FSP, mar.03)

O juntivo *no entanto*, nessa ocorrência, ocupa posição inicial, articulando, assim, sintaticamente as orações, e estabelece também a relação semântica de adversatividade. Essa relação se dá entre a conclusão da primeira oração de que cada grupo (meninos e meninas) ficou num canto e a conclusão da segunda oração, em direção oposta, de que eles se aproximaram.

Para verificarmos as posições sintáticas ocupadas por *no entanto* na oração, apresentamos, na tabela 15, o percentual de ocorrências em cada uma das posições sintáticas – inicial, medial e final.

Posição/categoria		Percentual
Inicial	Advérbio	2 (6,9%)
	Conjunção	12 (41,4%)
Medial	Advérbio	2 (6,9%)
	Advérbio juntivo	13 (44,8%)
Total		29 (100%)

Tabela 15: Frequência das posições sintáticas de *no entanto* na história do português (séc. XIII a XXI).

A partir da tabela 15, constatamos que há certo equilíbrio na frequência de *no entanto* em posição inicial (41,4%) e medial (44,8%), independentemente do valor semântico que assume. Observe-se ainda que, diferentemente dos outros itens, não se registram usos de *no entanto* em posição final.

No cruzamento *categoria* e *século*, no gráfico 12, podemos confirmar essa afirmação.

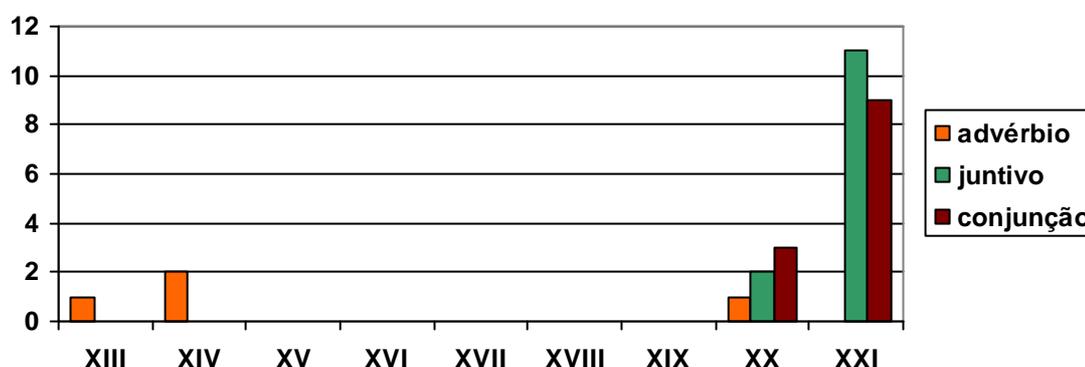


Gráfico 12: O desenvolvimento categorial de *no entanto* do século XIII ao XXI

O uso como advérbio aparece com frequência muito baixa, em todos os séculos em que ocorre. No século XX e XXI, as frequências como advérbio juntivo e como conjunção estão, praticamente, equiparadas, caracterizando, assim, uma possível passagem do estágio B (advérbio juntivo) para o estágio C (conjunção). Sendo assim, uma possível escala de gramaticalização de recategorização do item seria a que segue em (92).

(92) **ADVÉRPIO** > **ADVÉRPIO JUNTIVO** > **(CONJUNÇÃO)**

Quanto aos *types* semânticos, *no entanto* atualiza quatro *types* – fórico, temporal, reforço e adversativo –, como demonstrado na tabela 14. Agora, no gráfico 13, apresentamos a distribuição desses *types* pelos séculos em que *no entanto* ocorre.

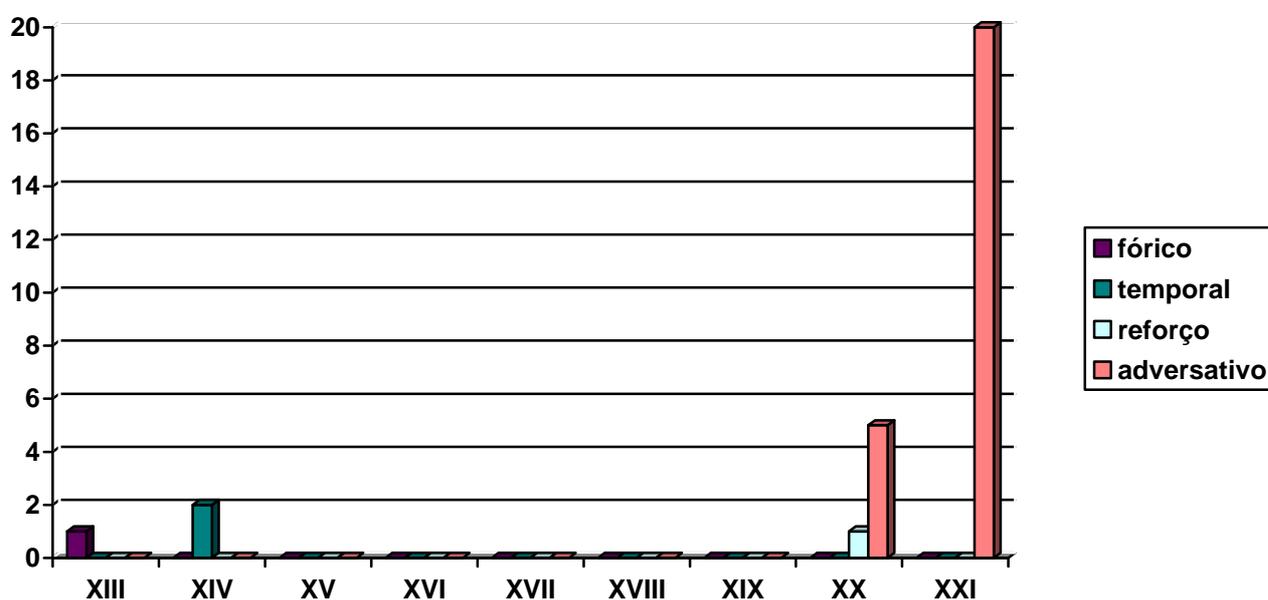


Gráfico 13: Os valores semânticos de *no entanto* dos séculos XIII ao XXI

Como afirmamos anteriormente, o fato de não termos encontrado ocorrências entre os séculos XV a XIX não nos permite afirmar como se deu exatamente a mudança semântica de *no entanto* de temporal para adversativo, o que será possível de projetar somente no cotejo entre os processos de mudanças de cada um dos itens. Diante do gráfico 13, constatamos que os usos fórico e temporal ocorrem nos séculos XIII e XIV, respectivamente. No século XX e XXI, identificamos apenas usos de *no entanto* como adversativo e como reforço de um outro item adversativo, esta última função verificada em apenas uma ocorrência do século XX. Com

base em processos de abstratização, uma possível escala de gramaticalização das funções semânticas de *no entanto* seria a dada em (93).

(93) **FÓRICO** > **TEMPO** > **REFORÇO** > **ADVERSATIVO**

Como vimos nos demais itens analisados, o fator *presença de negação* se apresentou relevante para explicar a instauração do valor adversativo. Sendo assim, é possível que esse fator também tenha favorecido o processo de mudança semântica de *no entanto*. Na tabela 16, apresentamos os percentuais de uso de *no entanto* em contextos de negação na primeira e na segunda oração.

Contexto Negativo	Frequência
Negação na primeira oração	7 (43,8%)
Negação na segunda oração	9 (56,2%)
Total	16 (100%)

Tabela 16: O uso de *no entanto* em presença de elemento de negação ao longo da história do português (séc XIII a XXI)

Para *no entanto*, o fator *presença de negação* também se mostrou relevante, uma vez que 55,2% (16/29) das ocorrências investigadas se encontram em contexto de negação. Dessas 16 ocorrências, 56,2% tem o elemento de negação na segunda oração e 43,8%, na primeira. Diante desse percentual expressivo apresentado pelo uso de *no entanto* em contexto de negação, pode-se concluir que esse é um fator significativo para a mudança semântica que deve ter sido instaurada durante as sincronias em que não encontramos, no *corpus*, ocorrências.⁵ Na ocorrência (93), exemplificamos o uso de *no entanto* em contexto de negação.

⁵ Barreto (1999) encontra ocorrências de *no entanto* (*entanto*) nos séculos XVI e XX, mas a autora não explicita quais os valores encontrado em cada um dos séculos.

- (94) Parabenizo os repórteres Alencar Izidoro e Aureliano Biancarelli pela reportagem "Estado reduz passe livre a doentes" (Cotidiano, 29/10), por meio da qual conseguiram explicar e transmitir com fidelidade o objetivo da resolução que trata da concessão de gratuidade aos portadores de deficiência no transporte coletivo metropolitano. **No entanto** gostaria de registrar também que, infelizmente, não é possível fazer o mesmo comentário em relação ao título da reportagem, que, no meu entender, transmite a idéia equivocada de que o Estado esteja cometendo uma injustiça. (21FSP, nov.03)

Na ocorrência acima, a segunda oração – “**no entanto** gostaria de registrar também que, infelizmente, não é possível fazer o mesmo comentário em relação ao título da reportagem, que, no meu entender, transmite a idéia equivocada de que o Estado esteja cometendo uma injustiça” –, nega, por meio de *no entanto*, do prefixo *-in* e do elemento de negação *não*, a conclusão da primeira oração – Alencar Izidoro e Aureliano Biancarelli fizeram uma reportagem totalmente fiel ao fato.

Quanto aos usos adversativos de *no entanto*, observamos as diferentes estratégias argumentativas usadas nos séculos XX e XXI, em que há ocorrências adversativas do item. Os resultados se encontram na tabela abaixo.

Estratégias argumentativas	XX	XXI	Total
contra-argumentação	3	11	14 (53,8%)
compensação (acréscimo de informação)	1	5	6 (23%)
negação de inferência	-	3	3 (11,5%)
direção independente (acréscimo de novo argumento)	1	-	1 (3,9%)
oposição	1	-	1 (3,9%)
direção independente (acréscimo de novo foco)	-	1	1 (3,9%)
Frequência <i>token</i>	6	20	26 (100%)
Frequência <i>type</i>	4	4	6

Tabela 17: Estratégias argumentativas de *no entanto* (adversativo) dos séculos XX e XXI

Para *no entanto*, a estratégia argumentativa que apresentou alta frequência foi, como para os demais itens, a contra-argumentação, com 53,8%. Tanto no século XX como no XXI,

o item é usado em quatro estratégias, sendo que a de contra-argumentação e a de compensação por acréscimo de novo argumento ocorrem nos dois séculos. Em (94), temos uma ocorrência exemplificativa da estratégia de contra-argumentação.

- (95) Com base em fatores como a imensa riqueza petrolífera e elevadas reservas internacionais, agências conferiram aos russos o "investment grade", status de pouquíssimo risco. Do ponto de vista estritamente financeiro, a decisão faz sentido.
Se esse "upgrade" **no entanto** significa também que o país disporia de estabilidade e transparência institucional em níveis suficientes para tranquilizar os donos do dinheiro volátil global, a avaliação é duvidosa. (21FSP, nov.03)

Em (95), no primeiro período, a relação de contra-argumentação é estabelecida no domínio epistêmico, pois o fato de o investimento ser rentável do ponto de vista financeiro favorece a conclusão de que o investimento não apresente nenhum risco. Essa conclusão se choca com a informação da segunda oração, de que o investimento apresenta riscos.

4.2.5. Porém

O advérbio juntivo *porém*, segundo Hoauiss (2001), tem uso datado a partir do século XIII sob a forma *poren*. Segundo Said Ali (1964), *porém* advém do advérbio latino *proinde* e da sua forma abreviada *proin*, ambos com o sentido de “por isso”. Na linguagem da Renascença, segundo o autor, *porém* passa por uma transformação semântica, deixando de significar “por isso”, “por essa razão” e passando a significar “mas”, “apesar disso”, “contudo”, ou seja, deixa de expressar a noção de causa para denotar oposição de ideias. Além da transformação semântica, *porém* deixa de ser um advérbio e passa a funcionar como conjunção.

Nos textos investigados, encontramos as seguintes grafias: *porende*, *poren*, *por em*, *porẽ* e *porém*. A grafia atual é encontrada já em textos do século XIII.

O comportamento da frequência *token* de *porém* nos séculos XIII a XXI é ilustrado no gráfico 14. A partir desse gráfico, observamos que *porém* aumenta de frequência *token* em dois momentos, durante os séculos XIII a XV e durante os séculos XVII a XX. O declínio entre o século XV e XVI pode estar relacionado ao processo de constituição do valor adversativo por que o item estava passando. Pode também, segundo Mattos e Silva (1984), estar relacionado ao desuso de *pero*, conjunção que apresenta a mesma trajetória sintático-semântica de *porém*, no português. Já o declínio entre o século XX e XXI, como já foi explicado anteriormente, pode estar relacionado ao *corpus* jornalístico que foi utilizado na pesquisa.

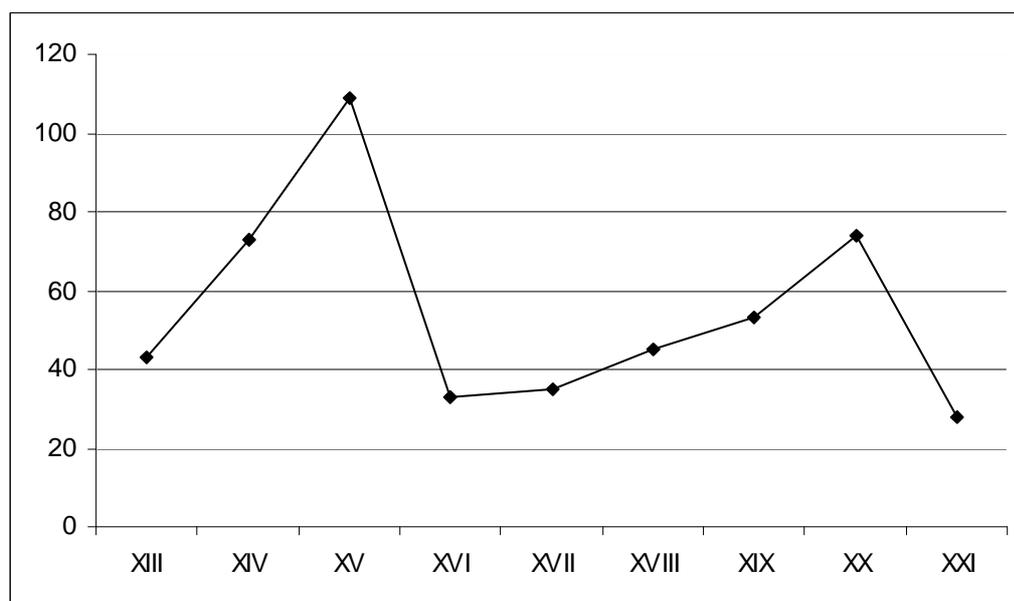


Gráfico 14: Frequência *token* de *porém* do século XIII ao XXI

Na tabela 18, à página seguinte, apresentamos as frequências *token* e *type* de *porém* nos séculos investigados.

Frequência <i>token</i>	Frequência <i>type</i>		
493	04		
	Categoria	Valor semântico	Totais
	Conjunção (33,6%)	Conclusivo-explicativa	23 (4,7%)
		Ambígua: conclusivo-explicativa/ adversativa	3 (0,6%)
		Adversativa	140 (28,3%)
	Advérbio juntivo (54%)	Conclusivo-explicativo	92 (18,7%)
		Ambíguo: conclusivo-explicativo/ adversativo	3 (0,6%)
		Adversativo	171 (34,7%)
	Advérbio (12,4%)	Conclusivo-explicativo	46 (9,4%)
		Reforço	15 (3%)
	Total		493 (100%)

Tabela 18: Frequências *token* e *type* totais de *porém* na história do português (séc XIII a XXI)

Como se pode verificar na tabela acima, *porém* apresenta um total de 493 ocorrências entre os séculos XIII a XXI, distribuídas em 3 *types sintáticos* – advérbio, 12,4%, advérbio juntivo, 54%, conjunção, 33,6%. Em relação aos *types semânticos* desempenhados por *porém*, há quatro *types* – conclusivo explicativo (32,8%), adversativo (63%), ambíguo (1,2%) e reforço (3%) –, distribuídos da seguinte maneira: o *type* conclusivo-explicativo ocorre predominantemente como advérbio juntivo (18,7%) e ocorre também como conjunção (4,7%) e como advérbio (9,4%); o *type* adversativo ocorre como conjunção (28,3%) e predominantemente como juntivo (34,7%); o *type* ambíguo ocorre na mesma frequência, 0,3%, tanto como conjunção quanto como advérbio juntivo; e o *type* reforço de um outro juntivo de mesmo valor ocorre como advérbio (1,5%).

Como se pode observar a partir dos percentuais apresentados na tabela 18, o *type* adversativo ocorre predominantemente no *corpus* investigado, correspondendo a 63% das ocorrências encontradas. Embora o uso como juntivo adversativo ainda detenha a maior percentagem, 34,7%, o uso como conjunção adversativa já apresenta frequência próxima da desse uso juntivo, 28,3%. Diante desses percentuais de usos adversativos e de uso como advérbio juntivo e como conjunção, podemos inferir que tanto a mudança semântica quanto a mudança sintática se encontram avançadas, em favor do uso adversativo e conjuncional, respectivamente, como veremos nas análises a seguir.

De (96) a (103), são apresentadas ocorrências exemplificativas de *porém* em cada um dos *types* sintático-semânticos.

(96) **Advérbio conclusivo-explicativo**

E quẽ quer que contra isto ueer ou fazer algũa cousa moyra **porende** e nõ seya leyxado uiuo. (13FR, p.4)

(97) **Reforço Adverbial**

As gallees d'Aragom como souberom que el-rrei de Castella desarmara a frota, desarmarom elles trinta gallees suas, e leixarom dez que andassem pello mar por fazer damno a algũs navios de Purtugall ou de Castella; e foi assi que o fezerom a algũs, mas poucos **porém**, e em pequenos navios. (15CDP, p.45)

(98) **Advérbio juntivo conclusivo-explicativo**

Esto foy quando o poboo de Ysrrael, que saya do Egito, duuidava entrar pelo mar ruyvo; e o tribo de Judá entrou primeiro depos Moyses, e **porem** mereceu o Reino. (14BMP, p.54)

(99) **Advérbio juntivo adversativo**

Não sei se poderei realizar, como tenho desejo, a exposição dogmatica das minhas idéas philosophicas. Quizera concentrar n'essa obra suprema toda a actividade dos annos que me restam a viver. Desconfio, **porém**, que não o conseguirei... (19CAQ, p.8)

(100) **Advérbio juntivo conclusivo-explicativo/adversativo**

O dia em que el Rey auia dauer sua rreposta, foi assiñado aaquelles senhores e leterados, no quall cada huu disse sua entemçom, segundo a camtjidade de seu entemder e saber, nom **porem** afastados de huu proposito. (15CTC, p.9)

(101) **Conjunção conclusivo-explicativa**

Porque semelhante amor quall el-rrei dom Pedro ouve a dona Enes rraramente he achado em algũa pessoa, **porém** disserom os antiigos que nẽhũu he tam verdadeiramente amado como aquell cuja morte nom tira da memoria o grande espaço do tempo. (15CDP, p.77)

(102) **Conjunção adversativa**

Além disso, Deus também afirmou que nós deveríamos "crescer e nos multiplicarmos". **Porém** a própria igreja não segue essa afirmação divina ao exigir celibato para os padres. (21FSP, dez.04)

(103) **Conjunção conclusivo-explicativa/adversativa**

– Razõ darás a Deus da mha alma e a ti seera referida maldade de meus pecados se mi perlongares o baptismo, ca temo que per esta demorança caya em mãos daquel de que quero fogir e de cabo meter-m'ia a alma em seus laços. Eu fui maa e torpe e que deitey muyto ao mundo.(...) **Porem** te rogo que me faças outra vez nacer pela agua do sancto babtismo e dê-me em oferta a Deus. (14FS, p.19)

Na ocorrência exemplificativa (96), *porém* é usado com seu valor latino de origem, podendo ser parafraseado por *por isso*. É considerado advérbio fórico que traz uma circunstância de causa que predica sobre o verbo *moyra* (morra). Essa circunstância é estabelecida a partir da relação de foricidade do item que recupera o enunciado anterior – *e ver ou fazer alguma coisa contra isso*.

Em (97), *porém* reforça o argumento defendido por meio da conjunção adversativa *mas* que o ataque a navios de Portugal ou Castela foi feito, mas, ao contrário de que o interlocutor esteja pensando, foi feito a poucos e pequenos navios. Esse uso, como demonstrado na tabela 18, corresponde apenas a 3% do total de ocorrências encontradas.

Porém, em (98), ocupa posição medial, precedido da conjunção *e*, e estabelece a relação de conclusivo-explicativa entre os dois enunciados: a tribo de Judá e Moisés foram as primeiras a entrar no Mar Vermelho; logo mereceram o reino.

Na ocorrência (99), *porém* ocupa posição medial e estabelece apenas a relação semântica adversativa, enquanto a relação sintática acontece por justaposição. O argumento defendido pelo locutor é que, embora ele queira se dedicar a tal atividade todos os anos que ele ainda viverá, ele acredita que ele não conseguirá. A conclusão de não conseguir fazer tal atividade é contrária à conclusão de que ele irá fazer, uma vez que é algo a que ele almeja.

Em (100), *porém* ocupa posição medial e permite duas leituras, uma conclusivo-explicativa e outra, adversativa. Essa ambiguidade ocorre devido à presença do elemento negativo *não*, que faz com que interpretemos o enunciado como “não por isso afastados de um propósito” (= o fato de os senhores e literatos terem dito sua intenção de acordo com o quanto entendia e sabia, não os afastaram por isso de um propósito). Segundo Said Ali (1964), esse contexto que permite a interpretação por *não por isso, nem por isso* foi o ponto de contato para *porém* adquirir valor adversativo. Numa leitura conclusivo-explicativa, a possível interpretação a ocorrência é que *os senhores e literatos não estão afastados de um propósito pelo fato de terem dito suas intenções segundo seu entender e saber*. Na leitura adversativa, por sua vez, temos que *embora os senhores e literatos tenham dito suas intenções segundo seu entender e saber, eles não estão afastados de um propósito*.

Em (101), o uso de *porém* é considerado conjuncional, pois o item ocupa posição inicial, promovendo articulação sintática e semântica. A leitura como conclusivo-explicativo é estabelecida a partir do fato de que, no primeiro enunciado, é exposto “o amor raro que Dom Pedro sentia por Dona Inês, que está morta” para, no segundo argumento, por causa de amor entre Dom Pedro e Dona Inês, “os antigos dizem que ninguém ama como aquele que a morte não tira da memória o grande espaço do tempo”.

Em (102), ocorrência exemplificativa da sincronia atual, *porém* ocupa posição inicial, estabelecendo a relação sintática e semântica entre os dois enunciados. A leitura adversativa advém da contra-argumentação que há entre o fato de *Deus afirmar que nós devemos crescer e multiplicar e a igreja, representante de Deus na terra, não seguir essa afirmação divina ao exigir o celibato para os padres*.

Na ocorrência dada em (103), *porém* ocupa posição inicial e permite duas interpretações, uma, conclusivo-explicativa, em que o fato de o locutor ter sido uma pessoa má, desprezível e que se entregou a uma vida mundana é a razão pela qual ele roga a Deus

que o faça nascer pela água do santo batismo; outra, adversativa, decorre da seguinte leitura: *embora ele tenha sido uma pessoa má, desprezível e que se entregou a uma vida mundana, ele roga a Deus que o faça nascer de novo pela água do batismo.*

Na tabela 19, expomos o percentual de ocorrências em cada uma das posições sintáticas – inicial, medial e final – ocupadas por *porém*.

Posição/categoria		Percentual
Inicial	Advérbio	1 (0,2%)
	Advérbio juntivo	3 (0,6%)
	Conjunção	166 (33,7%)
Medial	Advérbio	42 (8,5%)
	Advérbio juntivo	257 (52,1%)
Final	Advérbio	18 (3,7%)
	Advérbio juntivo	6 (1,2%)
Total		493 (100%)

Tabela 19: Frequência das posições sintáticas de *porém* na história do português (séc. XIII a XXI)

Diante dos percentuais apresentados nessa tabela, constatamos que *porém* ocorre predominantemente na posição medial como advérbio juntivo, 52,1%, seguida da posição inicial como conjunção, 33,7%. Isso nos permite concluir que *porém* já se encontra num estágio de mudança sintática avançado em favor da cristalização na posição inicial, típica das conjunções prototípicas. Uma análise minuciosa dessa constatação pode ser feita pelo cruzamento dos fatores *categoria* e *século*, como se observa no gráfico 15.

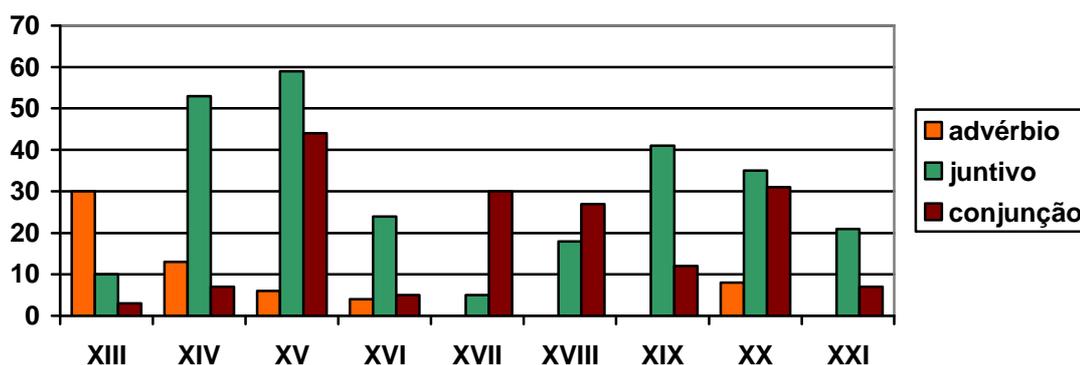


Gráfico 15: O desenvolvimento categorial de *porém* do século XIII ao XXI

O que se pode constatar, a partir do gráfico 15, é que o uso adverbial, durante os séculos XIII a XVI, vai diminuindo, paulatinamente, desaparecendo durante os séculos XVII e XVIII, e reaparecendo, timidamente, no século XX na função de reforço adverbial, como veremos no gráfico 16.

Entre os séculos XIII e XVI e no século XX, há o convívio das três categorias – advérbio, advérbio juntivo e conjunção. Nos séculos XVII e XVIII, há um percentual maior de usos conjuncionais, em relação aos usos juntivos, o qual diminui ao final do período investigado. Embora haja essa oscilação entre o uso juntivo e o conjuncional, pode-se dizer que a mudança, em favor de um uso também conjuncional, se instaura, de fato, a partir do século XVII, em que usos estritamente adverbiais se tornam raríssimos.

Diante dos resultados apresentados, uma possível escala de gramaticalização das categorias de uso de *porém* seria a dada em (104).

(104) **ADVÉRPIO** > **ADVÉRPIO JUNTIVO** > **(CONJUNÇÃO)**

Quanto ao aspecto semântico de *porém*, na tabela 18, constatamos que *o item* apresenta quatro *types*: (i) conclusivo-explicativo, (ii) adversativo, (iii) ambíguo entre

conclusivo-explicativo e (iv) adversativo e reforço. No gráfico 16, apresentamos a distribuição dos valores semânticos de *porém* do século XIII a XXI.

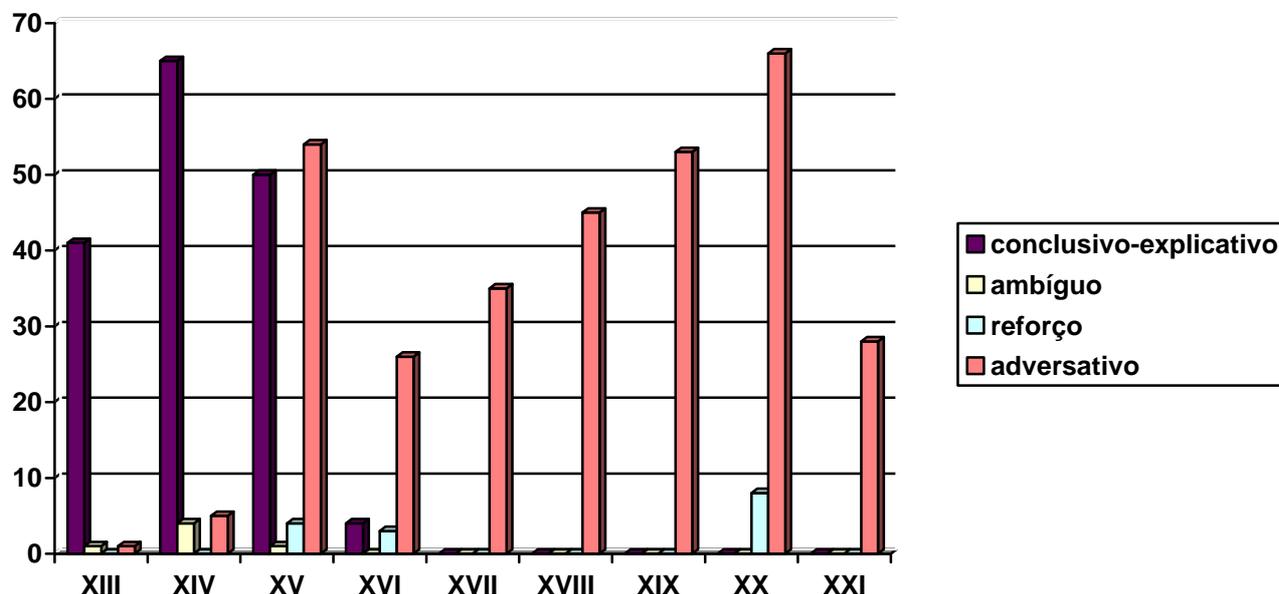


Gráfico 16: Os valores semânticos de *porém* dos séculos XIII ao XXI

Como se observa, no gráfico 16, o valor original de *porém*, conclusivo-explicativo, ocorre até o século XVI, que, segundo Mattos e Silva (1984), foi o século em que *porém* se tornou adversativo e deixou de ser usado como conclusivo-explicativo. No *corpus* investigado, pode-se reconhecer o período dos séculos XIII ao XVI como o estágio de polissemia de *porém*, durante o qual se verificam todos os valores semânticos por ele experimentado. É a partir do século XVII que este estágio termina e que o item assume valor apenas adversativo. Depois de instaurada a mudança semântica do item, o uso adversativo aumenta a sua frequência entre os séculos XVI a XX, diminuindo no século XXI, devido ao fato da preferência por *mas* no texto jornalísticos, como já mencionado. Uma possível escala de gramaticalização das funções semânticas de *porém* seria:

(105) **CONCLUSIVO-EXPLICATIVO > AMBÍGUO/REFORÇO > ADVERSATIVO**

A mudança semântica, explicitada em (104), pode ser explicada por um viés metonímico ou metafórico. Pela metonímia, a proposta defendida por Said Ali (1964, p.187) de que “o ponto de contacto entre situações tão diversas está nas frases negativas, e foi naturalmente por elas que principiou a transição semântica”, é comprovada, como veremos na tabela 20.

Contexto Negativo	Frequência
Negação na primeira oração	70 (31,2%)
Negação na segunda oração	141(63%)
Negação nas duas orações	13 (5,8%)
Total	224 (100%)

Tabela 20: O uso de *porém* em presença de elemento de negação ao longo da história do português (séc XIII a XXI)

O uso de *porém* em contexto negativo corresponde a 45,4% das ocorrências investigadas. Com base nesses percentuais, o uso de *porém*, em contextos negativos, favoreceu a assimilação, via metonímia, do valor de negação, passando a expressar a negação do que tinha sido dito anteriormente. Em (105), apresentamos uma ocorrência que exemplifica esse contexto.

- (106) Esta imperfeita execução da referida Lei durou até 9 de Março de 1832, época em que o Governo , autorizado pelo Artigo 15 § 2.º da Lei de 15 de Novembro de 1831 , reformou a Academia pelos Estatutos daquela data. Então forão reunidas as duas Academias Militar , e de Marinha , segregando-se a maior parte do Curso philosophico , e creando-se Cadeiras de Construcção terrestre e naval : não se achando **porém** conveniente a referida reunião , por Decreto de 22 de Outubro de 1833 se separárão de novo as duas Academias, conservando-se os Estatutos relativos á Militar , mas consideravelmente contrahidos. (19RNG, p.8)

Em (106), a relação adversativa é estabelecida entre ter feito a união da Academia Militar e da Marinha e a não conveniência dessa união. O uso do elemento *não*, na segunda oração, nega a inferência de que essa união feita anteriormente tivesse sido conveniente. O uso de *porém*, já como adversativo, colabora para estabelecer essa relação lógico-argumentativa.

Estratégias argumentativas	XIII	XIV	XV	XVI	XVII	XVIII	XIX	XX	XXI	Total
contra-argumentação	-	3	31	10	13	14	23	34	9	136 (42%)
negação de inferência	-	1	11	11	10	2	8	6	3	52 (16%)
direção independente (acréscimo de novo argumento)	-	-	3	5	3	8	11	5	4	39 (12%)
direção independente (acréscimo de novo foco)	-	1	2	1	4	4	4	10	4	30 (9,2)
restrição (acréscimo)	-	-	4	-	4	7	2	1	1	19 (5,8)
restrição (pedido de informação)	-	-	-	-	-	4	-	3	-	7 (2,1)
restrição (refutação)	-	-	1	-	-	-	-	3	-	4 (1,2)
oposição	-	-	2	-	-	-	1	1	3	7 (2,1)
marcador de surpresa	-	-	2	-	-	-	1	2	1	6 (1,9)
direção independente (acréscimo de novo tema)	-	-	-	-	-	1	1	1	1	4 (1,2)
compensação (acréscimo de informação)	1	1	1	-	1	5	1	5	2	17 (5,2)
compensação (exclusão de informação)	-	-	2	-	-	-	-	1	-	3 (0,9)
compensação (substituição de informação)	1	-	1	-	-	-	1	-	-	3 (0,9)
Frequência <i>token</i>	2	6	60	27	35	45	53	72	28	326 (100)
Frequência <i>type</i>	2	4	11	4	6	8	10	12	9	13

Tabela 21: Frequência *token* e *type* totais de *porém* (adversativo) na história do português (séc XIII a XXI)

Como se verifica na tabela 21, a estratégia mais recorrente, na análise frequencial, como ocorreu nos demais itens, é a de contra-argumentação, usada em 42% das ocorrências investigadas. Na análise por século, observamos que o aumento das manobras argumentativas e o aumento da frequência *token* de *porém* é diretamente proporcional, corroborando com a hipótese de Bybee (2003) e Heine e Kuteva (2007). Observe-se a esse respeito que a tendência de fato é a de que maior é o número de funções quando é maior o número de ocorrências, como mostram os séculos XV (11/60), XIX (10/53) e XX (12/72).

Em (109), exemplificamos o uso de *porém* na estratégia de contra-argumentação.

- (109) E foram conversar na porta do Comércio e Indústria, à espera dos jornais. Só que agora estavam de cima, já bem menos numerosos, **porém**, mais vivazes e argumentadores, por gozarem das regalias da posição de oposição. (20GN, p.169)

Nessa ocorrência, estabelece-se a relação de contra-argumentação entre a conclusão que se faz a partir do primeiro enunciado – de que como eles estavam em uma quantidade menor, eles não seriam tão argumentadores – e a conclusão do segundo – de que eles, pelo contrário, são mais vivazes e argumentadores. A conclusão final tende para a conclusão defendida no segundo enunciado.

4.3. Grupo de fatores pouco relevantes na análise dos juntivos

Na análise apresentada para *porém*, *contudo*, *entretanto*, *todavia* e *no entanto*, na seção 4.2, alguns grupo de fatores não foram analisados, por se mostrarem pouco relevantes, uma vez que não serviram para diferenciar funções semânticas e categorias. Esses grupos são: nível de articulação, tipo de negação e correlação modo-temporal entre as orações.

O grupo de fator *nível de articulação* apresentou como altamente frequente, para todos os juntivos, o fator *sentenças ou porções textuais independentes*. Abaixo, nas tabelas (22) e (23), exemplificamos a frequência *token* extraída do cruzamento dos grupos *nível de articulação X função semântica* e *nível de articulação X categoria*, respectivamente.

Item	Função semântica	Nível de articulação				Total
		SI	SD	T	M	
Porém	concl.-expl.	109 (94%)	7 (6%)	-	-	116 (100%)
	ambíguo	6 (100%)	-	-	-	6 (100%)
	reforço	14 (100%)	-	-	-	14 (100%)
	adversativo	309 (98,8%)	2 (0,6%)	1 (0,3%)	1 (0,3%)	313 (100%)
Contudo	conclusivo	5 (100%)	-	-	-	5 (100%)
	fórico	4 (100%)	-	-	-	4 (100%)
	ambíguo	4 (100%)	-	-	-	4 (100%)
	reforço	2 (100%)	-	-	-	2 (100%)
	adversativo	35 (89,7%)	3 (7,7%)	-	1 (2,6%)	39 (100%)
Todavia	modo I	-	-	-	-	-
	modo II	-	-	-	-	-
	ambíguo	1 (50%)	1 (50%)	-	-	2 (100%)
	reforço	2 (100%)	-	-	-	2 (100%)
	adversativo	26 (89,6%)	3 (10,4%)	-	-	29 (100%)
No entanto	fórico	-	-	-	-	-
	temporal	-	-	-	-	-
	reforço	1 (100%)	-	-	-	1 (100%)
	adversativo	25 (100%)	-	-	-	25 (100%)
Entretanto	lugar figurado	-	-	-	-	-
	temporal	-	1 (100%)	-	-	1 (100%)
	adversativo	62 (91,2%)	6 (8,8%)	-	-	68 (100%)

Tabela 22: As funções semânticas dos juntivos distribuídas nos níveis de articulação

De acordo com os percentuais apresentados na tabela acima, concluímos que não há nenhuma distinção entre função semântica e nível de articulação, pois, em todas as funções, a articulação predominante é entre *sentenças ou porções textuais independentes*. Em relação ao

item *porém*, embora a articulação que predomine é a já apontada para os outros itens, esse item, na função adversativa, apresenta os quatro tipos de articulação, o que permite concluir que, devido ao estágio de gramaticalização avançado, em relação às categorias semânticas, o item não impõe restrição, quanto ao nível de articulação.

Item	Categoria	Nível de articulação				Total
		SI	SD	T	M	
Porém	ADV	15 (100%)	-	-	-	15 (100%)
	JUN	256 (96,6%)	9 (3,4%)	-	-	265 (100%)
	CONJ	165 (98,8%)	-	1 (0,6%)	1 (0,6%)	167 (100%)
Contudo	ADV	7 (100%)	-	-	-	7 (100%)
	JUN	28 (87,5%)	3 (9,4%)	-	1 (3,1%)	32 (100%)
	CONJ	15 (100%)	-	-	-	15 (100%)
Todavia	ADV	2 (100%)	-	-	-	2 (100%)
	JUN	18 (81,8%)	4 (18,2%)	-	-	22 (100%)
	CONJ	9 (100%)	-	-	-	9 (100%)
No entanto	ADV	1 (100%)	-	-	-	1 (100%)
	JUN	13 (100%)	-	-	-	13 (100%)
	CONJ	12 (100%)	-	-	-	12 (100%)
Entretanto	ADV	-	1 (100%)	-	-	1 (100%)
	JUN	39 (86,7%)	6 (13,3%)	-	-	45 (100%)
	CONJ	23 (100%)	-	-	-	23 (100%)

Tabela 23: As categorias sintáticas dos juntivos distribuídas nos níveis de articulação

Diante dos percentuais apresentados na tabela 23, também constatamos a pouca relevância do nível de articulação para distinção entre as categorias, ou seja, em todas as

categorias, os itens articulam, preferencialmente, *sentenças ou porções textuais independentes*.

Um outro grupo de fator que não se mostrou relevante foi *tipo de negação*, pois a maioria dos casos de negação ocorre com negação explícita, como pode ser observado na ocorrência exemplificativa (110).

(110) Além disso, Deus também afirmou que nós deveríamos "crescer e nos multiplicarmos". **Porém** a própria igreja não segue essa afirmação divina ao exigir celibato para os padres.

Em (110), a negação ocorre na segunda oração e é explicitada por meio do elemento negativo *não* que, juntamente com *porém*, estabelece a relação de negação de inferência.

Quanto ao grupo *correlação modo-temporal entre as orações*, encontramos mais de 60 correlações para todos os itens considerados, o que dificulta expor os dados estatísticos para cada um dos itens. Entretanto o que observamos de comum entre eles é que prevalece, em todos os casos, a correlação *presente do indicativo com presente do indicativo*, que pode ser explicada pela seguinte formulação de base icônica: a marcação temporal dos enunciados articulados reflete o tempo da articulação dos argumentos, ou seja, o momento sempre presente do ato de fala.

Em relação às diferentes correlações encontradas, podemos concluir que, por estarem avançando na escala de gramaticalização rumo a uma função adversativa, os itens, em geral, não impõem restrições sobre a correlação modo-temporal, embora haja uma tendência de articular dois enunciados no presente do indicativo, respeitando-se o caráter de maior subjetivização desses usos adversativos, como quisemos expressar com a formulação expressa no parágrafo anterior.

4.4. Análise comparativa de *porém*, *contudo*, *todavia*, *entretanto* e *no entanto*

Na seção 4.2, analisamos os itens adversativos, a fim de deprendermos o processo de mudança sintática, semântica e pragmática desses itens nas sincronias investigadas. Para tanto, levamos em consideração vários fatores que permitiram investigar a mudança. Nesta seção, cumprindo um dos objetivos deste trabalho, apresentamos análise comparativa que permite averiguar a ordem de emergência do uso conjuncional dos itens investigados, para, num segundo momento, propormos uma escala de gramaticalidade onde eles possam ser situados. Para essa análise, consideraremos dois fatores principais: relação semântico-discursiva e categoria do item.

No gráfico 17, abaixo, apresentamos, conjuntamente, os itens investigados, a fim de compararmos os diferentes comportamentos ao longo dos séculos estudados.

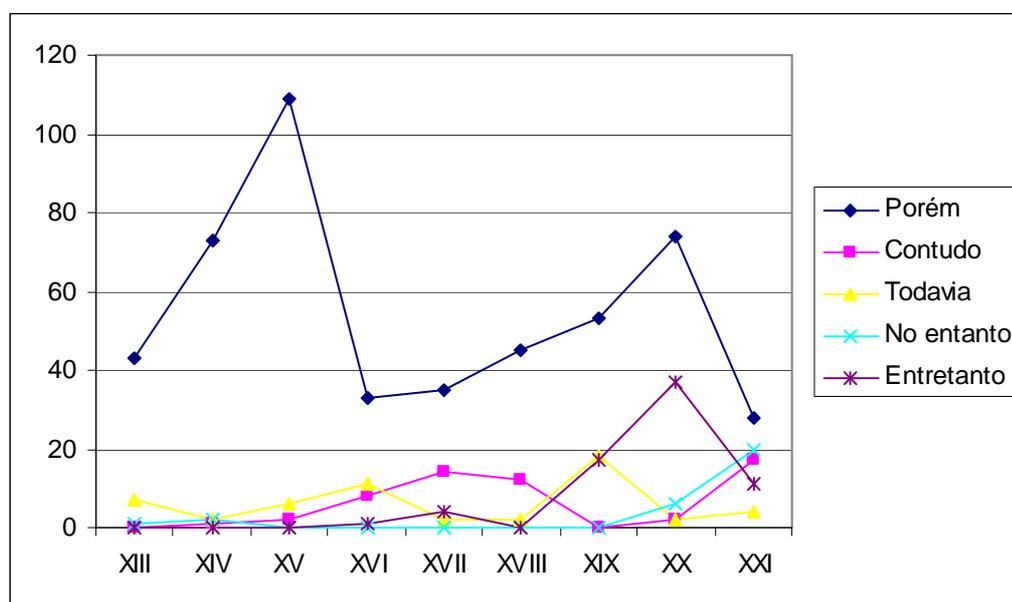


Gráfico 17: A trajetória dos itens investigados na história da língua portuguesa

Como se observa, *porém*, independentemente do valor contextual, é a forma que destaca das demais em todas as sincronias. As formas *contudo* e *todavia* se destacam timidamente, em termos de frequência, até o século XVIII. Em termos de frequência de uso, pode-se afirmar que a constituição do paradigma das adversativas, tal como ele se apresenta

no PB atual, é relativamente recente, mais especificamente, a partir do século XXI, uma vez que é somente neste século que as formas apresentam comportamento pouco mais equilibrado.

Uma análise minuciosa, conjuntamente, dos itens nos séculos investigados, levando em consideração sua categoria e função semântica, nos permitirá estabelecer o século em que o valor mais gramaticalizado – conjuncional adversativo – emergiu para cada item e a relação entre emergência do valor mais gramaticalizado e frequência de uso sincronicamente. Para tanto, vejamos a tabela 24, a seguir, que focaliza a categoria sintática e a relação adversativa de cada item.

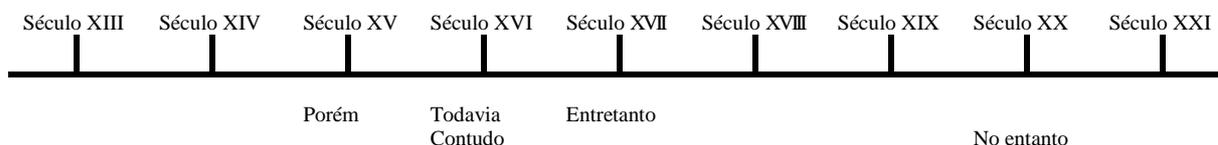
Item	Cat.	Séculos								
		XIII	XIV	XV	XVI	XVII	XVIII	XIX	XX	XXI
Porém	JUN	1	4	27	21	5	18	41	35	21
	CONJ	-	-	28	5	30	27	12	31	7
Contudo	JUN	-	1	-	3	7	2	-	1	14
	CONJ	-	-	-	1	4	3	-	1	2
Todavia	JUN	1	-	1	2	1	2	13	2	1
	CONJ	-	-	-	1	-	-	2	-	3
Entretanto	JUN	-	-	-	-	1	-	9	32	3
	CONJ	-	-	-	-	2	-	8	5	8
No entanto	JUN	-	-	-	-	-	-	-	2	11
	CONJ	-	-	-	-	-	-	-	3	9

Tabela 24: A relação adversativa para os diferentes itens na história da língua portuguesa

De acordo com os dados apresentados na tabela acima, observamos que o valor conjuntivo adversativo é o que mais se destaca para todas as formas. Há, no entanto, em alguns séculos, uma frequência maior do valor conjuncional adversativo, como se verifica para *porém* (séculos XV, XVII e XVIII), para *contudo* (século XVIII), para *no entanto* (século XX) e para *todavia* e *entretanto* (século XXI). A frequência maior do valor conjuncional adversativo em algumas sincronias pode evidenciar um processo de gramaticalização em curso, mais acelerado para alguns itens, como é o caso de *porém*, e mais lento para outros. A

partir dessas considerações e dos dados apresentados na tabela, uma possível escala da emergência do valor conjuncional adversativo é apresentada abaixo.

(111) Ordem de emergência do uso conjuncional adversativo



Se cruzarmos essas informações contidas na tabela 24 com a frequência de uso dos itens na sincronia atual,⁶ verificaremos que a relação *forma mais gramaticalizada – forma mais frequente*, postulada por Bybee (2003), precisa ser relativizada, no caso das adversativas. Comparemos, a esse respeito, a escala mostrada em (111) e a escala em (112) abaixo, que leva em conta a frequência do uso conjuncional dos itens no PB contemporâneo.

(112) Frequência do uso conjuncional adversativo no PB contemporâneo

PORÉM	>	ENTRETANTO	>	NO ENTANTO	>	CONTUDO, TODAVIA
38 ocorrências		13 ocorrências		12 ocorrências		3 Ocorrências

Como podemos verificar do confronto das duas escalas, o item *porém* é único adversativo a que se aplica a relação maior gramaticalidade, maior frequência de uso. Com os demais itens, ocorre exatamente o inverso, isto é, *contudo* e *todavia*, que são formas menos frequentes no PB contemporâneo, adquiriram valor conjuncional adversativo antes dos adversativos *entretanto* e *no entanto*, que são o segundo e o terceiro mais frequentes.

Diante desses resultados e da análise empreendida individualmente para os itens, concluímos que, no caso das adversativas, constatamos que a frequência no processo de mudança não seria a principal influência para a constituição do uso conjuncional adversativo.

⁶ Consideramos, aqui, sincronia atual os séculos XX e XXI.

Sendo assim, num primeiro momento, a emergência temporal dos usos mais gramaticalizados parece-nos plausível para explicar a gramaticalização dos itens adversativos na história do português, como ilustrada em (111).

A partir dessas conclusões, a escala (113) ilustra a gramaticalização dos conjuntivos adversativos na história do português.

(113) escala de gramaticalização dos itens adversativos na história do português.

PORÉM > **TODAVIA, CONTUDO** > **ENTRETANTO** > **NO ENTANTO**

Neves (1998), ao estabelecer a escala de gramaticalidade entre os adversativos, também considera *porém* como o mais gramaticalizado depois do prototípico *mas*, porém, para os demais itens, a autora não faz uma distinção na escala, apresentando-os conjuntamente. Essa falta de distinção entre os demais itens reconhecida por Neves e constatada por nós no confronto das escalas (112) e (113) leva-nos a ter de abrandar a conclusão dada na escala (113). Assim não parece sensato afirmar categoricamente a escala de gramaticalidade dos adversativos na história do português, uma vez que, por trabalharmos com dados efetivos da língua, a limitação do *corpus* é fator que influencia tanto na frequência de uso quanto na determinação temporal da constituição do valor conjuncional adversativo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na presente pesquisa realizamos um estudo concomitante e comparativo da gramaticalização dos advérbios *porém*, *contudo*, *todavia*, *entretanto* e *no entanto* na história do português, a fim de analisar a trajetória de mudança *advérbio* > *conjunção*, pela qual os itens estão passando, de apreender os elementos que colaboraram para o surgimento da leitura de oposição dos itens e, além disso, de identificar fatores semântico-discursivos envolvidos nesse processo, observando, principalmente, as diferentes estratégias veiculadas por esses juntivos no estabelecimento de relações lógico-argumentativas. Destacamos, sincronicamente, o grau de gramaticalidade desses juntivos.

No primeiro capítulo, fizemos uma explanação do arcabouço teórico que guiou o trabalho, expondo as diferentes concepções sobre gramaticalização; a distinção entre unidade lexical e gramatical; a necessidade de um tratamento não dicotômico de *sincronia* e *diacronia*, uma vez que a investigação do nosso trabalho é baseada na junção das duas perspectivas; o princípio da unidirecionalidade; os mecanismos de *metáfora*, *metonímia*, *reanálise* e *analogia*. Nesse capítulo, apresentamos também trabalhos anteriores (BARRETO, 1999, ROCHA, 2006 e LONGHIN-THOMAZI, 2009) que abordaram os juntivos adversativos ou conjuntamente, como os trabalhos de Barreto, 1999 e Rocha, 2006, ou alguns deles, como Longhin-Thomazi, 2009, que enfoca a os aspectos semânticos da mudança de *porém*.

Diante das concepções apresentadas no capítulo I, os resultados alcançados nesta pesquisa serviram para reafirmar a concepção mais clássica da gramaticalização compreendida como uma mudança gradual que ocorre, em determinados contextos, fazendo com que construções lexicais assumam funções gramaticais.

Dando continuidade a parte teórica do trabalho, no capítulo II, apresentamos a discussão que há na literatura acerca da proposta de incluir os juntivos estudados no rol das conjunções adversativas. De acordo com Neves (2000), *porém, contudo, todavia, entretanto e no entanto* são itens de caráter fluido que funcionam na oração como uma conjunção por estabelecer uma relação anafórica, mas não estão totalmente integrados ao paradigma das conjunções por não atenderem a determinadas propriedades. A esses itens, a autora dá o nome de *advérbios juntivos*, nomenclatura adotada nesse trabalho. Num segundo momento deste capítulo, abordamos o modo de articulação dentro das coordenadas, com enfoque nas coordenadas adversativas, apresentando um conjunto de características que permite definir uma estrutura coordenada adversativa, com base em Bally (1965), Carone (1988), Azeredo (1990), Perini (1995), Van Dijk (1977) e Dik (1989). Por fim, discutimos o tratamento da mudança semântica das conjunções, sob a perspectiva de Traugott e König (1991), Traugott (1982, 1999) e Sweetser (1990). Diante do ponto de vista desses autores, podemos concluir que os juntivos estudados são itens que estão seguindo a trajetória **textual** (valor anafórico) > **expressivo**. As postulações de Sweetser (1990) permitiram estabelecer uma discussão comparativa sobre o processo de mudança semântica de *todavia*, em português, *tuttavia*, em italiano e *anyway*, em inglês, a qual nos conduziu à conclusão de que o uso adversativo mais gramaticalizado de *todavia* é uma extensão do significado físico de *via*.

O capítulo III foi dedicado a relatar os procedimentos metodológicos desta pesquisa, começando pela composição dos *corpora*, constituído de textos de diversos gêneros dos séculos XIII a XXI. Os critérios de análise adotados foram apresentados em formato de *grupo de fatores* e consideraram aspectos formais e funcionais como: *relação semântico-discursiva; posição do item no enunciado; co-ocorrência com outros juntivos; funcionamento semântico-pragmático no valor adversativo; nível de articulação; presença e tipo de negação; correlação modo-temporal entre as orações; possibilidade de paráfrase por mas*. No final

deste capítulo, apresentamos nossa expectativa acerca dos fatores que permitiriam identificar e distinguir os usos adverbiais e conjuncionais dos itens.

Na análise de dados, primeiramente, foram descritos os aspectos sintáticos, semânticos e pragmáticos de cada item, focalizando a mudança de categoria, *advérbio* > *advérbio juntivo* (> *conjunção*), e a mudança semântica, a favor da constituição do valor adversativo. Das análises empreendidas, verificamos que o significado adversativo de *porém*, *contudo*, *todavia* se instaura antes do uso conjuncional adversativo, forma mais gramaticalizada que emerge primeiramente para *porém*, e depois para *contudo* e *todavia*, e, mais tardiamente, para *entretanto* e *no entanto*.

Uma hipótese levantada nesta pesquisa é a de que os juntivos adversativos adquiriram, primeiramente, valor adversativo, estabelecendo relação semântica entre orações, principalmente, em contextos em que co-ocorriam com conjunções prototípicas como *e* e *mas*, que, por serem consideradas conjunções por excelência, se responsabilizavam pela ligação sintática das orações. Levando em consideração essa hipótese, a trajetória de gramaticalização dos itens obedece à precedência da semântica sobre a sintaxe, corroborando postulados funcionalistas como os de Dik (1989) e Givón (1979).

As análises individuais de cada juntivo nos permitiram chegar à conclusão de que todos eles encontram-se em processo de gramaticalização, seguindo a trajetória *advérbio* > *advérbio juntivo* > *conjunção*. A análise comparativa dos itens baseada nos fatores *relação semântico-discursiva* e *classe categorial do item* nos permitiu verificar que *porém*, em todas as sincronias investigadas, se destacou como adversativo conjuncional, enquanto para os demais itens esse valor foi se estabelecendo mais tardiamente, ao longo dos séculos. Se considerarmos que o juntivo *no entanto* foi o último a adquirir o uso conjuncional adversativo, apenas no século XX, a constituição completa do paradigma das adversativas, em

termos de frequência de uso, como vimos no capítulo IV, atinge certo equilíbrio somente a partir do século XXI.

Na definição da escala de gramaticalidade dos juntivos adversativos, observamos que há um embate entre a frequência de uso dos itens e o surgimento do uso conjuncional adversativo para cada um deles. Se determinarmos a escala de gramaticalidade, a partir da hipótese defendida por Bybee (2003) de que a forma mais gramaticalizada é a mais frequente, teríamos *porém* como mais gramaticalizada, *entretanto* e *no entanto* ocupando posições intermediárias na escala, sendo que adquiriram o uso conjuncional adversativo posterior a *contudo* e *todavia*. Diante dessa falta de coesão no paradigma das adversativas, consideramos que a forma mais gramaticalizada é aquela cujo uso conjuncional adversativo emergiu há mais tempo. Sendo assim, uma possível escala de gramaticalidade dos juntivos adversativos, proposta nesse trabalho é: *porém* > *todavia, contudo* > *entretanto* > *no entanto*.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AZEREDO, J. C. *Iniciação à sintaxe português*. 7.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.
- BARRETO, T. M. M. *Gramaticalização das conjunções na história do português*. 1999. Tese de doutorado – Universidade Federal da Bahia, Salvador (Bahia) UFBA, Salvador (Bahia).
- BALLY, C. *Linguistique Générale et Linguistique Française*. 4.ed. Berne: Francke.
- BECHARA, E. *Moderna Gramática Portuguesa*. 37.ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 1999.
- BYBEE, J., PERKINS, R., PAGLIUCA, W. *The evolution of grammar*. Chicago/London: The University of Chicago Press, 1994.
- BYBEE, J. Cognitive processes in grammaticalization. In: THOMASELLO, M. (Ed.) *The New Psychology of Language*. vol. II. New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates Inc., 2002.
- BYBEE, J. Mechanisms of change in grammaticization: the role of frequency. In: JANDA, R.; JOSEPH, B. (Eds.) *The handbook of historical linguistics*. Oxford: Blackwell, 2003. p. 602-623.
- CÂMARA JR, J. *História e estrutura da língua portuguesa*. 2. ed. Rio de Janeiro: Padrão, 1975.
- CARONE, F. *Subordinação e coordenação: confrontos e contrastes*. São Paulo: Ática, 1988.
- CASTILHO, C.M.M. Locativos, fóricos, articuladores discursivos e conjunções no português medieval. Gramaticalização de ende/en e de porende/porém. *Filologia e linguística portuguesa*, São Paulo, Humanitas/FFLCH/USP, n.6, p. 53-100, 1997.
- _____. *Unidirecionalidade ou multidirecionalidade? O problema da gramaticalização*. In: KOLLOQUIUM IN MÜNSTER 2003: DANS BRASILIANISCHE PORTUGIEISCH: PERSPEKTIVEN DER GEGENWÄRTIGEN FORSCHUNG, 1-18 de Janeiro, 2003, n.19, 1997, p.25-64.
- CEGALLA, D. *Novíssima gramática da língua portuguesa*. São Paulo: Nacional, 1967.
- CUNHA, A.G. *Dicionário etimológico da Língua Portuguesa*. 2.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
- DUCROT, O. *Princípios de semântica linguística [Dizer e Não Dizer]*. São Paulo: Cultrix, 1977.

- FRASER, B. *Approaches to discourse particles*. Elsevier Science, 2006.
- GONÇALVES, S.C.L.; LIMA-HERNANDES, M.C.; CASSEB-GALVÃO, V.C. (Orgs.). *Introdução à gramaticalização: princípios teóricos e aplicação*. São Paulo: Parábola, 2007.
- HAIMAN, J. Ritualization and the Development of Language. In: Wm. Pagliuca (Ed.). *Perspectives on Grammaticalization*. Amsterdam: John Benjamins, p.3-28.
- HEINE, B. *et al. Grammaticalization: a conceptual framework*. Chicago: The University of Chicago Press, 1991.
- _____. On the role of context in grammaticalization. In: Wisner, I. (Ed.) *New Reflections on Grammaticalization*. PA, USA: John Benjamins Publishing Company, 2002.
- HEINE, B.; KUTEVA, T. *The Genesis of Grammar: A Reconstruction*. Oxford: Oxford University Press, 2007.
- HOPPER, P.; TRAUGOTT, E. *Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.
- HOUAISS, A.; VILLAR, M. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- KEWITZ, V. *Gramaticalização e semanticização da preposição A e PARA no português do Brasil*. Tese de doutorado. São Paulo: USP, 2007.
- KOCH, I. *Argumentação e linguagem*. 2.ed. São Paulo: Cortez, 1987.
- _____. *A inter-ação pela linguagem*. 3.ed. São Paulo: Contexto, 1997.
- LONGHIN-THOMAZI, S.R. A perífrase conjuncional “só que”: invariância e variantes. *Alfa*, v.47, nº 2, p.139-152, 2003.
- _____. *Corpus diacrônico do Português*. UNESP/São José do Rio Preto. 2007. Disponível em: www.cdp.ibilce.unesp.br.
- _____. Grammaticalization of conjunctions. In: CASTILHO, A. T. (Org.) *História do Português Paulista*. Campinas: UNICAMP/Publicações IEL, 2009.
- MATTOS e SILVA, R. V. Pero e Porém: mudanças em curso na fase arcaica da língua portuguesa. *Boletim de Filologia*, Lisboa: Centro de Linguística de Lisboa, v. II, Tomo XXIX, fasc. 1-4, 129-151, 1984.

MEILLET, A. *Linguistique historique et linguistique générale*. Paris: Librairie Honoré Champion, 1948.

MÓDOLO, M. *A gramaticalização das conjunções correlativas no português*. Tese de doutorado. São Paulo: USP, 2004.

NEVES, M.H.M. *A coordenação interfrasal em português*. 1984. Tese (Livre-docência em Linguística) – UNESP.

_____. O coordenador interfrasal mas - invariância e variantes. *Alfa*, v. 28, p. 21-42, 1984b.

_____. *A gramática funcional*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

NEVES, M.H.M. A gramaticalização e a articulação de orações. *Estudos linguísticos*, p. 46-56, 1998.

_____. *Gramática de usos do português*. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

NUNES, J.J. *Compêndio de gramática histórica portuguesa*. 8.ed. Lisboa: Livraria Clássica Editora, 1975.

PERINI, M. *Gramática descritiva do português*. 2.ed. São Paulo: Ática, 1995.

PEZATTI, E. G.; LONGHIN-THOMAZI, S. R. As construções coordenadas. In: ILARI, R.; NEVES, M.H.M. (Orgs.) *Gramática do português culto falado no Brasil – classes de palavras e processos de construção*. Campinas (SP): Editora da Unicamp, p. 865-932, 2008.

ROCHA, A.P.A. *Gramaticalização de conjunções adversativas em português: em busca da motivação conceptual do processo*. 2006. Tese (Doutorado em Linguística) – Departamento de Letras do Centro de Teologia e Ciências Humanas, PUC-Rio, Rio de Janeiro.

_____. Mudanças semânticas apresentadas por conjunções adversativas em português: o papel da categoria *espaço*. In: CASTILHO, A. T. (Org.) *História do Português Paulista*. Campinas: UNICAMP/Publicações IEL, 2009.

SAID ALI, M. S. *Gramática histórica da língua portuguesa*. 3.ed. São Paulo: Melhoramentos, 1964.

SILVA, T. M. *A constituição do adversativo porém em dados do português arcaico*. (Relatório de Iniciação Científica). UNESP/São José do Rio Preto, 2007.

SIMÕES, J. *Sintaticização, discursivização e semanticização do gerúndio no português brasileiro*. Tese de doutorado. São Paulo: USP, 2007.

STALNAKER, R. Pragmatics. In: DAVIDSON, D.; HARMAN, G. (Ed.). *Semantic of natural languages*. Dordrecht: D. Reidel Publishing Company, 1972. p. 380-397.

SWEETSER, E. *Grammaticalization and Semantic Bleaching*. In: Proceedings of the Fourteenth Annual Meeting of the Berkeley Linguistics Society. Eds. Axmaker, S., Jaisser, A., Singmaster, H, 1988.

_____. *From Etymology to pragmatics*. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

TRAUGOTT, E. From propositional to textual and expressive meanings: some semantic-pragmatic aspects of grammaticalization. In: Lehman, C., Malkiel (Orgs.). *Amsterdam studies in the theory and history of linguistic science*. 24: 245-271, 1982.

_____. *From subjectification to intersubjectification*. Paper presented at the Workshop on Historical Linguistics, Vancouver, Canadá, 1999.

TRAUGOTT, E.; HEINE, B. (orgs.) *Approaches to grammaticalization*. vol. 1. John Benjamins Publishing Company, 1991.

TRAUGOTT, E; KÖNIG, E. The semantic-pragmatics of grammaticalization revisited. In: TRAUGOTT, E., HEINE, B. (Orgs.) *Approaches to grammaticalization*. Vol. 1. John Benjamins Publishing Company, 1991.

VAN DIJK, T. A. *Text and context*. London and New York: Longman, 1977.

VOGT, C & DUCROT, O. *De magis a mas: uma hipótese semântica*. In: VOGT, C. *Linguagem, Pragmática e Ideologia*. 2.ed. aum. São Paulo: Hucitec, 1989.

ANEXO
RELAÇÃO DE TEXTOS INVESTIGADOS

Sigla	Texto
13FR	Foro Real de Afonso X [] Edição de José de Azevedo Ferreira. Lisboa: Instituto Nacional de Investigação Científica, Vol. I, Edição de Estudo Ling?te;stico, 1987.
13LA	Excertos de Legislação Antiga. Edição de J.J. Nunes. In: Crestomatia Arcaica. 4.ed. Livraria Clássica Editora, s.d.
13DSG	A demanda do Santo Graal [1220] Reprodução fac-similar e transcrição crítica do códice 2594 da Biblioteca Nacional de Viena. Organizado por Augusto Magne. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, Vol. II, 1970.
14FS	Flos Sanctorum. In: MACHADO FILHO, A. V. L. <i>Um flos sanctorum trecentista em português.</i> Brasília: Universidade de Brasília, 2007.
14BMP	Bíblia Medieval Portuguesa. Histórias d abreviado Testamento Velho, segundo o Meestre das Historias Scolasticas. Texto apurado por Serafim da Silva Neto. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1958.
14CGE	Crónica Geral de Espanha de 1344. Edição crítica de Luís Filipe Lindley Cintra. In Fontes Narrativas da História Portuguesa. Lisboa: Academia Portuguesa da História. Vol. II, 1954; Vol. IV, 1990.
15BD	Boosco Deleitoso. MAGNE , A. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, vol. I, 1950. p. 3-13.
15CDF	Crónica de D. Fernando. LOPES, Fernão. Introdução, seleção e notas de Torquato de Sousa Soares. Coleção Clássicos Portugueses. Lisboa: Livraria Clássica Editora, 1945.
15CFG	Crónica dos Feitos de Guiné. Azurara, Gomes Eanes. Trechos selecionados por Álvaro J. C. Pimpão. Coleção Clássicos Portugueses. Lisboa: Livraria Clássica Editora, vol. II, 1942.
15CTC	Crónica da Tomada de Ceuta. ZURARA, Gomes Eanes. Edição crítica de Alfredo Pimenta. Lisboa: Livraria Clássica Editora, 1942.
15LC	Leal Conselheiro. D. DUARTE. Trechos escolhidos por F. C. Marques. Coleção Clássicos Portugueses. Lisboa: Livraria Clássica Editora, 1942.
15LO	Livro dos Ofícios. CICERAM, Marco Tullio. Edição crítica, segundo o ms. de Madrid, prefaciada, anotada e acompanhada de glossário, por Joseph M. Piel. Coimbra: Por Ordem da Universidade, 1948.
15CC	A Carta de Pero Vaz de Caminha. CORTESAO, J. (ed.). Lisboa: Portugalia, 1967.
15CDP	Crónica de D. Pedro. LOPES, F. (Edizione critica, con introduzione e

	glossário a cura di Giuliano Macchi. Roma: Edizioni dell'Ateneo, 1966. pp. 119-121, 207-229.
16JA	Livro de José de Arimateia. CASTRO, I. (ed.). Lisboa: Faculdade de Letras de Lisboa, 1984.
16NB	Notícias do Brasil. SOUSA, G. S. (ed.). (Transcrição de Maria da Graça Pericao). Lisboa: Publicacoes Alfa, 1989.
16CDA	Crônica del-Rei D. António. FRIAS, Pedro. Estudo e leitura de Mário Alberto Nunes Costa. Acta Universitatis Conimbrigensis. Coimbra: Coimbra Editora Ltda, 1955.
16CPJ	Cartas dos primeiros jesuítas do Brasil (1538-1553). SERAFIM LEITE, S.I. Comissão do IV Centenário da Cidade de São Paulo, vol. I, s.d.
16HSC	Historia da prouincia de Sãcta Cruz a que vulgarme[n]te chamamos Brasil... G□DAVO, Pero de Magalhães. Lisboa: Officina Antonio Gonsalvez, 1576.
16CDM	Crônica do Felicíssimo Rei D. Manuel. GóIS, D. Nova edição conforme a primeira de 1566. Parte I. Coimbra: Por Ordem da Universidade, 1949.
16CDJ3	LETTERS OF JOHN III – king of Portugal. FORD, J. D. M. Cambridge: Harvard University Press, 1931. Edição digital do Projeto BIT-PROHPOR (Banco Informatizado de Textos do Programa para a História da Língua Portuguesa), coordenado pela Prof ^{ta} Dr ^a Rosa Virgínia Mattos e Silva, Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia.
17CA	Corte na Aldeia, e Noites de Inverno. LOBO, Francisco Rodrigvez. Oferecido ao Senhor Dom Dvarte. Lisboa: Pedro Crasbeeck, 1619.
17FLS	Frei Luis de Sousa. Trechos de várias obras selecionados por Alfredo Pimenta. Coleção Clássicos Portugueses. Lisboa: Livraria Clássica Editora, 1943.
17HA	Historiografia de Alcobaça (Frey Bernardo de Brito e Frei Antonio Brandão). Trechos escolhidos Alfredo Pimenta. Lisboa: Livraria Clássica Editora, 1943.
17LPG	Livro Primeiro do Governo do Brasil (1607-1633). Prefácio de J. C. de Macedo Soares. Ministério das Relações Exteriores. Rio de Janeiro: Seção de Publicações do Serviço de Documentação.
17SS	Serman da Sexagésima. VIEIRA, P. Antonio. In: Magne (org) Sermões de Padre Vieira. Reprodução facsimilada da edição de 1679. São Paulo: Editora Anchieta, s.d
17JVC	Jornada dos Vassalos da Coroa de Portugal. GUERREIRO, Padre Bartolomeu. Coleção Rodolfo Garcia. Rio de Janeiro: Divisão de Publicações e Divulgação, 1966.
17CBS	Cartas Baianas Setecentistas. In: LOBO, Tânia (org.) <i>Cartas Baianas Setecentistas.</i> São Paulo: Humanitas /FFLCH, USP, 2001.

18D	Directório, que se deve observar nas Povoações dos índios do Pará, e Maranhão em quanto Sua Magestade não mandar o contrario. Lisboa, Na Officina de Miguel Rodrigues, Impressor do Eminentíssimo Senhor Cardial Patriarca. MDCCLVIII.
18NA	Necessario Aviso acerca da Igreja e Doutrina dos Papas em Roma. Amorosa e fielmente dado para a advertencia dos que estão na Ditta Igreja. Pelos Missionários Inglezes em Madras. Calcutta, Impressa na Officina da Missão. Ano MDCCLXXXV.
18OS	A Ordem da Salvação ou A Doutrina Christaã brevemente em perguntas e respostas declarada e provada com principaes testemunhos da escritura sagrada. Tranquebar. Em índia Oriental na Costa de Coromandel. Na Estampa dos Missionários delRey de Dennemarck. Anno 1712.
18UA	Do Uso, e Abuso das minhas Agoas de Inglaterra, pello inventor das mesmas Agoas, J. de Castro Sarmiento, doutor em Medicina, do Collegio Real dos Médicos de Londres, e Sócio da Sociedade Real. Impresso em Londres, Em Caza de Guilherme Strahan, anno MDCCLVI.
18TM	Theorica verdadeira das Mares, conforme a philosophia do incomparável cavalhero Issac Newton, pello Dr. Jacob de Casto Sarmiento. Impressa em Londres, anno MDCCXXXVII.
18COPB	Cartas oficiais da Paraíba dos Séculos XVIII e XIX. Fonseca, Maria Cristina de Assis (org.). João Pessoa: Idéia, 2004.
19CAQ	Cartas de Antero de Quental com um prefacio de Teixeira de Carvalho. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1921.
19CGM	Chronica Geral e Minuciosa do Império do Brazil. Desde a descoberta do Novo Mundo ou America até anno de 1879. Pelo Dr. Mello Moraes (A.J. de). Rio de Janeiro: Dias da Silva J?, Typographo-editor, 1879.
19DMA	Discurso recitado pelo Exmo Presidente Miguel de Souza Mello e Alvim, no dia 07 de janeiro de 1842, por ocasião da abertura da Assembléa Legislativa da Província de São Paulo. São Paulo: Typographia Imperial de Silva Sobral, 1812.
19IRP	A Idéia Republicana no Pará. Coletânea de artigos publicados no Diário de Notícias, do Pará, em 1988. Organizados por Lauro Sodré in: Crenças e Opiniões. Belém: Typographia do Diário Oficial, 1896.
19RNG	Relatório da Repartição dos Negócios da Guerra, apresentado Assembléa Geral Legislativa, em 14 de janeiro de 1843, pelo respectivo Ministro e Secretário d'Estado José Clemente Pereira. Rio de Janeiro: Na Typographia Nacional, 1845.
19RV	Relatório de viagem exploradora de Matto-Grosso ao Pará pelo rio Xingu, apresentado ao Ministro da Guerra ? em 1885 ? pelo então Capitão Francisco de Paula Castro. Revista ?O Arquivo?, vol. I. Cuiabá Fundação J?Campos, 1904.

19SPDD	OLIVEIRA, Klebson. <i>Textos escritos por africanos e afro-descendentes na Bahia do século XIX: Fontes do nosso latim vulgar?</i> 2003. v. 2. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador.
20BLA-CRO	Gazeta de Notícias 2/8/1903 – PESSOAS. Eça de Queirós
	Gazeta de Notícias 19/8/1900 – ZOLA
	Gazeta de Notícias 5/10/1902 – JOSÉ DO PATROCÍNIO
	Gazeta de Notícias 8/3/1903 – CARLOS GOMES
	Gazeta de Notícias 21/11/1905 – ARTUR AZEVEDO
	Gazeta de Notícias 25/10/1908 – EMÍLIO ROUËDE
	Correio Paulistano 13/6/1908 – LITERATURA. ALUÍSIO AZEVEDO
	Boitempo (A Falta que Ama) Carlos Drummond de Andrade. Editora Sabiá Ltda, 1968
	Cronicas Efêmeras - Paulo Barre JOÃO DO RIO) JOÃO DO RIO NA REVISTA DA SEMANA - 1916 EDITORIA GIORDANO - SÃO PAULO - SP
	Um episódio em Porto Alegre (Uma fada no front) Rubem Braga Editora Record (Rio de Janeiro 2002) – crônicas do ano 1939
	Os Filhos da Candinha Mario de Andrade. In: Obras completas de Mário de Andrade. Livraria Martins Editôra, 1942
Paulicéia - Ronda da Meia Noite SYLVIO FLOREAL 1ª EDIÇÃO DEZEMBRO DE 2002 - BOITEMPO EDITORIAL EDIÇÃO ORIGINAL - SÃO PAULO - 1925	
20CE-C	CE-C – Cartas Escolhidas Monteiro Lobato Ano do original: 1959 1º e 2º tomo, Editora Brasiliense: São Paulo, 1959.
20GN	Gazeta de Notícias. 1ª metade do século XX.
21FSP	Folha de São Paulo. ano: 2001 a 2009.

Autorizo a reprodução xerográfica para fins de pesquisa.

São José do Rio Preto, 18 de maio de 2010.